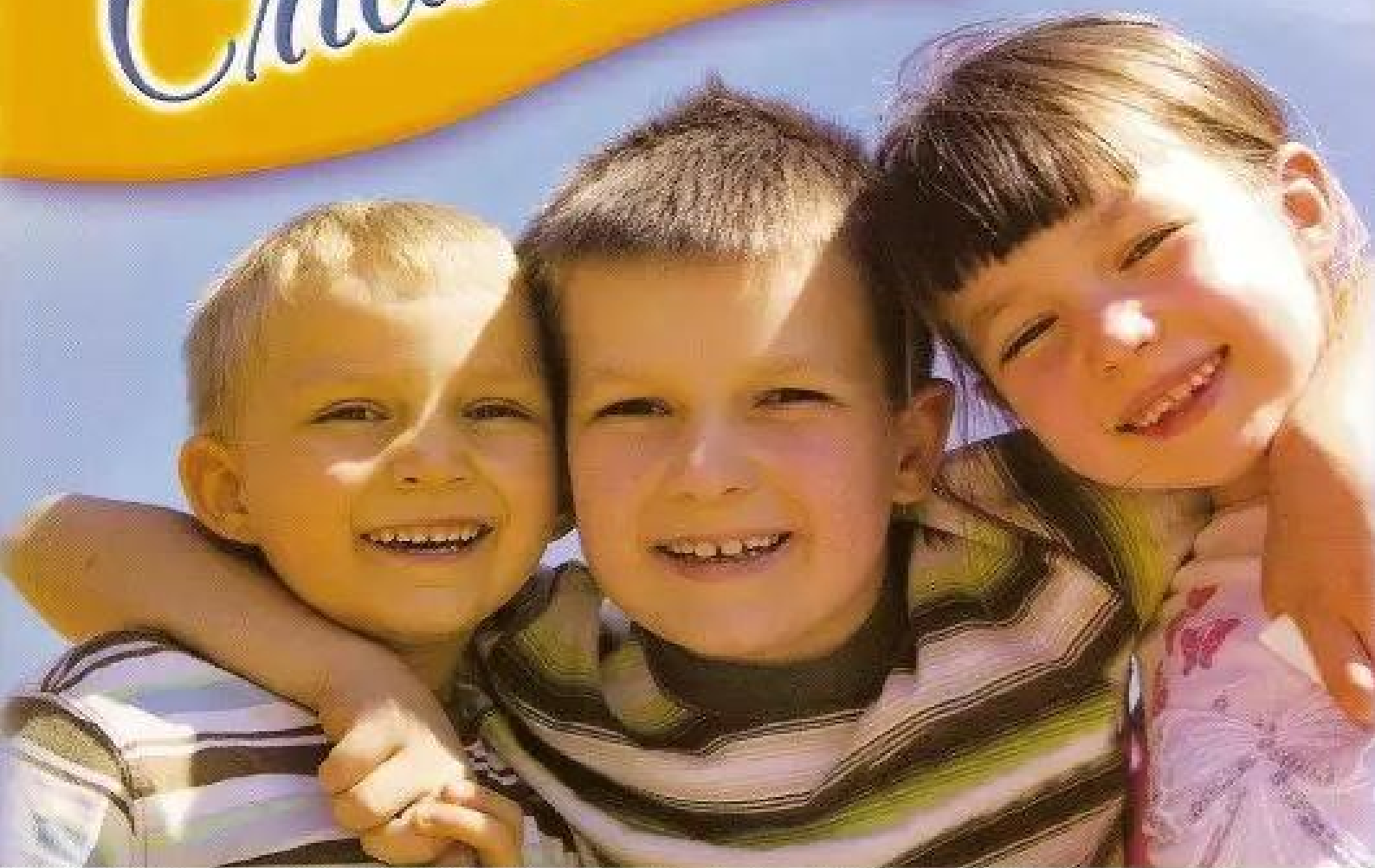


Waldehir Bezerra de Almeida

Criança



Uma abordagem espírita



CASA EDITORA

O CLARIM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

CRIANÇA – Uma abordagem espírita

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela *vida*.

A Jesus pelo *caminho* apontado.

A Kardec pela *verdade* do Espiritismo por ele codificado.

A minha saudosa mãe, pelo amor, exemplo de luta e proteção que me conduziram até aqui.

A Lucinda, extremada esposa e mãe, que sempre renunciou aos seus interesses para que eu possa cooperar com o movimento espírita.

A Noêmia Cerveira Rosmaninho, amiga incondicional, que me estendeu a mão e me ofereceu amor fraterno, despertando-me a consciência espírita.

Aos filhos Lúcio, Luciene, Lucile e Luciano, que sempre nos honraram, conforme aprenderam com O Evangelho Segundo o Espiritismo.

A todos os companheiros de jornada que se tomaram meus amigos, amparando-me e encorajando-me a não desistir da luta redentora e, em especial, aos fratemistas da Organização Social Cristã-Espírita André Luiz – OSCAL, com os quais muito aprendi.

Ao amigo Renato Cunha, pela revisão deste livro, tomando-o mais agradável de se ler e minimizando, consideravelmente, as minhas agressões ao nosso idioma.

PALAVRAS INICIAIS

Temos a certeza de que o conceito pleno de criança, numa visão espírita, não pode ser alcançado nesta obra. As revelações feitas pelos Espíritos Superiores e que deram origem ao Espiritismo ainda não foram satisfatoriamente assimiladas por nós. Debato-nos, por enquanto, nas dificuldades conceituais oriundas das diferenças de evolução moral e intelectual entre os mundos visível e invisível superior.

Cari Gustav Jung (1875-1961), o criador da psicologia analítica, disse que não somos criadores de nossas ideias, mas apenas seus porta-vozes. Como espírita, acredito nisso por duas razões. A primeira é que, quando nos colocamos a disposição do Alto para realizar alguma coisa na direção do Bem, os seus Mensageiros nos inspiram, fazendo com que tudo saia melhor do que se o fizéssemos sozinho. A outra razão é que – parafraseando Goethe –, se fosse suprimido tudo o que escrevi das almas e dos Espíritos com os quais aprendi, pouco ou nada restaria que pudesse ser considerado de minha lavra. Talvez caiba a mim somente o mérito de condensar e divulgar tão significadoras verdades e ensinamentos, que, espero, sejam de grande valia para os que tenham a paciência ou curiosidade de as lerem.

O que me impulsionou a escrever este livro foi o fato de presenciar jovens pais – frequentadores e trabalhadores de casas espíritas – criando seus filhos como se fossem almas recém-criadas por Deus, sem saber aproveitar racionalmente as condições passageiras de inocência e pureza para reeducá-las. Observo pais inexperientes não distinguindo os instintos das tendências que todos trazemos de existências passadas, creditando as deformações de caráter já apresentadas nos primeiros anos de vida ao estágio da infância, não admitindo nenhuma jaça em uma criança, acreditando ser ela pura por natureza. É ainda a permanência das teorias reducionistas de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), em que a criança nasce pura e se corrompe com a sociedade, devendo, por isso, dela se defender.

Outro fato que me comoveu foi ver jovens homens e mulheres, cheios de sonhos, casarem-se, planejando uma família composta de crianças lindas e inteligentes, e frustrarem-se com a chegada do primeiro filho

portador de alguma deficiência. Mesmo tendo conhecimento doutrinário, não entendiam muito claramente aquela situação: as informações a respeito, que lhes interessavam naquele momento crucial, encontravam-se esparsas, dificultando-lhes o esclarecimento e a consolação. Buscamos, então, alguns ensinamentos em diversas obras, mesmo não espíritas, e juntamo-los para facilitar o estudo e a compreensão do fato.

Fica a nossa esperança de que, na bateia de garimpagem literária que fizemos, os jovens pais encontrem algumas pepitas espirituais valiosas e, com elas, elaborem um colar de renúncia, de coragem, de resignação e de amor, virtudes necessárias à nobilitante tarefa de reeducar almas que renascem na condição de filhos.

Esperamos, ainda, que as informações aqui contidas possam servir de apoio aos evangelizadores, aos alunos do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita-ESDE, aos palestrantes, aos trabalhadores da área de Atendimento Fraternal e aos que se dedicam ao acolhimento das gestantes nas casas espíritas. O entendimento do que é a criança, numa visão espírita, favorece que se conheça melhor o homem, qualquer que seja o ângulo de observação adotado.

Quanto à bibliografia, alguns esclarecimentos se fazem necessários. Para não cansar o leitor, colocamos as citações das obras kardecistas inseridas no próprio texto, já que a elas muito recorreremos. As abreviações são:

- AP – A Prece;
- CI – Céu e Inferno;
- EE – O Evangelho Segundo o Espiritismo;
- GE – Gênese;
- LE – O Livro dos Médiuns;
- OP – Obras Póstumas;
- RE – Revista Espírita.

As citações de obras de outros autores, espíritas e não espíritas, fizemo-las ao pé da página, facilitando ao leitor interessado a consulta às fontes utilizadas.

INTRODUÇÃO

A introdução de um livro deve servir sempre como uma preparação para o que nele se vai tratar. No entanto, tenho certeza de que o leitor não sentirá dificuldade em me entender se eu assim não o fizer, pois as abordagens de cada tema serão feitas de forma simples e não irão muito além do que, talvez, você já conheça. Por essa razão, preferi, antes, falar de uma visão não espírita de criança, permitindo-nos uma comparação com a visão espírita.

Um estudo, mesmo que superficial, na busca do conceito de criança ao longo do tempo, no mundo ocidental, nos levou a revelações assustadoras e à conclusão de que ela nem sempre mereceu o entendimento, a compreensão e o amor que hoje recebe da grande maioria dos adultos, embora constatado que ainda lhe damos pouco.

O entendimento do que é uma criança e da fase de infância variou no tempo e no espaço, sempre atrelado aos sistemas filosóficos e antropológicos reinantes e às interpretações religiosas que se emprestavam a Deus, à sua criação e à dinâmica da vida.

A consciência de que a criança é um fator de reforma moral e espiritual da Humanidade somente se plenifica quando o adulto sabe de onde ela veio, para que veio e para onde vai, após a sua desencarnação. São a filosofia e a religião que vêm fornecendo, ao longo da História, elementos reflexivos para o alcance dessa consciência. Nesse sentido, nenhuma outra doutrina superou o ensinamento que é dado pelo Espiritismo: “As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhe possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência” (LE, q. 385). Essa afirmativa traz na sua singeleza os elementos essenciais para a compreensão verdadeira do que é uma criança. Se elas chegam até nós enviadas por Deus, têm a sua chancela como tudo na Natureza, merecendo uma compreensão mais ampla do que lhes tem sido outorgado quanto ao seu papel em nosso meio. Se voltaram para uma nova existência, é motivo para in-

terrogarmos o porquê e para quê. É razão suficiente para buscarmos entender o sentido de suas virtudes aparentes, tais como a inocência e a pureza, e o porquê de a precocidade intelectual ser dada a poucas e o sofrimento a uma porção bem maior.

No passado, a criança era tida como um adulto incompleto. Logo cedo se misturava aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. A promiscuidade era intensa em todos os sentidos. As escolas eram poucas e para poucos, sendo a educação garantida pela convivência com os mais velhos, sem se levar em conta se era inconveniente ou não para a criança. A aprendizagem das artes e dos ofícios a criança adquiria ajudando os profissionais.

Somente recebia carinho enquanto fosse uma “coisa engraçadinha”, nos primeiros anos de vida. Quando morria, em geral, não havia muitas lamentações: para uns era uma boca a menos para alimentar; para outros não fazia diferença, pois seria substituída imediatamente – os índices de mortalidade quase se equiparavam ao de natalidade. Quando a criança conseguia superar os primeiros perigos e sobreviver ao tempo da “papuricação”, era comum que passasse a viver em outra casa que não a da sua família. “O sentimento entre os cônjuges, entre os pais e filhos, não era necessário à existência nem ao equilíbrio da família: se ele existisse, tanto melhor”¹.

Philippe Ariès, ao fazer vasta e profunda pesquisa da história social da criança, encontrou evidências de que foi necessário um longo tempo para que realmente se arraigasse o *sentimento da infância* – termo por ele criado, significando o entendimento que o adulto passou a ter em relação à criança. Ao contrário do que hoje pensamos e

sentimos, a ideia da *infância* como um período peculiar, importante e tão necessário em nossas vidas, não foi sempre um sentimento natural ou inerente à condição humana, afirma ele, assegurando que a descoberta da infância começou no Ocidente, no século XII, e sua evolução pode ser acompanhada na história social, artística e icnográfica dos séculos XV e XVI.

Mas antes de Ariès, a historiografia da Antiguidade nos revela que os filhos não eram esperados nem como fruto do amor de um casal nem como bênção divina. Na Grécia e Roma antigas, a criança do sexo masculino era ansiosamente esperada pelo casal porque ele – o menino—era necessário para continuar o culto dos deuses e dos antepassados, substituindo o pai, responsável efetivo pela liturgia da religião doméstica. “A criança [quando do sexo masculino] era apresentada aos deuses domésticos: uma mulher carregava-a nos braços e, correndo, dava com ele várias voltas ao redor do fogo sagrado. Essa cerimônia tinha duplo objetivo: primeiro, purificar a criança, isto é, tirar-lhe a impureza que os antigos supunham havia contraído pelo único fato da gestação; e depois iniciá-lo no culto sagrado doméstico”². O nascimento de uma menina não satisfazia o objetivo do casamento e nada disso acontecia, o que comprova a ausência de entendimento do significado de uma criança para a vida de todos nós. Não se tinha noção de que ela era um recado de esperança de Deus nos homens.

Para os adultos da Antiguidade, a infância era uma fase sem importância, chegando mesmo a ser tida como desagradável, incômoda. Por isso, não havia sentido fixar a criança na lembrança da família, na pintura ou na escultura. Não se sabe por quê, mas, durante a Idade Média, a partir dos meados do século V, a criança desapareceu das representações e das inscrições funerárias. A arte medieval desconhecia a infância e não a representava. Não havia lugar para ela neste mundo. Contudo, no século XVI, o surgimento de um retrato de criança marcou um momento muito significativo na história dos sentimentos dos pais pelos filhos.

A concepção de alma, para os medievais católicos, estava – como está até hoje – associada às interpretações que a Igreja dava aos textos evangélicos. Encontra-se, na arte dessa época, a alma representada por uma criança nua e assexuada. Uma pintura da época mostra um moribundo exalando uma criança pela boca, simbolizando a

¹ 1. Philippe ARIÈS, em *História social da criança e da família*, prefácio, p. X.

² 2. Fustel de COULANGES, em *A cidade antiga*, p. 84.

partida da alma, ou seja, a morte. Já o nascimento assumia bizarras concepções, sendo representado, em outra pintura, por um casal que repousa no leito, insinuando ter realizado o ato sexual, e por uma criança nua que chega pelos ares e penetra na boca da mulher, sugerindo a fecundação³. Mas isso não significava que os homens sentissem a criança como um ser enviado por Deus e que ela tivesse uma alma como os adultos. Tanto que, no País Basco, enterrava-se a criança morta que não fora batizada no jardim, pois era considerada como um animal de estimação⁴. Portanto, ela somente adquiriria a alma com o batismo!

A noção de inocência, na Idade Média, não se opunha à de razão: a diferença entre a criança e o adulto era tão-somente quantitativa, e não qualitativa. Por falta de uma pedagogia que orientasse os adultos sobre como proceder com as crianças na escola, tudo era feito como se elas fossem adultos incompletos. Infelizmente, esse entendimento se alongou até a Idade Moderna. Theobaldo Miranda Santos, afirma que no século XVU, “os filhos varões das classes mais abastadas frequentavam a escola vestidos de casaca, calções curtos presos ao joelho, tricórnio e espadim, e as meninas, imitando as suas mães, usavam cri-nolina, corpete, cabeleira empoadada e calçado de salto alto”⁵. Segundo Gilberto Freyre, no Brasil, no século XIX, as coisas ocorriam de forma semelhante:

Os meninos, uns homenzinhos à força desde os nove ou dez anos. Obrigados a se comportarem como gente grande: o cabelo bem penteado, às vezes frisando a Menino Jesus; o colarinho duro; calça comprida; roupa preta; botinas pretas; o andar grave; os gestos sisudos; um ar tristonho de quem acompanha um enterro [...]; seu traje o de homens feitos. Seus vícios, os de homens [...]. Foi quase um Brasil sem meninos, o dos nossos avós e bisavós.⁶

O sentimento de amor à criança, a partir de uma mais avançada concepção sobre ela, não se deu de forma plena em todos os lugares e ao mesmo tempo. Começou a se desenvolver socialmente a partir do século XVI, fortalecendo-se, sobretudo, no final do século XVII, quando surgiu – pasme o leitor – uma forte reação. Montaigne se manifestou irritado: “Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimento da alma, nem forma reconhecível no corpo pela qual se possam tomar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem alimentadas na minha frente”⁷. Um século depois, moralistas e educadores ainda partilhavam da repugnância de Montaigne com relação às crianças.

Em pleno século XVII, a filosofia e a teologia manifestavam sua aversão à criança de maneira inconcebível na atualidade. Badinter fez um estudo da condição da criança antes de 1760 e concluiu que ela amedrontava a sociedade e era para essa um estorvo, sendo merecedora de desprezo!⁸ Santo Agostinho – afirma Badinter – muito colaborara para que a criança representasse uma ameaça para os adultos. Na sua obra *Cidade de Deus* (Livro X, cap. 22), o bispo de Hipona refere-se à criança como um ser ignorante, apaixonado e caprichoso: “Se o deixássemos fazer o que lhe agrada, não há crime em que não se precipitasse”⁹. O pensamento Agostiniano reinou por muito tempo na história da pedagogia. Constantemente retomada até o fim do século XVn, manteve uma atmosfera de dureza na família e nas novas escolas.

O sentimento moderno de infância que hoje temos teve início com Rousseau, quando associou a infância ao primitivismo e ao irracionalismo. O filósofo genebrino apregoava que a criança nasce pura, por isso deve

³ Philippe ARIÉS, em *História social da criança e da família*, p. 20.

⁴ *Idem*, p. 22.

⁵ Citado por Ney LOBO, em *Filosofia espírita da educação*, p. 257.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Philippe ARIÉS, em *História social da criança e da família*, p. 101.

⁸ Elisabeth BADINTER, em *Um amor conquistado*, cap. 2.

⁹ *Idem*, p. 57.

crescer de acordo com a natureza, distante do contato com a sociedade, pois essa iria conspurcá-la. A partir de então, passou-se a ter preocupação em separar a criança do adulto e se tomar cuidado com os acontecimentos em sua volta. Não obstante a ingenuidade naturalista de Rousseau, depois da publicação de seu livro *Émile*, em **1762**, todos os pensadores que se ocupavam da infância retomam, durante dois séculos, ao pensamento rousseauiano para levar mais adiante as suas implicações na compreensão e educação da criança. Não obstante erros e acertos nas teorias do autor de *Émile*, devem-se a ele as novas ideias sobre o sentimento do amor materno e os cuidados com a criança. Elas deram o impulso inicial à constituição da família moderna, à família fundada no amor materno, na qual a criança era esperada como uma dádiva divina, passando a ser a esperança de uma sociedade melhor.

Mesmo assim, o respeito e amor devidos à criança não se generalizaram tão rapidamente. Ainda na segunda metade século XIX, durante a Revolução Industrial na Inglaterra, criança era sinônimo de força de trabalho e tinha valor mercantil. Por isso, em **1756**, um célebre “filantropo”, Monsieur de Chamousset, afirmava o quanto era importante para o Estado a preservação das crianças. Ele se referia à sua capacidade de trabalhar nas minas de carvão e nos teares. Aos proletários era incentivada a família numerosa. Cada filho representava um lucro a mais. Se hoje condenamos veementemente a exploração do trabalho infantil, exigindo que a criança vá à escola, que brinque e pratique esporte; no início do século XVIII, isso seria uma heresia e talvez um crime de lesa-majestade na Inglaterra. Vejamos um texto de Daniel Defoe, citado por Huberman:

Entre as residências dos patrões estão espalhadas, em grande número, cabanas ou pequenas moradias, nas quais residem os trabalhadores empregados, cujas *mulheres e filhos estão sempre ocupados*, cardando, fiando, etc., de forma que, não havendo desempregados, todos podem ganhar o seu pão, desde o mais novo ao mais velho. *Quase todos os que têm mais de quatro anos ganham o bastante para si*. E por isso que vemos tão pouca gente nas ruas; mas se batemos a qualquer porta, vemos uma casa cheia de pessoas ocupadas, algumas mexendo com tintas, outros dobrando a fazenda, outras no tear... todas | trabalhando, empregadas pelo fabricante e aparentemente tendo bastante o que fazer...¹⁰ (grifamos)

É chocante, não é? Pensar em crianças de quatro anos de idade trabalhando para se manter vivas! Diante do horror, buscamos nos acalmar, acreditando que tudo se passou no século XVIII apenas. Huberman apresenta um relatório publicado pelo State Department of Labor, em setembro de **1934**, revelando que, no estado de Connecticut, havia crianças de dois anos trabalhando nas indústrias de artigos metálicos!¹¹

Mesmo amadas e entendidas como o futuro moral e espiritual do nosso Planeta, as crianças de hoje continuam sendo exploradas no trabalho, tendo sua formação moral deturpada pelas agressões físicas e sexuais. O IBGE publica que **12,72%** da população brasileira economicamente ativa encontra-se na faixa etária entre **7 a 17** anos! No Distrito Federal, **515.846** meninos, com idade entre **5 e 17** anos, trabalham executando todos os tipos de serviços, com jornadas excessivas de trabalho, com pouca ou nenhuma remuneração (*Correio Braziliense*, **16/06/2005**, p. **16**).

O Espiritismo, como ciência, filosofia e religião, nos dá a verdadeira dimensão do significado e importância da criança para a Humanidade e, em especial, para os pais. Para a Terceira Revelação, representa o infante o meio pelo qual se processa a purificação e melhoria moral e espiritual do conjunto de habitantes do Planeta.

Para a Doutrina Espirita, a infância é uma transição, enquanto que, para certas religiões e correntes filosóficas, é um estado inicial e absoluto do ser humano, razão pela qual jamais poderão entendê-la na sua completude. Daí as concepções disparatadas de que a criança é simplesmente um adulto incompleto; ou de que ela é, na essência, uma alma pura, pois foi criada no momento da fecundação ou do seu nascimento. “O que é

¹⁰ **10.** Leo HUBERMAN, em *História da riqueza do homem*, p. **131**.

¹¹ **11.** /dem, p. **135**.

inocente nas crianças é a debilidade dos membros infantis, e não a alma”¹².

Quais as contribuições da Doutrina Espírita para a compreensão do que seja realmente uma criança e da importância que tem a infância? Os atos indesejáveis praticados pela criança são simplesmente irracionalidades ou produtos de suas imperfeições como Espíritos involuídos e reencarnados? Ney *Lobo* afirma: “Se por um lado a educação moderna, mais nitidamente a partir de Rousseau, não considera a criança como um adulto em miniatura, por outro lado, a educação espírita terá de admitir a possibilidade de que determinadas crianças sejam adultas, isto é, Espíritos evoluídos inscritos temporariamente em organismo infantil”¹³

Neste desprezioso trabalho, nos propomos a dizer o que é uma criança na visão espírita, chegando à conclusão de que evoluímos bastante em relação ao assunto e alimentando a esperança de que os temas escolhidos ajudem os pais, familiares e educadores a melhor compreendê-la na sua totalidade.

REFLEXÃO

*A lenda da Criança*¹⁴

Dizem que o Supremo Senhor, após situar na Terra os primeiros homens, dividindo-os em raças diversas, esperou, anos e anos, pela adesão deles ao Bem Eterno. Criando a todos para a liberdade, aguardou pacientemente que cada um construísse o seu próprio mundo de sabedoria e felicidade. A vista disso, com surpresa, começou a ouvir do Planeta Terrestre, ao invés de gratidão e louvor, unicamente desespero e lágrimas, blasfêmias e imprecções, até que, um dia, os mais instruídos, amparados no prestígio de Embaixadores angélicos, se elevaram até Deus, a fim de suplicarem providências especiais. E, prosternados diante do Todo-Poderoso, rogaram cada qual por sua vez:

—Pai, tem misericórdia de nós!... Repartimos a Terra, mas não nos entendemos... Todos reprovamos o egoísmo; no entanto, a ambição nos enlouquece e, um por um, aspiramos a possuir o maior quinhão!.. .

—Oh, Senhor!... Auxilia-nos!... Deste-nos a autonomia; contudo, de que modo manejá-la com segurança? Instituíste-nos códigos de amparo mútuo; no entanto, ai de nós!... Caímos, a cada passo, pelos abusos de nossas prerrogativas!...

- Santo dos Santos, socorre-nos por piedade!... Concedeste-nos a paz e hostilizamo-nos uns aos outros. Reuniste-nos debaixo do mesmo Sol!... Nós, porém, desastrosamente, em nossos desvarios, na conquista de domínio, inventamos a guerra... Ferimo-nos e ensanguentamo-nos, à maneira de feras no campo, como se não tivéssemos, dada por ti, a luz da razão!...

-Pai Amantíssimo, enriqueceste-nos com os preceitos da justiça; todavia, na disputa de posições indébitas, estudamos os melhores meios de nos enganarmos reciprocamente, e, muitas vezes, convertermos as nossas relações em armadilhas nas quais os mais astuciosos transfiguram os mais simples em vítimas de alucinadoras paixões... Ajuda-nos e liberta-nos do mal!...

- Ó Deus de Infinita Bondade, intervém a nosso favor! Inflamaste-nos os corações com a chama do gênio, mas habitualmente resvalamos para os despenhadeiros do vício... Em muitas ocasiões, valemo-nos do raciocínio e da emoção para sugerir a delinquência ou envenenar-nos no desperdício de forças, escorregando para as trevas da enfermidade e da morte!...

Conta-se que o Todo-Misericordioso contemplou os habitantes da Terra, com imensa tristeza, e exclamou, amorosamente:

-Ah! meus filhos!... meus filhos!... Apesar de tudo, eu vos criei livres e livres sereis para sempre, porque, em nenhum lugar do Universo, aprovarei princípios de escravidão!...

¹² 12. Santo AGOSTINHO, em *Confissões*, p. 36.

¹³ 13. ----- Ney LOBO, em *Filosofia espírita da educação*, p. 263.

¹⁴ 14. Francisco Cândido XAVIER, em *Estante da vida, pelo Espírito Irmão X*, p. 87.

- Oh! Senhor - soluçaram os homens -, compadece-te então de nós e renova-nos o futuro!... Queremos acertar, queremos ser bons!.. .

O Todo-Sábio meditou, meditou...

Depois de alguns minutos, falou comovido:

- Não posso modificar as Leis Eternas. Dei-vos o Orbe Terreno e sois independentes para estabelecer nele a base de vossa ascensão aos Planos Superiores. Tereis, constantemente e seja onde for o que fizerdes, em função de vosso próprio livre-arbítrio!... Conceder-vos- ei, porém, um tesouro de vida e renovação, no qual, se quiserdes, conseguireis engrandecer o progresso e abrilhantar o Planeta... Nesse escrínio de inteligência e de amor, disporeis de todos os recursos para solidificar a fraternidade, dignificar a ciência, edificar o bem comum e elevar o direito... De um modo ou de outro, todos tereis, doravante, esse tesouro vivo, ao vosso lado, em qualquer parte da Terra, a fim de que possais aperfeiçoar o mundo e santificar o porvir!...

Dito isso, o Senhor supremo entrou nos Tabernáculos Eternos e voltou de lá trazendo um ser pequenino nos braços paternais...

Nesse augusto momento, os atormentados filhos da Terra receberam de Deus a primeira criança.

1 A CRIANÇA, O QUE ELA É?

As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhe possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência (LE: q. 385).

Todos sabemos o que é uma criança. No entanto, se nos perguntarem o que ela é, vamos nos surpreender com a pergunta, aparentemente tão sem propósito, para, em seguida, perceber que a resposta não é tão simples como parecia. O educador, o pediatra, o político idealista, o religioso e tantos outros, possivelmente, terão respostas distintas para a mesma indagação. O primeiro dirá que a criança é o vaso perfeito para nele se plantar o gosto pelo conhecimento e as virtudes que caracterizam o homem de bem; o pediatra talvez responda que é o organismo do futuro homem, o qual deve merecer toda a atenção para gozar de boa saúde; o político idealista discursará que ela é o futuro da nação e para ela deverá convergir toda a atenção do governo. O religioso, independentemente da natureza de sua crença, reconhecerá na criança uma dádiva divina, um recado de esperança na melhoria da Humanidade, solicitando-nos educação e amor. O leitor não fique constrangido se não pensou em nenhuma dessas respostas. Mesmo diferente de todas, a sua poderá ser também válida. É possível que ainda não saibamos o que significa, para cada um de nós, uma criança na sua totalidade. Na França, os educadores do Século das Luzes já buscavam essa resposta. Rousseau, um dos filósofos da época, afirmava que os educadores não conheciam a infância e que as ideias que dela faziam eram falsas, rogando a eles que estudassem mais e melhor seus alunos.

As dificuldades continuam até hoje. A conceituação do termo “criança” passa por diversas áreas do conhecimento humano, tais como a filosofia, a pedagogia, a política. A ideia de criança não é consensual entre elas, devido à inexistência de limites etários precisos dessa condição. Para alguns estudiosos, a fase de criança começa quando se nasce; para outros, a partir do feto em gestação, surgindo daí os “direitos” a ele inerentes, já que a infância tem início no ventre materno.

Considerando-se os diversos ângulos que podem delimitar a fase em que o ser humano é uma criança e a que deixa de ser, o problema se afigura complicado. Qual o critério a ser adotado para a limitação da fase infantil: o etário ou o psicológico? O biológico ou o espiritual?

A tradição jurídica inaugurada pela “Convenção sobre os Direitos da Criança” considera como tal todo ser humano menor de **18** anos, exceto se, nos termos da lei, atingir mais cedo a maioridade (art. 1^a). Nos dias de hoje, em razão da rápida maturidade psicológica e mesmo biológica que os jovens alcançam, desenvolve-se na sociedade uma resistência em admitir que, aos **17** anos, sejam eles ainda crianças. Mesmo com **12** anos, o filho não aceita ser considerado criança pelos seus pais, ao lado dos seus amiguinhos, pois já se considera “homem”.

Chamá-lo de “criança” é fazê-lo “pagar um mico”, como dizem eles.

Outros contextos e tradições jurídicas, contudo, consideram que a infância termina mais cedo (no fim do ensino obrigatório, por exemplo). Para efeito de trabalho, as convenções internacionais sobre a idade mínima de acesso ao trabalho remunerado têm, em épocas sucessivas, alterado os limites do que se considera “criança”, sendo, atualmente, essa idade os **16** anos.

O dicionário Houaiss registra que criança é o “ser humano que se encontra na fase da infância; indivíduo que se encontra na fase que vai do nascimento à puberdade; ser humano que não é adulto, pessoa jovem”, enquanto que, para o termo “infância”, estabelece o “período que vai do seu nascimento ao início da adolescência; período da vida que é legalmente definido como aquele que vai desde o nascimento até os **12** anos, quando se inicia a adolescência”. Neste livro consideramos também essa idade como limite para ser criança, muito embora, em situações especiais, citaremos jovens com idade superior, porém com história que teve início antes dos **12** anos de idade.

Na verdade, os pais e os membros da família pouco se importam com essas conceituações: são orientados mais pelo sentimento do que pela razão. O que lhes tocam são a *inocência* e a *pureza*, que bem caracterizam a fase da infância.

Vamos, então, primeiramente, conceituar infância estudando esses dois aspectos.

2 A INFÂNCIA

*O período infantil, em sua primeira fase, é o mais importante para todas as bases educativas, e os pais espiritistas cristãos não podem esquecer seus deveres de orientação aos filhos, nas grandes revelações da vida.*¹⁵

O termo “infância” traz o conceito de um período da vida que precede a adolescência, quando, então, recebemos o título de criança. Esta fase se caracteriza por uma grande dependência do ser humano com relação aos seus genitores e aos demais membros da família. A alta capacidade de se deixar conduzir e sua plasticidade, tanto física como psicológica, dão ao infante um admirável potencial de aprendizagem e assimilação de impressões e experiências que permanecerão indelévels para o resto da vida. É na infância que, sob a ação dos pais e educadores, a criança se equipa do conjunto de hábitos e maneiras de agir que a preparam para a vida em sociedade.

Segundo Froebel, a infância é o período de dependência e dos “cuidados protetores” dos pais. Espiritual e emocionalmente, a criança e seus pais ainda são uma unidade, assim como o broto vivo, surgindo do ramo, forma com este uma unidade. O crescimento da criança recapitula a história da raça de modo mais definido do que as fases posteriores. O desenvolvimento inicial é os dos sentidos e das atividades motoras, que evoluem em relação orgânica uns com os outros¹⁶.

O período infantil é o mais sério e o mais propício à assimilação dos princípios educativos. *Até aos sete anos, o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência que lhe compete no mundo.* Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre o Espírito e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isso, mais vivas. Eis por que o lar é tão importante para a edificação do homem, e por que tão profunda é a missão da mulher ! perante as leis divinas. *Passada a época infantil, os processos de educação moral, que formam o caráter, tomam-se mais difíceis* com a integração do Espírito em seu mundo orgânico material, e, atingida a maioridade, se a educação não se houver feito no lar, então, só o processo violento das provas rudes, no mundo, pode renovar o pensamento e a concepção das criaturas. A melhor escola de preparação das almas reencarnadas na Terra ainda é o lar, onde a criatura deve receber as bases do sentimento e

¹⁵ **1.** Francisco Cândido XAVIER, em *O Consolador, pelo Espírito Emmanuel*, q. **113**.

¹⁶ **2.** Citado por Frederick EBY, em *História da educação moderna*, p. **448**.

do caráter. Os estabelecimentos de ensino podem instruir, mas só o instituto da família pode educar. E por essa razão que a universidade poderá fazer o cidadão, mas somente o lar pode edificar o homem¹⁷ (grifamos).

É ingenuidade do adulto pensar que, pelo fato de a criança não compreender o que se passa, não há mal nenhum em ter diante dela um comportamento comprometedor. Os educadores do século XIX já vinham se preocupando com certas atitudes dos adultos diante das crianças, ao contrário do que se pensava na Idade Média, quando elas conviviam promiscuamente com os adultos, sem que estes tivessem o menor recato. O Espírito Cécile Monvel trouxe, nesse sentido, sua cooperação numa educativa mensagem mediúnica intitulada “Castidade”:

Uma única palavra impura basta para alterar a pureza de uma criança; uma única criança impura introduzida numa casa de educação pública basta para gangrenar toda uma geração de crianças que, mais tarde, tomar-se-ão homens. [...] Os órgãos da inteligência, nas crianças muito jovens, são como cera mole, apta a receber a moldagem do mais fraco objeto que a toca; e, mesmo por um instante, a deformação.

E quando esta cera, a princípio tão fluida, vier a endurecer, a impressão ficará inapagável (RE, 1863:288-289).

Devemos admitir que a criança registra com extrema nitidez tudo o que se passa a sua frente e tira conclusões segundo sua maturidade, podendo as imagens registradas ser causa de complexos e traumas no futuro. Para se desenvolver normalmente, a infância necessita de um clima familiar sadio e, principalmente, de amor dedicado e carinhoso, o que não significa condescendência com seus caprichos e teimas, que podem ser a manifestação de suas tendências oriundas do seu pretérito espiritual desconhecido por nós.

A infância é, também, um repouso para o Espírito reencarnante, pois ele, para voltar à matéria, é submetido a processos físicos e psicológicos traumatizantes: magnetização, contração perispiritual, esquecimento do passado, esforço para alcançar seu desiderato no útero materno, lutando, às vezes, contra a rejeição dos próprios pais e o assédio nefasto de possíveis credores vingativos, que não desejam a sua libertação.

“A infância é não somente útil, necessária e indispensável, mas também consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo” (LE: q. 385, § 8).

INOCÊNCIA

Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência (LE: q. 199-a).

Com o ar de inocência com que se apresenta, a criança distrai os pais e dificulta-lhes a observação de suas tendências. Como imaginar que aquela alma, animando aquele corpo tão frágil, tão gracioso e dependente, seja alguém guardando na consciência profunda algo imperfeito? A visão do Espiritismo, sem ser desumana e sem desrespeitar o carinho com que os pais olham seus filhos, é bastante racional. Eis o que diz o Codificador com relação à inocência.

Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? *Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a perfídia, até pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão?* A lei civil as absolve de seus crimes, porque, diz ela, obraram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas obram mais por instinto do que intencionalmente. Onde, porém, provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e sujeitas às mesmas influências? *Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito*, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco hão progredido. Sofrem então, por efeito dessa falta de progresso, as consequências não dos atos que praticam na infância, mas dos de suas existências anteriores. Assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela justiça de Deus (LE: q. 199-a) (grifamos).

Como falamos, a Doutrina Espírita não é desumana por demonstrar o que de verdadeiro existe por trás da

¹⁷ 3. -----Francisco Cândido XAVIER, em *O Consolador*, pelo Espírito Emmanuel, q. 109.

fragilidade e inocência da criança, nem também prega policiamento constante dos pais em cima dos filhos, como se fossem detetives implacáveis observando astucioso delinquente. Se a Doutrina é racional em um momento, no seguinte é consoladora e concilia a racionalidade com o amor. E ainda Allan Kardec que diz:

Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança necessita de cuidados especiais, que somente a ternura materna lhe pode dispensar, ternura que se acresce da fraqueza e da ingenuidade da criança. *Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo e assim era preciso que fosse, para lhe cativar a solicitude. Ela não houvera podido ter-lhe o mesmo devotamento, se, em vez da graça ingênua, deparasse nele, sob os traços infantis, um caráter viril e as ideias de um adulto e, ainda menos, se lhe viesse a conhecer o passado* (EE: cap. VIII, item 4) (grifamos).

Podemos entender, definitivamente, que o Espírito somente se mantém na condição de criança por se acharem ainda adormecidas as ideias, os sentimentos e as experiências que lhe embasam o caráter. Durante o tempo em que suas tendências se conservam adormecidas no seu inconsciente espiritual, impedidas de se manifestar plenamente, a criança se toma mais maleável e, por isso mesmo, mais acessível às impressões capazes de lhe modificarem a natureza e de fazerem-na progredir. A tarefa para os pais fica bem mais fácil dessa forma. É a Natureza agindo sábia e amorosamente. O Espírito, pois, enverga temporariamente a túnica da inocência, mas, diante de pais conhecedores de sua origem, não conseguirá esconder suas tendências.

APUREZA

A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade. Exclui toda ideia de egoísmo e de orgulho. Por isso é que Jesus toma a infância como emblema dessa pureza, do mesmo modo que a tomou como o da humildade (EE: cap. VIU, item 3).

O filósofo genebrino Rousseau defendeu a tese de que a criança nasce pura, mas é corrompida pelos homens e pelo meio ambiente. Pensava assim, também, o filósofo Voltaire: “Reuni todas as crianças do universo, e não vereis nelas senão inocência, doçura e timidez; se houvessem nascido más, malfeitores, crueis, mostrariam algum sinal, tal como as serpentes procuram morder e os tigrinhos arranham”¹⁸. No entanto, os Espíritos informaram a Kardec, no século XIX, que não é bem assim. A criança é um Espírito adulto, com erros e acertos, que retoma à carne para se aperfeiçoar, fazendo uso do seu livre-arbítrio.

A criança não é um modelo de pureza como somos levados a sentir frente à sua beleza, dependência e impossibilidade em dizer quem ela é realmente e a que veio. Como explicita o Codificador do Espiritismo com muita sabedoria, “a pureza de coração é inseparável da *simplicidade* e da *humildade*. Exclui pensamento de *egoísmo* e de *orgulho*” (grifamos).

Em uma criança, presenciamos essas virtudes e ficamos fascinados, considerando-a pura, mas, em verdade, ela se apresenta naquela fase, daquela forma, para facilitar o trabalho dos pais e conquistar-lhes o amor. Os Mentores Maiores nos ensinam que, até os sete anos de idade, o Espírito não está integralmente ligado ao corpo físico. Em razão disso, o reencarnante está à espera de ser reeducado, demonstrando-se dócil, aberto às sugestões, impedido pela organização física, ainda em formação, de ser diferente do que é e apresentando-se com as virtudes destacadas.

A interpretação de que a criança é pura, no sentido de não ternenhum “pecado” e de ser merecedora incondicional do Reino de Deus, baseada no Evangelho de Mateus, jamais esteve de acordo com a Justiça Divina. Os ensinamentos do Mestre Jesus foram ministrados, na maioria das vezes, em forma alegórica, pois seus contemporâneos assim os entenderiam. Outra razão da alegoria é que as verdades trazidas por Ele deveriam caminhar por séculos na esteira do tempo, sendo reinterpretadas segundo a época e o entendimento de cada povo. Allan Kardec, com o facho glorioso da luz do Espiritismo, no capítulo VIU, item 19, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, desfaz a interpretação equivocada até então dada à passagem evangélica,

¹⁸ 4. VOLTAIRE, em *Dicionário filosófico, verbete mau*, p. 230.

citada por Mateus: “Em verdade vos digo que, *se não vos converterdes e não vos tomardes como as crianças*, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele que *se tomar pequenino como esta criança*, esse é o maior no Reino dos Céus” (Mt **18:1-4**, Bibliade Jerusalém) (grifamos).

Sem nos atermos apenas à letra, mas também ao seu “espírito”, notamos que primeiro Jesus diz aos circunstantes que *se convertam*, sem dúvida, à doutrina do amor, do perdão e da humildade que Ele pregava. Depois de convertidos e enobrecidos em seus atos e sentimentos, o passo seguinte seria se identificarem *como* uma criança e, dessa forma, estariam aptos ao Reino dos Céus. Destaque-se, ainda, o termo *peque nino*, que contém a ideia alegórica de *humilde*: “[...] com efeito aquele que no vosso meio for o *menor*, esse será grande” (Lc **9:48**).

O Teólogo Fabris, fazendo um balanço histórico-crítico da vida de Jesus, entende que as declarações de Jesus nessa passagem se enquadram no contexto social em que as crianças e as mulheres, tal como os escravos, são considerados imaturos e irresponsáveis, privados de direitos e dignidade humana em todos os níveis, e que o Mestre faz da “criança” um modelo de atitude diante do Reino de Deus projetado no futuro. Logo, Fabris não vê naquela declaração a certeza do Reino de Deus para as crianças¹⁹. A interpretação do Teólogo, com base na condição humilhante das crianças e mulheres, de que Jesus via ali uma oportunidade de exaltar os pequenos, combatendo o orgulho e vaidade do seu povo, encontra ressonância em Mateus, quando o Apóstolo, após narrar a multiplicação dos pães e dos peixes feita por Rabino Jesus, assim conclui: “Ora, os que comeram eram cerca de cinco mil homens, *sem contar mulheres e crianças*” (Mt **14:13-21**) (grifamos). Como vemos, o publicano convertido não se safou da força cultural de sua época, não contando as mulheres e as crianças porque não eram significativas para o que acontecera.

Com a palavra o Espírito João Evangelista, cuja mensagem Kardec publicou:

Disse o Cristo: “Deixai que venham a mim as criancinhas”. Profundas em sua simplicidade, essas palavras não continham um simples chamamento dirigido às crianças, mas, também, o das almas que gravitam nas regiões inferiores, onde o infortúnio desconhece a esperança. Jesus chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravizados e os viciosos. Ele nada podia ensinar à infância física, presa à matéria, submetida ao jugo do instinto, ainda não incluída na categoria superior da razão e da vontade que se exercem em tomo dela e por ela (EE: cap. VIU, item **18**).

Entendendo dessa forma a pureza da criança, melhor nos preparamos emocional e racionalmente para reeducá-la como sendo um Espírito em evolução.

REFLEXÃO A Infância²⁰

A infância é o sorriso da existência no horizonte da vida.

Representa esperança que o pessimismo não pode modificar. É mensagem de amor para o cansaço no refúgio do desencanto, a fulgir no sacrário da oportunidade nova.

É experiência em começo que nos compete orientar e conduzir.

É luz a agigantar-se aguardando o azeite de nosso desvelo.

E sinfonia em preparação... nota solitária que o Músico Divino utilizará na sucessão dos dias para a grande mensagem ao mundo conturbado.

Atendamos o infante oferecendo, à manhã da vida, a promessa de um futuro seguro.

Nem a energia improdutiva;

nem o carinho pernicioso;

nem a assistência socorrista prejudicial às fontes do valor pessoal;

¹⁹ **5**.----- Rinaldo FABRIS, em *Jesus de Nazaré: história e interpretação*, p. **114**.

²⁰ **6**. Divaldo Pereira FRANCO, em *Compromissos iluminativos, pelo Espírito Bezerra de Menezes*, p. **31-32**.

nem a negligência em nome da confiança no Pai de Todos;

nem a vigilância que deprime;

nem o arsenal de descuidos em respeito falso ao futuro homem...

Mas, acima de tudo, comedimento de atitudes com manancial farto de recursos pessoais e exemplos fecundos, porquanto as bases do futuro encontram-se na criança de hoje, tanto quanto o fruto do porvir dormita na flor perfumada de agora.

Cuidemos do infante, oferecendo o carinho fraterno dos nossos recursos, confiados de que, um dia, seremos convidados a oferecer ao Pai Misericordioso o resultado da nossa atuação junto àquele cuja guarda esteve aos cuidados do nosso coração.

3 DE ONDE VÊM AS ALMAS DAS CRIANÇAS?

A alma [...] vem de Deus; é, em nós, o princípio da inteligência e da vida. Essência misteriosa, escapa à análise, como tudo quanto dimana do Absoluto (Léon Denis).

Do latim *anima* (sopro, ar, emanção), a alma é tida como o *princípio* da vida. Todos temos consciência imediata da existência em nós desse *princípio imanente*, que dá vida ao nosso corpo e que dá origem às nossas ações e atividades, as quais são inexplicáveis unicamente pelas forças físico-químicas e biológicas de nosso organismo, como apregoa o materialismo.

Para entender o que seja alma, basta contemplar um cadáver, ou seja, um corpo sem alma. Há pouco tempo aquele corpo podia ver. Seus órgãos visuais ainda estão intactos, no entanto o cadáver não vê mais porque lhe falta a alma. O conhecimento, a técnica, a arte, a ciência, as virtudes e, também, os vícios foram-se com a alma, porque a ela pertenciam.

A alma é um ser incorpóreo e depende do corpo somático para realizar suas atividades aqui no plano material, mas transcende àquele porque preexistia e permanecerá viva após a morte. “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma” (Mt 10:28) – ensinava Jesus, assegurando que ela é imortal.

No momento em que a Natureza se manifesta pelo nascimento de mais uma criança no mundo, insinuando-se indiferente a qualquer ameaça agressiva à vida humana, surgem várias hipóteses para res-] ponder a origem e a natureza da alma, para explicar o relacionamentocorpo–alma, ou seja, o que dá vida inteligente àquele pequeno ser quevem à luz do mundo. Falaremos aqui, abreviadamente, de apenas três, já que nossa intenção não é filosofar sobre essas questões.

O *materialismo*, a primeira delas, afirma que a alma é subproduto] do corpo, não admitindo a vida e a consciência separadas do orga–nismo. Sobre esta hipótese, não devo cansar o leitor com estéreis comentários por considerá-la sem força de argumento frente às descobertas das ciências da alma, entre elas a psicologia transpessoal, que leva em consideração os fenômenos místicos, as ocorrências paranormais, os êxtases naturais e também os provocados, comprovando, assim, a existência de um princípio inteligente além do corpo físico, princípio este que denominamos de *mente* ou de *alma*. A psicologia organicista insiste, ainda, em dizer que tais fatos são de origenspatológicas.

Aos materialistas e teólogos, responde o professor Herculano Pires – respeitável estudioso espírita: “A alma não é mais uma entidade metafísica ou uma concepção teológica: é o moderno psiquismo da concepção científica, mas liberto da sujeição do corpo. A alma não é mais um epifenômeno, um simples resultado das atividades do fenômeno orgânico. Passou a ser a *mente*, elemento extrafísico do homem, capaz de sobreviver à morte física mas susceptível de investigação científica em laboratório”²¹.

O *criacionismo*, a segunda hipótese, é a doutrina que afirma ser a alma de cada criança criada no momento

²¹ 1. J. Herculano PIRES, em *Parapsicologia hoje e amanhã*, p. 14.

da concepção, isto é, quando o espermatozóide penetra no óvulo amadurecido. E a linha teológica adotada pela Igreja católica. A aceitação da hipótese de que cada corpo ao nascer recebe uma alma “novinha em folha” induz-nos a admitir que a criatura deveria ser perfeita, não trazendo nenhuma mazela moral nem física, pois o Criador é perfeito e nada criaria que também não o fosse. Porque a alma criada no momento da concepção traria nela caracteres morais indesejáveis e no seu corpo defeitos físicos, quando os pais são saudáveis de corpo e nobres de alma? As mazelas humanas e as diferenças sociais, morais e intelectuais tomam-se impossíveis de serem justificadas racionalmente dentro do *criacionismo*, pois não são conciliáveis com a sabedoria, justiça e misericórdia divinas. Sabendo-se que nem sempre as inibições físicas do nascituro podem ser creditadas a herança genética dos pais, por serem sadios, tem-se que admitir que o Criador não se preocupou em evitar que sua criação fosse maculada por desarmonia biológica, favorecendo o sorriso a alguns pais e negando a outros. Simples capricho ou experimentos insondáveis de um Soberano que é tido como a Fonte de Todo Amor? Qual a sua resposta, caro leitor?

Pela obra se conhece o autor, diz o provérbio; pelo fruto se conhece a árvore, disse Jesus; logo, o Espírito que vem ao mundo, criado por Deus, simples e ignorante, deverá ser perfeito. Mas o Espírito, desenvolvida a sua inteligência, passa a ser co-criador ao lado da “Inteligência Suprema”, conforme nos ensina o Espírito André Luiz²². O que tem o Espírito de imperfeito em si é acessório por ele criado ao longo de suas experiências existenciais. Tal acréscimo é *permitido* pelo Criador à criatura, por um ato de amor e de extremado respeito ao seu livre-arbítrio, lei por Ele estabelecida, portanto irrevogável. Permite, mas não se compraz com os erros da sua criatura que Dele se afastou, sabendo que, por um processo dialético, o sofrimento a fará se aproximar Dele novamente.

A *reencarnação*, ou a pluralidade das existências, que não é uma hipótese, mas uma verdade comprovada, é princípio harmônico com a justiça e a misericórdia divinas. Confirma que a alma preexiste antes do nascimento do ser humano. Allan Kardec (1804-1869) ensina que a alma lc in a oportunidade de reencarnar quantas vezes forem necessárias, com a finalidade de se aperfeiçoar moral e intelectualmente.

Desta forma, para o Espiritismo, a alma é um ser independente da matéria, preexistindo antes dessa e continuando existir após a morte do corpo, mantendo sua individualidade. Para a Doutrina Espírita, todo “nascimento” nada mais é do que um “renascimento”. Se diante de uma criança que acaba de vir ao mundo lembrarmos que alguém acaba de renascer, a visão que teremos dela, durante toda a sua vida, será a de que ela “voltou” em busca de algo que poderemos ajudá-la a encontrar. Nunca estaremos errados se admitirmos que ela – a alma – está fundamentalmente em busca do caminho de retomo ao seu Criador, porque, como todos, nos perdemos na perpetuação das existências, distanciando-nos do Pai Amoroso.

As pesquisas dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação – tais como as relatadas nos livros do professor Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, do professor Banajee, da Universidade de Jaipur, na Índia, e do engenheiro Hemani Guimarães Andrade, em São Paulo, no Brasil, este com a publicação da importantíssima obra *Reencarnação no Brasil* – não deixam dúvidas quanto ao fato, levando os incrédulos a se acautelarem nas suas manifestações contrárias.

Resultados de inestimável valor na confirmação da preexistência do Espírito antes do seu renascimento estão também contidos no livro *Além do Cérebro*, de Stanislav Grof. Nele o autor publica resultados de trinta anos de pesquisa e vivência, os quais desafiam os modelos neurofisiológicos que dizem ser a consciência epifenômeno da matéria altamente evoluída, como o cérebro. Coloca em xeque os modelos tradicionais da psique humana da atual psiquiatria acadêmica, que descrevem o recém-nascido como sendo uma *tabula rasa*. Comprova Grof, com suas experiências, que ele chama de *perinatais*, que toda formação da psique e da personalidade do homem não é resultado puramente do meio pós-natal. As pesquisas de Grof com experiências transpessoais demonstram que

²² 2. Francisco Cândido XAVIER e Waldo VIEIRA, em *Evolução em dois mundos, pelo Espírito André Luiz*, p. 23.

a alma traz lembranças de outras existências, valendo a pena a sua leitura para melhor conhecimento da comprovação científica da reencarnação.

A concepção que se tenha da origem da alma é de fundamental importância para se compreender a criança nas suas manifestações psicológicas e espirituais. Seja ela qual for, acatada por quem quer que seja, vai determinar maneiras distintas na apreciação e condução do desenvolvimento psíquico, social e espiritual da criança. Se a alma é efeito da matéria, energia que dela surgiu, por meios inexplicáveis pela ciência, a criança será vista como um conglomerado de cem quintilhões de células, onde todas as suas vontades e ações serão tidas como resultantes de impulsos instintivos inconscientes, como apregoa Sig- mund Freud (1856-1939), que, com sua teoria psicanalítica, superestimou a força da libido. Para ele a formação do caráter será o resultado final da interação entre os dotes constitucionais da criança - dotes cujas origens são do acaso - com outros fatores herdados geneticamente. Ensina a psicanálise que a natureza das experiências psicológicas da criança reflete o impacto dos processos do id, do superego e do ego, as três instâncias psíquicas do ser humano. Dessa forma, o homem fica à mercê do determinismo psíquico, agindo inconscientemente, obedecendo aos impulsos do id, manancial dos instintos, aos quais estão subordinados todos os seus atos. Uma grande falha da psicanálise é admitir uma única existência para explicar os tais complexos enigmas da mente. As raízes das tendências, neuroses, psicoses, fobias, depressões, ansiedade e outros males poderiam ser detectados e aliviados ou até mesmo curados, com o antídoto correto, se ela, a psicanálise, pedisse ajuda da reencarnação, valorizando na psique humana não somente seu *inconsciente atual* mas também o *inconsciente profundo*, onde estão guardadas as matrizes de existências pregressas.

Com a chave da reencarnação, se a alma já animara outros corpos antes, vivenciando experiências diversas, usando do seu livre-arbítrio para se manter ou não no cumprimento das leis morais divinas, compreende-se por que retoma à vida presente com inibições físicas, intelectuais e com aleijões morais ou não, confirmando-se, assim, a lei de causa e efeito. Dessa maneira, desde a infância, a criatura vai manifestar suas tendências, suas boas ou más inclinações.

Quando os Espíritos Superiores afirmam que “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber” (LE: q. 115), não estavam falando de imperfeição, mas sim de pureza e de ausência de conhecimento científico, o qual deveria ser adquirido pelo Espírito através das reencarnações, já que nascera fadado a evoluir incessantemente.

Desse modo, a criança, na ótica reencarnacionista, é um Espírito que traz consigo um patrimônio moral que lhe marca a individualidade. Ela é portadora de uma aparelhagem física herdada dos genitores, mas com o fantástico registro de experiências passadas, em outros corpos, que ficou gravado no seu perispírito, corpo espiritual indestrutível. Retoma o Espírito na condição de criança, esperançoso de sua recuperação, na grande maioria das vezes, pela doação do amor e da energia educativa dos seus pais. Eis a razão da necessidade de se conduzir a criança, desde cedo, à disciplina e ao exercício do Bem, estabelecendo limites, antes de tudo, pelo exemplo dos genitores e educadores, essencialmente na fase da infância.

As almas não são criadas no momento da concepção ou no instante do nascimento, como afirmam os criacionistas. São companheiros espirituais de lutas antigas, a quem pagamos débitos sagrados ou de quem recebemos alegrias puras, por créditos de outros tempos. O instituto da família é cadinho sublime de purificação, e o esquecimento dessa verdade custar-nos-á alto preço na vida espiritual. Admitida a pluralidade das existências em corpos diferentes, é vital observar e interpretar as tendências que as crianças apresentam para mais eficientemente ajudá-las na sua nova experiência de vida. As tendências são algo muito importante, pois, além de comprovarem que as crianças “estão retornando”, ajudam-nos a melhor compreendê-las, para melhor reeducá-las. Sobre isso falaremos em capítulo próprio.

4 A QUEM PUXOU ESSA CRIANÇA?

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito (LE: q. 207).

– A quem puxou essa criança, agindo dessa forma?

Este é um questionamento tradicional e corriqueiro que ouvimos de muitos ao presenciarem a ação ou reação de uma criança diante de certas situações ou estímulos. Sem dúvida, a pergunta tem origem na crença materialista de que os filhos herdam os caracteres morais e psicológicos dos pais ou de seus antepassados. Resquício inconsciente do *traducionismo*, doutrina religiosa que postula serem os filhos derivação da alma dos pais no momento de sua geração, como um ramo deriva da árvore. Santo Agostinho esposava esse pensamento, o qual foi adotado por muitos teólogos protestantes, pois ajuda a explicar a transmissão do pecado original. O *traducionismo* se opõe ao *criacionismo*, do qual falamos quando tratamos da origem da alma.

A crença na hereditariedade de características psicológicas, intelectuais e morais é tão forte que até mesmo os pais espíritas, sabedores de que o Espírito não herda do Espírito, deixam-se vencer pelo atavismo e chegam a responder à pergunta acima, dizendo que “puxou ao pai”, ou “puxou à mãe”, ou mesmo “ao avô ou avó”, e assim por diante.

Quais prejuízos poderão causar essa falsa concepção dos pais na educação moral e espiritual de seus filhos?

Ora! admitindo-se que a criança puxou a alguém da família nos seus caracteres morais, diminui, inconscientemente, a disposição dos pais de corrigi-la por não “ter culpa de ser como é”: seus pendores morais foram herdados de alguém, até mesmo bastante respeitado pelo que foi e pelo que fez. Vai surgir uma pontinha de vaidade que fortalece a concepção errada, mas cômoda do ponto de vista da educação, como se aquele alguém fosse a criança de hoje. Fica no trono o determinismo biológico, como querem os materialistas. Os genitores, acomodando-se à teoria da herança moral, descuidam-se de ver nos procedimentos do seu filho as suas tendências espirituais que devem ser levadas em alta consideração.

E vital para a reeducação espiritual da criança que essa filosofia seja rejeitada, dando lugar ao ensinamento dos Espíritos Superiores a Allan Kardec. Com eles aprendemos o verdadeiro porquê das semelhanças morais entre pais, filhos e demais parentes consanguíneos, explicadas pela afinidade espiritual entre si.

O Codificador pergunta aos Espíritos de onde se originam as parecenças morais que costumam haver entre pais e filhos, e a resposta foi que “uns e outros são Espíritos simpáticos, que reciprocamente se atraíram pela analogia dos pendores” (LE: q. 207). Nós, Espíritos imortais, ao longo de nossas experiências na esteira do tempo, assumimos diversas personalidades e vamo-nos filiando aos que se nos assemelham em ideais, hábitos e gostos, formando, assim, uma grande comunidade, cujos membros — numa primeira hipótese — se comprazem em se reencontrar na mesma família, como filhos, pais, irmãos, primos, avós etc., e — numa segunda hipótese — são atraídos, independentemente de suas vontades, pela lei de afinidade, a se reunirem para um ajuste com as leis divinas. Voltamos, portanto, ao mundo físico por diversas vezes, em famílias consanguíneas diferentes e nos aproximamos socialmente uns dos outros por razões de afinidades e imperativo da lei de causa e efeito. Se dois jovens se reencontram para o matrimônio programado no mundo espiritual, seus futuros filhos poderão ter semelhanças morais muito fortes com os avós ou com alguém das duas famílias, por fazerem parte da grande comunidade espiritual.

Quanto às semelhanças físicas, a essas se submete, relativamente, o Espírito ao reencarnar, segundo as suas necessidades, ou seja, em conformidade com seus merecimentos e sua programação de vida. Dissemos “relativamente” porque a lei da hereditariedade nem sempre submete o Espírito. André Luiz ensina que “o corpo herda naturalmente do corpo, segundo as disposições da mente que se ajusta a outras mentes, nos circuitos da afinidade, cabendo, pois, ao homem responsável reconhecer que a *hereditariedade relativa mas não compulsória*

lhe talhará o corpo físico de que necessita em determinada encarnação²³ (grifamos). Logo, a consciência profunda do Espírito reencarnante é que interfere na genética e determina a organização celular. O estágio evolutivo do reencarnante vai estabelecer o quanto ele se submeterá aos imperativos genéticos dos seus pais, considerando ainda os propósitos da nova experiência na carne. Se para ele for significativo adquirir como herança genética tal ou qual desarmonia somática de um dos seus pais, assim acontecerá para que o fato venha a cooperar com seu progresso moral. Caso contrário, renascerá com total integridade física e mental, não apresentando nenhuma desarmonia biológica e psíquica.

O conhecimento dessa realidade contribui substancialmente para que os pais melhor conduzam a educação dos seus filhos. Espíritos na busca de sua libertação, necessitando contar com o amor e a força moral daqueles. Ter a certeza de que “os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações” (EE: cap. IV, item 18) favorece o entendimento de que pais e filhos estão juntos novamente e por uma única razão: a de aprenderem a se amar e de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento.

Detectadas as semelhanças de caráter entre pais e filhos ou com outros parentes, convêm aos genitores refletir a respeito. Se boa a semelhança, cooperar para que a alma a cultive; se má, buscar corrigi-la. Os pais, despidendo-se da vaidade, deverão se considerar, também, responsáveis por tal ou qual traço de caráter do seu filho, pois, em se tratando de moral, não sendo produto da educação deformada, será da afinidade espiritual, conforme aprendemos. Diante desta verdade, não há por que admitir que os caracteres morais dos filhos são heranças psicológicas desse ou daquele membro da família consanguínea. Vale lembrar que somos um Espírito com um corpo, e não um corpo com um Espírito, cabendo a este o domínio sobre aquele. “A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como o vestuário o é do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual” (LE: q. 367).

5 BUSCANDO ENTENDER O QUE É INSTINTO

O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles. Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem pre-meditação (GE: cap. H1, item 11).

Classicamente, o instinto é o esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações e corresponde a uma finalidade precisa. São forças inatas e automáticas de origem biológica.

Os Espíritos ensinaram ao professor Allan Kardec que “o instinto é uma espécie de inteligência. E uma inteligência sem raciocínio. Por ele todos os seres provêm as suas necessidades” (LE: q. 73). Sabemos que essas necessidades variam de acordo com as espécies. No homem destacam-se o instinto de preservação da vida, na busca da alimentação, no ataque e na defesa, para manter-se vivo; o instinto de reprodução, pelo ato sexual, e o instinto gregário, forçando-o a procurar o outro para com ele conviver. Podemos afirmar que o instinto é o conjunto de ações e reações naturais em cada um de nós, que derivam das nossas necessidades fundamentais ou primárias. Essas ações e reações são, muitas vezes, inconscientes. Ampliemos um pouco mais o conceito de *instinto*, para melhor compreendermos o de *tendência*, quando chegar o momento.

Sem dúvida você já ouviu falar de Freud ou leu algo dele ou a seu respeito. Ele foi o criador da psicanálise. Estamos invocando-o aqui porque suas teorias exerceram forte influência no mundo científico ocidental, e continuam fazendo adeptos, felizmente nem todos ortodoxos, o que vem tomando possível o desdobramento e

²³ 1. Francisco Cândido XAVIER e Waldo VIEIRA, em *Evolução em dois mundos*, pelo Espírito André Luiz, p. 58-59.

enriquecimento da psicanálise. A expressão “Freud explica”, tão vulgarizada, indica o quanto ele é conhecido no meio popular. O médico vienense tentou explicar dogmaticamente tudo o que diz respeito ao psiquismo humano, a partir das suas teorias com base no instinto sexual – a libido, conceito criado por ele para convencer os seus seguidores de que todas as ações psíquicas eram produto da energia sexual em ação. Quanto ao reducionismo praticado por Freud, diz o assistente Silas a André Luiz:

O grande médico austríaco poderia ter atingido respeitáveis culminâncias do espírito, se houvesse descerrado uma porta aos estudos da lei de reencarnação. Infelizmente, porém, atento à pragmática científica, não teve bastante coragem para ultrapassar a observação do campo fisiológico, rigidamente considerado, imobilizando-se, por isso, nas zonas obscuras da consciência, em que o “eu” enclausura as experiências que realiza, automatizando os próprios impulsos.²⁴

A obra de Freud tem coisas boas e ruins, como tudo no mundo. Hermínio C. de Miranda, respeitável estudioso e espírita brasileiro, tem um conceito eminentemente racional e pluralista sobre Freud. Diz que “há muito ouro bom na lama que o criador da psicanálise recolheu na sua bateia”²⁵. Seguindo o seu conselho, vamos dispensar o acessório e buscar a essência de suas ideias. Então, vamos ao fundo da bateia.

Devemos a Freud uma das mais interessantes teorias da personalidade humana, em que estabelece ser o psiquismo do homem composto de três instâncias: o id, o ego e o superego. O id é a usina dos instintos e contém tudo que é geneticamente herdado dos pais. É um manancial, caótico e desorganizado, sem nenhum pensamento lógico, e não faz julgamento de valores: desconhece o bem e o mal, é amoral, é inconsciente. Podemos compará-lo a um rei cego com poderes ilimitados. O id é ainda o responsável principal pela formação da personalidade. No bebê recém-nascido, tudo é id, ou seja, tudo é instinto, reduzindo a criação divina a um amontoado de heranças biológicas e nada mais, não havendo nela nenhum ser inteligente para crescer e caminhar em direção ao seu Criador. Freud era um materialista incorrigível. Manteve contato com médiuns e presenciou fenômenos parap-sicológicos realizados por Jung, mas não quis aceitá-los, com receio de que suas teorias, baseadas puramente na sexualidade, não fossem aceitas como uma ciência pelos seus contemporâneos.

Na teoria de Freud, o id comanda toda conduta humana, mas sua ação escapa do controle da consciência, ou seja, do ego. O id se manifesta, entre outras, na forma de sintomas, tais como as neuroses, psicoses, fobias, ansiedades, depressões e demais transtornos mentais, que, segundo o Espiritismo, são as doenças da alma. Os sonhos, para o criador da psicanálise, são uma forma de o id se apresentar, realizando seus desejos e disfarçando-se em símbolos. Eis por que são, em sua maioria, incompreensíveis. Freud, sem levar em conta que o Espírito ao reencarnar transporta consigo o registro de experiências pretéritas, que, naturalmente, se manifestam em conjunto com os instintos, deixa incompleta a teoria do id, não explicando satisfatoriamente as doenças da alma nem as tendências morais.

O ego é a segunda instância do aparelho psíquico humano. Tem origem no id. É aquela que está em contacto com a realidade externa. O ego é você que está lendo este livro e que, ao mesmo tempo, está se lembrando de que tem algo no fogão e que poderá queimar. É o conjunto de suas percepções conscientes, o que você pensa e sente neste momento. Quando o ego se concentra demasiadamente em si, dá origem ao “egoísmo”, impedindo as nobres manifestações do *Self*, do Eu-profundo, do Espírito imortal, que foram plantadas pelo Criador.

Aprendemos com André Luiz: “Na infância, o ‘ego’, em processo de materialização, externará reminiscências e opiniões, simpatias e desafetos, através de *manifestações instintivas* [que nesta obra chamamos de *tendências*], a lhe entremostrarem o passado, do qual mal se lembrará no futuro próximo [...]”²⁶. O ego é, portanto, o Espírito criado por Deus, e não produto dos instintos, ou do id, como quer Sigmund Freud.

²⁴ 1. Francisco Cândido XAVIER, em *Ação e reação, pelo Espírito André Luiz*, p. 197.

²⁵ 2. Hermínio C. MIRANDA, em *A memória e o tempo*, p. 140.

²⁶ 3. *Idem*, p. 198

Por isso é difícil concordar com Freud que o ego tenha surgido do caos, do irracional e do amoral, do id, afinal. Como aceitar que o ego (o eu consciente) tenha origem nos instintos, já que aquele progride e este não? Essa ideia é o joio no meio do trigo. Agora vamos separar o joio do trigo: quando Freud afirma que o ego tem a tarefa de garantir a saúde, segurança e sanidade mental da personalidade, que sofre horrores, lutando para impedir que os impulsos instintuais oriundos do id não se manifestem a seu bel-prazer. Nesse passo, concordamos com Freud, pois nos leva à analogia da luta do Espírito reencarnado, usando os valores positivos conquistados na atual existência como armas para se libertar dos vícios cultivados em vidas pretéritas. A alma, ao reencarnar em corpo de criança, necessita conquistar valores morais para ajudá-la a combater as más inclinações experienciadas em outras existências. E vital plantá-los na infância, quando o solo da alma é hospitaleiro.

Freud ensina que o homem tudo faz pelo prazer, chegando a admitir, inteligentemente, que o ego se esforça pelo prazer de evitar o desprazer. Esta é mais uma pepita de ouro tirada da lama. Enquadra-se perfeitamente na luta que o Espírito imperfeito em evolução trava para não sofrer, não fracassar, renunciando a minutos de prazeres efêmeros na matéria, para ser feliz plenamente no mundo da verdadeira vida, a espiritual. É possível que você esteja se controlando, lutando intimamente para não fazer algo que lhe daria muito prazer, como, por exemplo, “responder a altura” a alguém que lhe feriu os brios, mas se contém, pois sabe que se igualando a esse alguém se sentirá profundamente envergonhado, o que é um desprazer. Para ter o prazer de usar o seu novo biquíni na praia, terá um desprazer: renunciar a algumas calorias. E a tarefa do ego controlar os estímulos internos do id e adaptá-los à realidade presente: você troca a compota pela maçã natural.

Podemos concluir este item insistindo na compreensão do que seja instinto: esquema de comportamento herdado, forças inatas de origem biológica e que, segundo a Doutrina Espírita, chega a ser uma espécie de inteligência sem raciocínio, fundamental na preservação da vida no albor da jornada espiritual, não devendo ser confundido com as tendências, elaboradas em vidas anteriores.

Quanto ao superego, a terceira instância psíquica da teoria psicanalítica, pedimos sua paciência para falarmos dele mais à frente.

6 TENDÊNCIA NÃO É INSTINTO

O homem não conhece os atos que praticou em suas existências pretéritas, mas pode sempre saber qual o gênero das faltas de que se tomou culpado e qual o cunho predominante do seu caráter. Bastará então julgar do que foi não pelo que é, e sim pelas suas tendências (LE: q. 399).

Os psicólogos e filósofos definem “tendência” como algo que leva alguém a seguir um determinado caminho ou agir de certa forma. É uma predisposição natural, inclinação, vocação. Não é “instinto”, pois não se origina de uma necessidade biológica. A tendência é força espiritual que adormece no Inconsciente Profundo de todos nós e que luta para despertar no Consciente Atual. São as tendências manifestações do *Espírito velho* reencarnado, que a criança demonstra já a partir dos primeiros meses de sua infância e que devem ser levadas em alta conta pelos pais. Os anais do Espiritismo têm ensinamentos que nos permitem assegurar que as tendências são de origem espiritual.

Allan Kardec analisa o caso de uma criança que tinha a compulsão de incendiar os objetos domésticos (RE, 1866:161-164). Em 23 de fevereiro daquele ano, o jornal francês *Salut Public*, de Lyon, deu a notícia com a seguinte manchete: Monomania Incendiária Precoce. Sintomas como esse, a psiquiatria diagnóstica atualmente como transtorno obsessivo-compulsivo - TOC. Obsessivo porque o pensamento de incendiar é persistente na mente do indivíduo; compulsivo porque ele é levado a materializar o seu pensamento. Dizia o noticiário que uma criança com apenas quatro anos, filho de honestos e pacíficos operários de uma fábrica de seda, tinha o instinto incendiário em último grau. “Aos dezoito meses sentia prazer em acender fósforos; aos dois anos punha fogo nos quatro cantos de um enxergão e destruíra em parte o modesto imobiliário de seus pais”. No caso dessa

criança, que deu vazão às suas tendências inferiores em tenra idade, não se pode falar de influência do meio nem de herança genética: os pais eram honestos e pacíficos trabalhadores. Somente a reencarnação explicaria o fato. Deu o senhor Allan Kardec a sua opinião baseada nos ensinamentos dos Espíritos Superiores: “Nasceu incendiário, como outros nasceram poetas e artistas, porque, sem a menor dúvida, foi incendiário em outra existência e lhe conservou o *instinto*”. Necessário se faz considerar o contexto em que viveu o Codificador, fazendo uso do termo *instinto* para dizer da manifestação da herança espiritual, a qual estamos chamando de *tendência*.

Assim como essa, outras tendências se manifestam na criança e nem sempre os pais querem admitir, esposando a ideia de que se trata de infantilidade. Crianças que têm “prazer” em destruir brinquedos e outros objetos, maltratar animais domésticos, agredir colegas da creche e da escola de forma sistemática; crianças que chutam, xingam e gritam violentamente, não respeitando os pais nem aqueles que são responsáveis por elas, merecem atenção especial, para se buscar as razões de tais procedimentos. Uma delas poderá ser a eclosão dos vícios adquiridos e alimentados em vidas pregressas. Outra hipótese é a criança ter passado por um trauma ou ser portadora de algum transtorno de humor. A visão holística para as patologias, sejam físicas ou espirituais, é sempre positiva. A consulta a um especialista poderá oferecer diretrizes para o tratamento correto. Nunca devemos esquecer, no entanto, que nada é por acaso e que as reações do Espírito encarnado a traumas ou afecções orgânicas são proporcionais ao grau evolutivo dele. Sabemos o quanto é difícil para os pais estarem alertas para essas verdades. Há sempre uma propensão a se acreditar que tudo faz parte da infância e que, passando aquela fase, a criança vai melhorar. Talvez sim, talvez não.

Não se pode negar a influência do meio e do exemplo dado pelos adultos sobre o desenvolvimento dos bons e maus hábitos e o afloramento das tendências, porque eles influenciam consideravelmente as almas, com muito mais força as das crianças. Quanto a isso, lembra o Espírito André Luiz: “Se o Espírito reencarnado estima as *tendências inferiores*, desenvolvê-las-á, ao reencontrá-las dentro do novo quadro da experiência humana, perdendo um tempo precioso e menosprezando o sublime ensejo de elevação”²⁷. Mas, se o Espírito é fortalecido no bem e determinado na busca de sua libertação espiritual, não se deixará contagiar pela perversidade dos seus circunstantes. Havendo, sim, predisposições nativas, o Espírito irá desenvolver as suas más tendências, respondendo aos estímulos inferiores, por mais sutis que sejam.

Não é difícil observar na criança o instinto lúdico, ao transformar em brinquedo tudo o que se lhe apresenta, ou o instinto de preservação, ao levar à boca tudo o que pega, testando se é comestível. Aliás, é este que ocorre quando, ao sentir nos lábios o bico do seio da mãe, suga-o imediatamente. Tais comportamentos são naturais até certo tempo, depois cessa: o instinto cede lugar à razão. Não morre, mas se recolhe para surgir quando necessário. E na infância que o homem está mais sujeito à influência da força dos instintos. Mais tarde, a sua conduta de vida passa a ser controlada pelas forças ambientais, pela orientação que recebeu dos pais e dos educadores e pela supremacia de seu caráter. Embora alguns impulsos instintivos continuem ao longo de nossas vidas, tal como os resultantes da libido – que na opinião de Freud é o que tudo determina –, são eles perfeitamente controláveis de forma racional pelo ego, adequando as satisfações à realidade externa, considerando tempo e espaço.

As tendências também se manifestam desde a tenra idade, por serem do Espírito, e se definem ao longo da infância, tomando fôlego, buscando se repetir. Os instintos, ao contrário das tendências, perdem força, para a razão, na medida em que o Espírito vai sendo reeducado. Busquemos o texto da venerável Joanna de Angelis que considera as tendências heranças de hábitos e cristalizações mentais de vidas pregressas: “Essas *inclinações más* ou *tendências* para atitudes primitivas, rebeldes, perturbadoras do equilíbrio emocional e moral, são heranças e atavismo insculpidos no *Self*, em razão da larga trajetória evolutiva, em cujo curso experienciou o

primarismo das formas ancestrais, mais instinto que razão, caracterizadas mais pelos impulsos automáticos do que pela lógica do discernimento”²⁸ (sublinhamos).

Entendemos que o termo *instinto* foi adotado pela mentora não no seu significado estrito, mas para configurar a forma impulsiva como a tendência, muitas vezes, se manifesta. Mais à frente, ela chamará as más inclinações (tendências) de heranças perversas. Os instintos jamais o são, por serem dados pelo Criador às suas criaturas para sua sobrevivência.

O ensinamento da mentora corrobora a nossa intenção de considerar tendência como manifestação da alma, diferentemente de instinto, que é manifestação do organismo somático. Mais adiante, ela confirma a tese: “As *más inclinações*, que induzem ao erro, ao crime, à crueldade, são heranças perversas que não o abandonaram, jungindo-o ao primarismo que deve ser superado a esforço contínuo, qual a débil plân-tula fascinada pelo raio de Sol, ascendendo na sua direção, enquanto dele se nutre e submete-se-lhe ao tropismo”²⁹ (sublinhamos).

E legítimo deduzir, portanto, que as tendências ou as *inclinações* são resultantes de experiências de vidas anteriores da alma, registradas no seu perispírito e armazenadas no seu Inconsciente Profundo. As tendências, ou as *inclinações boas* ou *más*, representam apenas a ponta do *iceberg* que é a história moral do Espírito ainda na erraticidade.

O SUPEREGO PODE SER A CONSCIÊNCIA

Aqui me parece oportuno falar do superego de uma forma simplificada. Antes, porém, recordemos algumas noções da psicanálise. Na hipótese estrutural do psiquismo humano pensada por Freud, o aparelho mental é dividido em três grupos funcionais: o id, o ego e o superego. Todos os processos mentais podem ser considerados como pertencentes a um desses grupos. Embora sendo tudo isso uma abstração, a tese estrutural ajuda a compreender como funciona o nosso psiquismo. Como vimos no capítulo “Buscando entender o que é instinto”, o id é o caldeirão fervente dos instintos, que luta contra o ego para se derramar na concretização dos prazeres. O ego, entidade consciente, que sabe discernir entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, controla aquele derramamento. O superego, segundo Dewald, “é aquela parte do aparelho mental cuja função é *julgar criticamente as outras funções mentais*, em termos de um padrão moral de certo e errado, bom e mau, recompensa e castigo. O superego é, em parte consciente e pré-consciente, correspondente ao que se costuma chamar de consciência moral. Mas é também inconsciente, relacionando-se com considerações de punição e recompensa, as mais primitivas e arcaicas”³⁰ (grifamos). Admitamos, tem ele a função de administrar não somente as vontades irracionais do id mas também as investidas das *heranças e atavismo insculpidos no Self*. Como nos alerta Joanna de Ângelis, o superego censura os instintos e as tendências. Quanto à atuação inconsciente do superego, devemos lembrar-nos das inibições que a criança possa ter, desencorajada para as iniciativas e tomadas de decisão, em razão da atuação castradora dos pais, de situações de abandono e desamor, das violências físicas e morais sofridas antes dos sete anos de idade, especialmente. Os sintomas, nesses casos, são as fobias, a ansiedade, a angústia etc.

Quanto à origem dessa terceira instância mental, ensina Dewald: “A formação do superego envolve a interiorização, em vários graus, das atitudes dos modelos paternos sobre conceitos de certo e errado, punição e recompensa. *Esses conceitos são experimentados pela criança desde a mais tenra idade* e são influenciados, principalmente, pelas tentativas que a criança faz para identificar-se com os pais na resolução dos conflitos do *complexo de Édipo*”³¹.

²⁸ 2. Divaldo Pereira FRANCO, em *Triunfo pessoal, pelo Espírito Joanna de Ângelis*, p. 84.

²⁹ 3. *Idem*, p. 95.

³⁰ 4. Paul DEWALD, em *Psicoterapia: uma abordagem dinâmica*, p. 31.

³¹ 5. *Ibidem*.

O Espírito, no processo de sua reeducação, na condição de criança, absorve, principalmente, os exemplos dos pais. Esses se incrustam na mente infantil de modo contundente, refletindo-se na saúde psíquica da criança. O bom exemplo dos genitores, ajustado e harmônico, ainda é a viga mestra na formação do seu superego, que podemos traduzir como consciência.

É certo que existem exemplos daqueles que conseguiram sobreviver com dignidade, apesar dos fatores negativos do meio hostil em que experimentaram uma nova existência. São Espíritos com estruturas psicológicas bem formadas em outras existências, Espíritos que alcançaram certa evolução e conseguem dominar mais facilmente, na atual vida, os implementos da matéria, neutralizando as solicitações negativas dos instintos e do meio, negando-se ao desajuste pela viciação dos sentidos.

Sabendo que o superego contém em grande parte *as atitudes dos modelos paternos*, ele passa a ser o depósito dos códigos morais ensinados e exemplificados por eles e também dos modelos de conduta estabelecidos pelo meio político e social em que vive a criança.

O conhecimento do Espiritismo e sua vivência pelos pais são conteúdo de suma importância que favorece a construção do superego dos seus filhos, o qual deverá capacitar o aparelho mental dos pequeninos com força suficiente para o controle, não somente dos instintos, mas, acima de tudo, das tendências.

É de se considerar que o Espírito, ao reencarnar, traga a sua consciência (podemos ler superego) mais ou menos evoluída para atuar com equilíbrio, discernindo o certo do errado, o bom do ruim, e buscando o melhor para si na atual experiência de vida. Sabendo, no entanto, que em mundo de provas e expiações todos ainda carregamos profundas marcas dos desvarios cometidos, necessitamos constantemente de reeducação e informações novas que nos favoreçam a libertação definitiva. A religião é, sem dúvida, um componente indispensável para se erigir e/ou reformar o superego.

O Espiritismo — como ensina Denis - “não dogmatiza; não é uma seita nem uma ortodoxia. É uma filosofia viva, patente a todos os espíritos livres, e que progride por evolução. Não faz imposições de ordem alguma; propõe, e o que propõe apóia-se em fatos de experiência e provas morais; não exclui nenhuma das outras crenças, mas se eleva acima delas e abraça-as numa fórmula mais vasta, numa expressão mais elevada e extensa da verdade”³².

A educação do seu filho à luz do Espiritismo formará nele um superego tolerante, mas não conivente com as infrações do ego; que saberá conter o id nos seus impulsos, sem gerar neuroses resultantes das castrações dos prazeres naturais do homem, informando-lhe que, como nos ensinou Paulo de Tarso, tudo lhe é lícito fazer, mas nem tudo lhe convém.

REFLEXÃO

*Ante os Pequeninos*³³

A criança é uma edificação espiritual dos responsáveis por ela.

Não existe criança - nem uma só - que não solicite amor e auxílio, educação e entendimento.

Cada pequenino, conquanto seja, via de regra, um espírito adulto, traz o cérebro extremamente sensível pelo fato de estar reiniciando o trabalho darencarnação, tomando-se, por isso mesmo, um observador rigorista de tudo o que você fala ou faz.

A mente infantil dar-nos-á de volta, no futuro, tudo aquilo que lhe dermos agora.

Toda criança é um mundo espiritual em construção ou reconstrução, solicitando material digno afim de consolidar-se.

Ajude os meninos de hoje a pensar com acerto dialogando com eles, dentro das normas de respeito e

³² 6. Léon DENIS, em *O problema do ser, do destino e da dor*, p. 51-52.

³³ 7. Francisco Cândido XAVIER, em *Sinal verde, pelo Espírito André Luiz*, p. 38.

sinceridade que você espera dos outros em relação a você.

A criança é um capítulo especial do livro de seu dia-a-dia.

Não tente transfigurar seus filhinhos em bibelôs, apaixonadamente guardados, porque são eles espíritos eternos, como acontece a nós, e chegará o dia em que despedaçarão perante você mesmo quaisquer amarras de ilusão.

Se você encontra algum pirralho de maneiras desabridas ou de formação inconveniente não estabeleça censura, reconhecendo que o serviço de reeducação dele, na essência, pertence aos pais ou aos responsáveis e não a você.

Se veio a sofrer algum prejuízo em casa, por depredações de pequeninos travessos, esqueça isso, refletindo no amor e na consideração que você deve aos adultos que respondem por eles.

7 CRIANÇA PRECOCE

A precocidade de certas crianças para as línguas, a música, as matemáticas, etc., todas as ideias inatas, numa palavra, igualmente não passam de lembranças: elas se lembram do que souberam, como se vêem certas pessoas lembrar-se, mais ou menos vagamente, do que fizeram ou do que lhes aconteceu (RE, 1867:48).

Criança precoce é aquela que apresenta habilidades e/ou quociente intelectual não compatíveis com a sua idade cronológica. Precoce é toda criança que amadurece moral ou intelectualmente antes do tempo normal, que muito cedo demonstra capacidade de realizar coisas que seriam próprias de crianças mais velhas ou mesmo de adultos. Suas características principais são:

- linguagem precoce, com vocabulário avançado para sua idade; ’
- habilidade de leitura e escrita em tenra idade;
- ritmo de aprendizagem rápido;
- curiosidade e interesses diversos;
- capacidade de concentração e boa memória;
- habilidade em gerar ideias originais;
- grande bagagem de informações sobre temas de interesse;
- perfeccionismo na realização de tarefas, por isso prefere fazer trabalho independente;
- senso de justiça exacerbado, questionando regras e autoridade;
- paixão por aprender, demonstrando persistência em tudo o que faz;
- lembranças de fatos que não se deram na vida atual;
- sonhos bastante lógicos e incomuns para sua idade.

Por tudo isso, a precocidade ou a prodigalidade em criança levanta muitos questionamentos por parte dos pais, familiares e educadores. Geralmente apresenta problemas de ordem educativa e de relacionamento familiar porque os adultos não estão familiarizados com o fenômeno. Necessário é que os pais se ilustrem a respeito, de modo especial, para conduzir a educação do seu filho quando nessa condição.

Allan Kardec perguntou aos Espíritos qual seria o estado intelectual da alma da criança ao nascer, e obteve a seguinte resposta: “Seu estado intelectual e moral é o que tinha antes da união ao corpo, isto é, a alma possui todas as ideias anteriormente adquiridas; mas, em razão da perturbação que acompanha a mudança de estado, suas ideias se acham momentaneamente em estado latente. Elas se vão esclarecendo aos poucos, mas não se podem manifestar senão proporcionalmente ao desenvolvimento dos órgãos” (QE: cap. III, q. 117). Sendo assim, podemos concluir que os filhos podem ser mais avançados moral e intelectualmente do que seus próprios pais. E exemplos não faltam. Blaise Pascal (França: 1623-1662), com apenas dois anos de idade, sem livros e sem professor, demonstrou, até a 32*, as proposições geométricas de Euclides, o criador da geometria espacial. Antônio S tra- divarius (Itália: 1643-1737), aos treze, construiu e deu de presente ao seu professor o mais tradicional violino que se conhece, o qual leva seu sobrenome. Wolfgang Amadeus Mozart (Áustria: 1756-1791),

aos dois anos, tocava piano; aos três, violino e, aos cinco, escreveu sua primeira ópera, extasiando o público e os críticos. John Stuart Mill (Inglaterra: 1806-1873), com três anos apenas, conhecia o alfabeto grego. E Castro Alves (Brasil: 1847-1871), aos doze anos, traduzia odes de Virgílio, com perfeição e beleza de métrica e de rima.

Conta Léon Denis, na sua magistral obra *O problema do ser, do destino e da dor*, que no Congresso Internacional de Psicologia de Paris, em 1900, Charles Richet, da Academia de Medicina, apresentou em assembleia geral um menino espanhol de três anos e meio, chamado Pepito Arriola, que tocava de improviso, ao piano, árias variadas, muito ricas de sonoridade. Na ocasião, o autor do clássico *Tratado de metapsíquica* fez relatos extraordinários das virtudes musicais de Pepito, entre eles o de que com três anos de nascido tocou piano no Palácio Real de Madri diante do rei e da rainha-mãe, executando seis composições musicais de sua lavra!

Em abril de 2003, a revista *Veja*, edição 1.800, informou que um garoto norte-americano, Gregory Robert Smith, começou a falar com dois meses de nascido e quando completou um ano já resolvia problemas de álgebra! Com apenas dez anos de idade, Gregory começou a sua graduação em matemática pela Randolph-Macon College, em Washington. Na época da reportagem, o garoto precoce já estava planejando o doutorado em matemática, biomedicina e engenharia espacial!

Não consta que tais crianças tiveram pais que os superassem nas suas virtuosidades, sendo deles seus herdeiros genéticos.

A superioridade moral de filhos sobre os pais é fato que não chega à mídia, como ocorre no caso da precocidade intelectual ou de habilidades, já que estes se sentiriam, acreditamos, inferiorizados ao divulgá-la. Ficam os genitores orgulhosos por terem filhos inteligentes, mas, raramente, admitem que eles lhes dêem exemplos de vida, embaçadas nas leis morais divinas. Ensinam os Espíritos que as faculdades extraordinárias das crianças e sua elevação moral são conquistas do Espírito em outras existências e que aquelas estão inscritas no seu inconsciente profundo, ou seja, na memória espiritual, manifestando-se logo na infância. A prodigalidade intelectual de certas crianças voltadas para as ciências e artes, de um modo geral, não passa de lembranças do que já aprenderam em vidas pregressas. Mas não se deve concluir - alerta o Codificador - que as crianças que somente aprendem a força de muito trabalho foram ignorantes ou estúpidas em vidas precedentes. Acontece que a faculdade de recordar é uma aptidão inerente a uns e não a outros (RE, 1865:49).

Há que se considerar, também, o programa de vida estabelecido para o Espírito reencarnante. Se o esquecimento absoluto do seu passado se faz necessário, levando-o a ter dificuldade de “aprender tudo novamente”, é possível que esteja exercitando a não se envaidecer com a inteligência. Julgar espiritualmente a criança a partir do como se apresenta nesta vida é muito temerário e anticaridoso. Ame-a, antes de tudo, para ajudá-la da forma como Jesus espera de todos nós.

A pluralidade das existências esclarece racionalmente a diversidade dos caracteres e a diferença das aptidões entre as crianças, muitas vezes sendo elas da mesma família. Fora dessa lei, indagar-se-á, inutilmente, por que certos homens são talentosos e detentores de sentimentos nobres, cultivando aspirações elevadas, enquanto outros buscam somente partilhar de ações vis, dando vazão às paixões e instintos grosseiros que lhes dominam. Sem dúvida que a influência do meio, a hereditariedade e a educação contribuem para a formação da personalidade e favorecem a volta aos vícios cultivados em vidas anteriores, mas não são suficientes para explicar esses fatos na sua plenitude. O passado influi, mas não determina o nosso modo de ser, pois se assim fosse não conseguiríamos jamais alterar um til na nossa individualidade. Seria impossível o progresso espiritual. Todos temos exemplos de membros de uma mesma família, semelhantes pela carne, com o mesmo histórico genético, educados nos mesmos princípios, serem tão diferentes entre si, intelectual e moralmente.

Se o seu filho apresenta capacidade intelectual e habilidades além do que se espera da maioria das crianças, não se envaideça e ensine-o diariamente a ser um homem de bem e usar seus conhecimentos a serviço da Humanidade.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens

que a possuem dela se servissem de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a Humanidade avance. Infelizmente, muitos a tomam instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos.

O homem abusa da inteligência como de todas as suas outras faculdades e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma poderosa mão pode retirar o que lhe concedeu (EE: cap. VH, item 13).

Que os pais não se envaideçam com a precocidade de seus filhos, pois suas virtudes são conquistas pessoais, e não heranças genéticas. Antes, se preocupem em dar-lhes formação moral consonante com as leis divinas, para tomá-los homens de bem e felizes.

8 MEDIUNIDADE EM CRIANÇA

A mediunidade é uma delicada flor que, para desabrochar, necessita de acuradas precauções e assíduos cuidados. Exige o método, a paciência, as altas aspirações, os sentimentos nobres [...] (Léon Denis).

A infância é uma fase que favorece a manifestação de fenômenos mediúnicos. E que a ação do Espírito recém-reencarnado sobre sua indumentária física não é completa; o acoplamento celular do perispírito com o corpo somente vai se concluir por volta dos sete anos de idade. Durante esse período, o anjo de guarda e os demais Espíritos interessados no sucesso do reencarnante vão estar mais amiúde em contato com ele, lembrando-lhe durante o sono e pela inspiração os compromissos assumidos e fortalecendo-o com palavras encorajadoras. Daí encontrarmos as crianças conversando com seus “amiguinhos imaginários”, sorrindo durante o sono, evidenciando estar vendo alguém ou alguma coisa que lhes agrada, enquanto os adultos nada percebem. Muitas vezes, as reações são contrárias: a criança chora dormindo, se assusta com “nada”, desperta aos gritos ou mal-humorada. São, às vezes, seus adversários, que, durante o desprendimento do Espírito pelo sono, estão a perturbar, dificultar sua jornada, não obstante o amparo dos bons Espíritos, cuja atuação tem limites estabelecidos pelo uso do livre-arbítrio do Espírito reencarnado, mesmo na fase infantil.

A mãe que bem compreende esses fenômenos busca, pela oração, o concurso dos benfeitores espirituais para fortalecer o seu filho nos primeiros trechos da nova experiência de vida – e a si mesma –, pois tem a missão de reeducá-lo e devolvê-lo ao Criador em melhor condição espiritual. Quando não compreende o que está se passando, deve recorrer ao estudo das obras básicas do Espiritismo e à orientação segura de uma Casa Espírita que funcione embasada nos postulados cristãos e na codificação kardecista.

Embora tais fenômenos possam ser denominados mediúnicos, não significa que a criança seja médium no verdadeiro sentido da palavra. Ela está sendo “mediunizada”, influenciada fortemente por entidades invisíveis, mas não se tem certeza que seja médium. Para tomar mais claro o que queremos dizer, ouçamos as considerações que o Codificador faz a respeito: “Os médiuns são os intérpretes incumbidos de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos; ou melhor, são os órgãos materiais de que se servem os Espíritos para se expressarem aos homens por maneira inteligível” (EE: cap. 28, item 9). E, mais ainda, médium é somente aquele “em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensível” (LM: item 159). Ora, se não é isso o que está acontecendo com sua criança, ela não é médium, no preciso significado do termo, e, por isso, não se deve buscar desenvolver o que ela não tem.

Mas, se o seu filho for realmente médium, o aconselhamento é o mesmo: os primeiros passos deverão ser dados na busca de orientação segura de quem entende do assunto, lembrando-se de que não se deve cogitar o desenvolvimento da mediunidade na criança. Acompanhemos a instrução dos Espíritos:

- Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças?
- Certamente e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que esses organismos débeis e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobreexcitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas ideias ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das

consequências morais.

- Há, no entanto, crianças que são médiuns naturalmente, quer de efeitos físicos, quer de escrita e de visões. Apresenta isto o mesmo inconveniente?

- Não; quando numa criança a faculdade se mostra espontânea, é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso. O mesmo não acontece quando é provocada e sobreexcitada (LM: item 221, q. 6-7).

Como vemos, pela imaturidade que a incapacita de lidar com a mediunidade e pelo desconhecimento do assunto, as crianças e os jovens, na sua grande maioria, não saberão fazer uso disciplinado de tão sublime e valorosa faculdade de que são portadoras.

Mas quando deverá a criança ser encaminhada ao estudo e à responsabilidade da sua faculdade, desabrochando ela espontaneamente? Respondem os Espíritos ao Codificador: “Não há idade precisa, tudo dependendo inteiramente do desenvolvimento físico e, ainda mais, do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos a quem tal coisa afetará menos do que a algumas pessoas já feitas” (LM: item 221, q. 8).

A mediunidade não tem preconceitos de cor, idade, religião, sexo e moralidade, por essa razão ela aflora em qualquer pessoa, independentemente de crer ou não na comunicação com os Espíritos. Eclode, muitas vezes, em quem não detém valores morais a altura de usá-la a serviço do Bem, em consonância com as Leis Divinas e com os ensinamentos do Mestre Jesus. “A faculdade mediúnica” – assevera o professor Allan Kardec – “é uma propriedade do organismo e não depende das qualidades morais do médium; ela se nos mostra desenvolvida, tanto nos mais dignos, como nos mais indignos. Não se dá, porém, o mesmo com a preferência que os Espíritos bons dão ao médium” (QE: cap 2. item 79).

Não obstante o que aprendemos, a mediunidade, muitas vezes, eclode de maneira espontânea, em crianças que já vêm preparadas para a sublime tarefa, trazendo um *mandato mediúnico*. Os anais do Espiritismo dão exemplos de crianças e jovens cuja mediunidade desabrochou de forma espontânea, e somente o futuro disse o porquê de tão cedo se envolverem com tais fenômenos.

De relance, lembramos de Eusápia Paladino (Itália: 1854-1918), com sua extraordinária mediunidade de efeitos físicos já na adolescência, que chamou a atenção de muitos estudiosos sérios, entre eles César Lombroso e Charles Richet. Lembramos de Carmine Mirabelli (1889-1951), nascido em Botucatu, São Paulo. Era considerado o médium mais completo do mundo, pois possuía todas as faculdades que se possa imaginar. Psicografou mensagens em 28 idiomas! e provocava materializações à luz do dia. Sua mediunidade aflorou na adolescência. Trabalhando numa loja de calçados, foi demitido porque os sapatos, graças àquela faculdade, desciam das prateleiras e caminhavam pelo balcão, assustando os fregueses.

Merece destaque Ivone A. Pereira (1906-1984), nascida no município de Valença, no estado do Rio de Janeiro. E considerada uma das maiores médiuns do Brasil, não somente pelas suas obras mediúnicas, mas, acima de tudo, pela sua vida exemplar. Psicografou valiosas obras, entre elas os clássicos *Recordações da mediunidade*, *Devassando o invisível*, *Memórias de um suicida*. Em *A luz do Consolador*, conta que com um mês de idade quase foi enterrada viva devido a um ataque de catalepsia, fenômeno mediúnico pouco conhecido da ciência e dos estudiosos da mediunidade. Nessa obra autobiográfica, diz ela textualmente: “Nunca desenvolvi a mediunidade, ela apresentou-se por si mesma, naturalmente, sem que eu me preocupasse em atraí-la, pois, em verdade, não há necessidade em se desenvolver a faculdade mediúnica, ela se apresentará sozinha, se realmente existir, e se formos dedicados às operosidades espíritas”³⁴. É oportuno acrescentar que o possuidor da faculdade mediúnica deverá educá-la, aprendendo, assim, a usá-la de forma racional e disciplinada a serviço do Bem, tal como fez Dona Ivone.

Exemplo de mediunidade precoce, que a história jamais esquecerá, foi a de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), nascido em Pedro Leopoldo, Minas Gerais. Revelou-se médium aos quatro anos de idade, no

³⁴ 1.----- Ivone A. PEREIRA, em *Jj Luz do Consolador*, p. 15.

momento em que seus genitores conversavam a respeito de um aborto ocorrido com uma vizinha e usavam o episódio para criticá-la. De repente, Chico interrompeu o diálogo com palavras totalmente inesperadas para sua idade e incompreensíveis para os pais: “O senhor- diz o menino - está desinformado sobre o assunto. O que houve foi um problema de *nidação* inadequada do ovo, de modo que a criança adquiriu posição *ectópica*”. João Cândido, o pai, perguntou espantado o que era *nidação* e *ectópica*, e o menino Chico respondeu que não sabia também e que apenas repetira as palavras que lhe haviam sido ditas por uma voz. Aflorava ali, de modo espontâneo, passivo e belo, o *mandato mediúnico* do Chico Xavier.

No entanto, existem casos isolados de afloramento da mediunidade em crianças, que vão merecer uma apreciação toda especial e, indiferente aos cuidados ou ações contrárias dos pais e familiares, a faculdade se imporá, desde que o Espírito respeite o que prometeu a si e aos seus mentores antes de reencarnar. Afamiliade Francisco Cândido Xavier e os amigos, por não compreenderem os fenômenos que com ele aconteciam, tudo fizeram para desviá-lo de sua missão, mas ele não se abateu e tomou-se o líder espiritual de mais de dois milhões de adeptos do Espiritismo, segundo o IBGE. Mas sabemos que esse número não retrata fielmente a verdade, já que milhares de brasileiros, mesmo adotando o Espiritismo na crença e na prática, declaram-se católicos por tradição. Chico Xavier sublimou a mediunidade e com ela abriu clarinadas de luz na história espiritual da Humanidade.

Para finalizar este capítulo, outra consideração se faz necessária. Determinadas manifestações mediúnicas pela criança, não raro, são respostas ao clima psíquico-espiritual reinante no ambiente doméstico, conforme nos alerta o estudioso da mediunidade Roque Jacintho: “[...] não olvidemos o quadro de perturbações momentâneas a que a criança está sujeita a sofrer em decorrência do clima espiritual desequilibrado de seu lar. Essas perturbações, muito frequentes, poderão ser confundidas com mediunidade espontânea, mas cessarão tão logo o lar se reequilibre, porque eram efeitos e não a causa da ocorrência”³⁵. O psicólogo suíço Cari Gustav Jung também estudou a influência do clima mental dos pais sobre os filhos. O criador da psicologia analítica, com sua forte intuição, percebera que:

[...] do mesmo modo que a criança, durante a fase embrionária, quase não passa de uma parte do corpo materno, do qual depende completamente, assim também de modo semelhante a psique da primeira infância, até certo ponto, é apenas parte da psique materna e, logo depois, também da psique paterna, em consequência da atuação comum dos pais. *Daíprovém o fato de que as perturbações nervosas e psíquicas infantis, até muito além da idade escolar, por assim dizer, se devem exclusivamente a perturbações na esfera psíquica dos pais*³⁶ (grifamos).

Jung, por meio de sua mediunidade intuitiva, oferecia à ciência tradicional uma verdade que o Espiritismo já conhecia.

9 SEXUALIDADE INFANTIL

Quando errante, que prefere o Espírito: encarnar no corpo de um homem ou no de uma mulher? Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar (LÉ: q. 202).

O SEXO DA SUA CRIANÇA

- É homem ou mulher?

Esta é a pergunta clássica que todos fazemos ao nos cientificarmos de que uma mulher está grávida ou deu à luz uma criança. Todos nos preocupamos com o sexo de quem está para nascer ou já nasceu, fazendo lindos

³⁵ 2. Roque JACINTHO, em *Desenvolvimento mediúnico*, p. 21.

³⁶ 3. C. G. JUNG, em *O desenvolvimento da personalidade*, p. 57.

planos para ele ou para ela Imaginamos o tipo de roupa a cor, a festinha do primeiro aniversário e os presentes. Seu quarto será carinhosamente adornado a espera do novo morador. Opaiçonha com um “homenzinho”, a mãe fica neutra- algumas vezes - para não contrariar o marido, e todos esperançosos. Feliz daquele Espírito para quem tudo isso acontece... As vezes a gravidez é indesejada e os pensamentos são outros, que somente fazem sofrer aquele que espera o momento de vir ao mundo, se o deixarem!

Geneticamente, o sexo do bebê é determinado por um par de cromossomos: XX (mulher) ou XY (homem). Tanto o óvulo quanto o espermatozóide contêm, cada um deles, **23** cromossomos. O óvulo maduro sempre possui o cromossomo X, mas o espermatozóide pode ter tanto um X como um Y. Se, no momento da fecundação do óvulo, a célula fecundadora carregar consigo o cromossomo X, será menina; se carregar o cromossomo Y, será menino. Mas tudo isso não acontece ao acaso: a definição do sexo do Espírito reencarnante será garantida naquele processo pelos Espíritos Superiores, que magnetizam um espermatozóide que possua as características genéticas que irão adequar a conformação sexual do corpo à psique do Espírito que volta à vida material. Quando não há cooperação direta das Entidades que irão tutelá-lo na sua nova experiência ou, se possível, do próprio reencarnante, funciona rigorosamente a lei de atração magnética, sempre em cumprimento da lei de causa e efeito, sem que falte a misericórdia divina.

A SEDE REAL DO SEXO

Ser homem ou mulher aqui na Tenra tem tudo a ver com a finalidade do Espírito que volta ao mundo material. Lá, na outra dimensão da vida, mesmo vivenciando o psiquismo masculino, talvez ele resolva reencarnar em corpo feminino e vice-versa. Mas o Espírito tem sexo? perguntará você. E a resposta é sim! Mas não o sexo como eu e você, caro leitor, entendemos (LE: q. **200**). O conceito que temos de sexo é acanhado e atrelado aos órgãos genitais e às emoções por eles produzidas, isto porque o sexo tem sido, ao longo de nossas vidas sucessivas, muito aviltado por todos nós. Esquecemos que a energia sexual encontra-se na base de todos os processos de evolução e, dada a nossa pequenez diante da Criação divina, sentimos dificuldade de conceber a sua grandeza e de reconhecer o seu verdadeiro significado e importância para nossa evolução espiritual.

Mesmo não admitindo a reencarnação e a existência de uma mente imortal que carrega consigo a memória e os sentimentos de vidas anteriores, Freud tinha certa dose de razão quando postulou que as forças instintivas sexuais já estão em atividade na criança desde o seu nascimento. Afirmou o pai da psicanálise que a energia sexual determina o comportamento da criança, que passa a exigir gratificações difusas em seu organismo. Assegura ele que tal fato pode ser comprovado pela análise direta de crianças pequenas, quando se quer observá-las e com elas conversar com disposição objetiva e sem preconceitos. Estas assertivas de Freud estarreceram a geração de cientistas contemporâneos, sendo ele alvo de acerbas críticas. A elas Freud respondeu dizendo que as críticas eram a comprovação da necessidade de cada pessoa esquecer e negar os desejos e conflitos sexuais de sua própria infância, por hipocrisia ou nojo de si mesma. É, provavelmente, o que acontece conosco quando não queremos, inconscientemente, ver sexualidade nas nossas crianças, porque essa constatação as tomaria impuras, deixando também de ser inocentes, virtudes que tanto admiramos nelas e que já perdemos.

Na concepção freudiana, “erotismo” não está relacionado apenas ao funcionamento do aparelho genital. Prazer é o mesmo que erotismo em psicanálise. Toda ação física ou mental que dá prazer é erótica. Ações ativas ou passivas que promovem excitações eróticas estão presentes no homem desde a infância. As crianças sentem prazer sexual, sem que tenham noção do que realmente se passa com seu organismo, diferentemente do adulto. O sexo, como energia criadora, é latente na alma, sendo os órgãos genitais masculinos e femininos apenas o seu aparelhamento de exteriorização, assim como os olhos o são para a vista, o cérebro para o pensamento, a pele para o tato.

Os Espíritos ensinam que a sede real do sexo não se acha no veículo físico, e sim na estrutura complexa do

Espírito, entendendo que essa *estrutura complexa* é o perispírito, ou seja, o corpo do Espírito na erraticidade; que o Espírito é assexuado (LE: q. 202). Logo, na Terra, as formas masculinas ou femininas que venha a adotar estarão a serviço da procriação.

EROTISMO INFANTIL

Como dissemos, a sexualidade infantil é muito diferente da sexualidade adulta, pois não contém os mesmos componentes e interesses. Se bem observarmos, o bebê já demonstra erotismo com o contato físico, quando é segurado, beijado, acariciado. Estudos revelam que não é somente a sensação de segurança e de que é amado que lhe proporciona prazer, mas também a excitação que o toque em seu corpo provoca, já que a energia sexual está difusa em todo ele. Olhos, pele, boca, paladar, olfato, órgãos genitais e outras áreas erógenas integram um complexo nervoso, que tem conexões com o centro sexual do cérebro, responsável pela reação involuntária da excitação. Observe-se que a ereção é comum em bebês e crianças quando acariciadas, servindo ao orgulho machista dos pais e fazendo rir as mãezinhas. Ainda antes dos dois anos de idade, surge a auto-exploração: a criança brinca e tem prazer com o próprio corpo. Com o desenvolvimento, vem o interesse em brincar de fazer cócegas, tocar os próprios genitais e os dos outros. Esses jogos ocorrem entre irmãos, primos e amiguinhos. Brincam de “papai e mamãe” e de “médico”, porque tais brincadeiras lhes dão oportunidade de se tocar e se conhecer melhor fisicamente, descobrindo as diferenças: é o processo de individuação. Tudo isso atende à força da energia sexual que o Espírito comporta, desde suas primitivas experiências.

Diz Emmanuel que “toda criatura consciente traz consigo, devidamente estratificado, a herança incomensurável das experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da vida. [...] A vista do exposto, é fácil reconhecer que *toda criatura humana, sempre nascida ou renascida sob o patrocínio do sexo*, carrega consigo determinada *carga de impulsos eróticos*, que a própria criatura aprende, gradativamente, a orientar para o bem e valorizar para a vida”³⁷ (grifamos).

Diante do que aprendemos com os Espíritos, a ideia de que a criança é pura e isenta de sexualidade deve ser revista pelos que ainda pensam assim. Procuremos observar sem medo e sem preconceitos determinados comportamentos da criança com relação ao seu corpo. Jung, com sua genial intuição, referindo-se à sexualidade infantil, admitiu que “seria extremamente inverossímil dar-se o fato de um instinto, tão importante na psicologia humana, não começar a manifestar-se na alma infantil, ainda que de forma rudimentari”³⁸. Mas ele alerta aos observadores para tomar cuidado com os exageros freudianos, pois “o fato de a criança já se ocupar com questões que para o adulto tem indubitável tonalidade sexual nem de longe quer significar que a maneira pela qual a criança se ocupa disso também deva ser considerada sexual”³⁹. Portanto, ao percebermos atenção exacerbada da criança com as partes erógenas do seu corpo ou dos seus amiguinhos, fiquemos atentos, mas cuidemos para não sermos levados pela nossa “malícia” de adulto, vendo ali manifestações eróticas patológicas: talvez não passe de simples curiosidade, de experiências necessárias ao sadio desenvolvimento psicológico da criança, para sua individuação, como já lembramos. Analisar com ideias preconcebidas os comportamentos infantis não é nada científico. A repetência do fato e o seu progresso deverão, sim, nos alertar para possíveis tendências ao interesse intempestivo do sexo.

POSSÍVEIS CONFLITOS SEXUAIS

Agora que já caminhamos um pouco e nos entendemos (é o que espero) sobre a existência da sexualidade na criança, aprendendo que o Espírito, ao reencarnar, traz *devidamente estratificada a herança de si mesmo das*

³⁷ 1. Francisco Cândido XAVIER, em *Vida e sexo, peio Espírito Emmanuel*, cap. 24.

³⁸ 2. C. G. JUNG em *O desenvolvimento da personalidade*, p. 6.

³⁹ 3. *Idem*, p. 10.

experiências sexuais, vividas nos reinos inferiores da vida, nos animamos, então, a falar das possíveis distonias no campo sexual da criança. Lembremos que o Espírito, quando na erraticidade, transita em corpos masculinos ou femininos, devendo adaptar-se psicologicamente se o corpo é o inverso ao de sua última experiência sexual. Quando essa adaptação falha por qualquer motivo, emergem os conflitos sexuais, entre eles a homossexualidade.

Na literatura espírita encontramos duas situações em que a homossexualidade pode se manifestar:

1) Espírito com mente acentuadamente feminina ou masculina reencarna, em processo de prova ou expiação, em corpo de sexo inverso ao de sua psique, mas não aceita a sua nova condição, reagindo de diferentes formas, na busca de emoções sexuais com parceiros do mesmo sexo;

2) Espírito culto e sensível, com a mente acentuadamente feminina ou masculina, reencarna em corpo de sexo oposto ao de sua estrutura psicológica, para realização de tarefas nobilitantes no campo do desenvolvimento intelectual, moral e espiritual da Humanidade, tendo condições para disciplinar seus desejos e emoções e não se aventurando na busca de comportamentos inconvenientes, embora possa apresentar trejeitos e características psicológicas do sexo oposto ao de seu corpo físico.

“Quando o corpo se encontra definido numa ou noutra forma e o arcabouço psicológico não corresponde à realidade física, temos o transexualismo, que, empurrado pelos impulsos incontrolados do *eu* espiritual perturbado em *si mesmo ou pelos fatores externos*, pode marchar para o homossexualismo, caindo em desvios patológicos, excessivos e dolorosos”⁴⁰. Grifamos para chamar a atenção aos cuidados que todos devemos ter com nossas crianças, em não iniciá-las, já na infância, nas atividades, hábitos e costumes erotizantes e favorecer suas tendências para este ou aquele campo da sexualidade ainda insegura.

Não iremos tratar aqui do homossexualismo propriamente dito, ou seja, dos “desvios patológicos em que os indivíduos procurariam atender às solicitações sexuais com parceiro de mesmo sexo, em atitudes ativas ou passivas”⁴¹, conforme definição do respeitável espírita Jorge Andréa. Como nosso intuito é tratar das tendências ou conflitos sexuais nas crianças, preferimos adotar o conceito de *transexualismo*. Na transexualidade infantil, a criança poderá apresentar o conflito sexual, mas não a desarmonia na prática, por ser intempestiva. Ao longo da vida poderá se manter sem desregramentos de conduta amorosa, se devidamente orientada nos preceitos doutrinários e evangélicos.

Segundo Andréa, “o transexualismo deve representar todo aquele caso em que o corpo está perfeitamente definido ao lado da genitália, na faixa masculina ou feminina, entretanto o arcabouço psicológico não corresponde à realidade física. E o que se tem observado em certas estruturas masculinas com atitudes, tendências e emoções tipicamente femininas, ou organizações femininas com psique masculina”⁴².

As ciências psicológicas efetuaram pesquisas detalhadas e aprofundadas na personalidade com inversão na manifestação sexual. Analisaram sua infância, educação, tendências, aptidões, comportamento, ambiente social e a influência dos pais, visando a chegar às causas da homossexualidade, a fim de reeducá-la. Sendo orientadas unicamente por princípios materialistas, as pesquisas concluem que as causas do problema se encontram apenas na presente existência. Admitem que a homossexualidade tem origem na educação errônea dos pais, na instrução negativa das escolas, nos ambientes perniciosos à moral e também em algum desequilíbrio da genética. Apesar de todos esses esforços, não conseguiram chegar às causas reais, mas somente aos desencadeadores imediatos.

Sigmund Freud, a partir de suas observações, chegou a conclusões de valores descritivos, mas não científicos. Via o fato como consequência de uma falha no desenvolvimento psicosexual na primeira infância, com ênfase na fase edípica, em razão de algumas situações não plenamente resolvidas, tais como: forte fixação na mãe,

⁴⁰ 4. Divaldo Pereira FRANCO, em *Loucura e obsessão, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda*, p. 68.

⁴¹ 5. Jorge ANDRÉA, em *Forças sexuais da alma*, p. 98.

⁴² 6. *Idem*, p. 97.

falta de cuidados paternos efetivos, inibição do desenvolvimento masculino pelos pais, fixação ou regressão no estágio narcisista do desenvolvimento, fracasso na competição com irmãos e irmãs.

Mas todas essas teorias perdem força quando não levam em consideração a dinâmica da reencarnação e a lei de causa e efeito. A ciência materialista não quer aceitar que “a alma guarda a sua individualidade sexual intrínseca, a definir-se na feminilidade ou na masculinidade, conforme os característicos acentuadamente passivos ou claramente ativos que sejam próprios”⁴³. Isso significa que a transexualidade não tem nada de imoral e não deve ser discriminada, já que se trata de fenômeno natural da vida, em que o Espírito etemo envergará o corpo que melhor lhe aprouver, segundo seus interesses evolutivos. Conforme foi dito, muitos Espíritos cultos e sensíveis, com a mente acentuadamente feminina ou masculina, reencarnam em corpos diferentes de sua estrutura psicológica para a execução de tarefas especializadas e meritórias no campo do desenvolvimento intelectual, moral e espiritual da Humanidade. No entanto, deles ou delas ninguém se envergonha, pelo contrário, citam-nos com respeito.

Constatado o fato, os pais não deverão se deixar vencer pelos preconceitos da sociedade materialista, cuja maioria é heterossexual, colocando-se na condição de vítimas do “destino” ou assumindo que o filho seja doente. Muitas pesquisas têm sido feitas na ânsia de se encontrar uma resposta biológica para o transexualismo, mas todas elas têm origem no preconceito, que busca erradicar o “mal”.

Diante dos conhecimentos adquiridos sobre a sexualidade infantil e ignorando quais os problemas que porta a criança no campo do sexo, problemas esses originados em vidas pregressas, devem os pais evitar a erotização intempestiva de seus filhos. É comum adultos acharem “engraçadinho” que crianças de dois, três anos de idade se beijem na boca; perguntarem a elas “quem é seu namoradinho”; vestirem as meninas de cinco a sete anos com microsaías ou *shorts* colantes, favorecendo o realce de seus corpos; incentivarem-nas a imitar tal ou qual estrela da TV, com danças eróticas; fazerem nelas maquiagens exóticas, como se fossem mulheres formadas. Os meninos, desde muito cedo, assistindo a exposições de cenas explícitas ou indutivas de sexo, passam a se referir a esta ou aquela atriz como sendo sua preferida, por apresentarem dotes físicos mais sensuais. Esses procedimentos erotizam o afeto e a relação das crianças entre elas e até mesmo com os adultos. Promovem uma distorção em sua capacidade de sentir, pensar e de se relacionar, pois são estimuladas a dar um salto para a sexualidade genital, quando ainda não têm maturidade emocional e biológica para sua realização, sendo vítimas, muitas vezes, de ansiedade generalizada ou depressão. Os pais devem lembrar sempre que seus filhos são Espíritos em estágio de reeducação, competindo-lhes não lhes excitar as possíveis tendências perversas do sexo, mas sim plantar-lhes virtudes e moderação em tudo.

Ao observarem comportamentos sexuais destoantes na criança, deverão acompanhar atentamente a constância, o grau e as circunstâncias em que se dão, para se certificarem se devem ou não tomar providências e quais as mais acertadas para o caso. É oportuno lembrar que as crianças costumam imitar e fantasiar com muita facilidade os exemplos dos adultos ou mesmo de seus colegas, exagerando e caricaturando as situações. Personagens de televisão e cinema, de muito fácil acesso às crianças de hoje, exercem influência no seu modo de vestir, de andar e de falar, devendo todos esses fatores ser levados em consideração antes de um julgamento leviano. Se, depois de acurada observação – desprovida do preconceito de que “tudo pode acontecer com o filho do vizinho, mas não com o seu” –, concluir que vai necessitar de ajuda, busque-a primeiramente em um Centro Espírita bem orientado do ponto de vista do conhecimento doutrinário, segundo as obras kardecistas. Ao buscar o apoio de psicólogos ou psiquiatras, prefira aqueles que vêem o homem na composição trina: corpo, perispírito e espírito (ou alma), pois estarão mais aptos a construir uma perspectiva holística do problema, indicando uma solução não traumática para a criança e seus pais. O esforço destes no aprofundamento da filosofia espírita

⁴³ 7. Francisco Cândido XAVIER e Waldo VIEIRA, em *Evolução em dois mundos*, pelo Espírito André Luiz, p. 141.

e a evangelização da criança são caminhos a ser trilhados com a esperança de um desfecho feliz para todos, já que a inadaptação do Espírito em um corpo distinto de seu psiquismo sexual não é uma doença, mas uma experiência arrojada, quando ele muito carece da solidariedade, da orientação segura e do amor dos pais, para não se promiscuir e se sentir fracassado e infeliz. Consoladoras são as palavras do venerável Espírito Bezerra de Menezes: “É, no entanto, na forma transexual, quando o Espírito supera a aparência e aspira pelos supremos ideais, que surgem as grandes realizações da Humanidade, como sucede na heterossexualidade destituída de tormentos e anseios lúbricos, que lhe causam graves distonias”⁴⁴.

REFLEXÃO

*As Crianças*⁴⁵

Vede, não desprezeis alguns destes pequeninos... Jesus (Mt, 18:10)

Quando Jesus nos recomendou não desprezar os pequeninos, esperava de nós não somente medidas providenciais alusivas ao pão e à vestimenta.

Não basta alimentar minúsculas bocas famintas ou agasalhar corpinhos enregelados. É imprescindível o abrigo moral que assegure ao espírito renascente o clima de trabalho necessário à sua sublimidade.

Muitos pais garantem o conforto material dos filhinhos, mas lhes relegam a alma a lamentável abandono.

A vadiagem na rua fabrica delinquentes que acabam situados no cárcere ou no hospício, mas o relaxamento espiritual no reduto doméstico gera demônios sociais de perversidade e loucura que em muitas ocasiões, amparados pelo dinheiro ou pelos postos de evidência, atravessam largas faixas do século, espalhando miséria e sofrimento, sombra e mina, com deplorável impunidade à frente da justiça terrestre.

Não desprezes, pois, a criança, entregando-a aos impulsos da natureza animalizada.

Recorda que todos nos achamos em processo de educação e reeducação, diante do Divino Mestre.

O prato de refeição é importante no desenvolvimento da criatura, todavia não podemos esquecer “que nem só de pão vive o homem”.

Lembre-mos da nutrição espiritual dos meninos, através de nossas atitudes e exemplos, avisos e correções, em tempo oportuno, de vez que desamparar moralmente a criança, nas tarefas de hoje, será condená-la ao menosprezo de si mesma, nos serviços de que se responsabilizará amanhã.

Emmanuel

10 RELAÇÕES AFETIVAS E CONFLUIVAS ENTRE PAIS E FILHOS

O AMOR MATERNO

O *Correio Braziliense*, em 2005, veiculou a notícia de uma mãe de 19 anos que vendeu sua filha para comprar roupas. Certamente, como pais amorosos e responsáveis que são, ficarão horrorizados em saber que isso aconteceu. Infelizmente, muitas notícias semelhantes a essa são publicadas nos periódicos do Brasil e do mundo inteiro todos os dias. Mais triste ainda é saber que algumas mães abandonam seus recém-nascidos à sorte, quando não os mata, e que outras iniciam suas filhas na prostituição.

Você, caro leitor, dirá, com toda a razão: “Tudo isso acontece por falta de amor das mães pelos seus filhos”. E aí uma pergunta que não quer calar: o amor de mãe não é inato como se afirma? A venerável Joanna de Angelis

⁴⁴ 8. Divaldo Pereira FRANCO, em *Loucura e obsessão, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda*, p. 70.

⁴⁵ 9.----- Francisco Cândido XAVIER, em *Fonte viva, pelo Espírito Emmanuel, mensagem 157*.

responde que o amor é conquista do Espírito maduro, psicologicamente equilibrado, e que não se instala de um para outro momento⁴⁶. Reforça a assertiva André Luiz: “A maternidade é sagrado serviço espiritual em que a alma se demora séculos, na maioria das vezes aperfeiçoando qualidades do sentimento”⁴⁷.

Circunscrevendo-nos ao amor de mãe, tão decantado pelos filósofos e poetas, consideremos a opinião de Badinter⁴⁸, estudiosa francesa que realizou uma respeitável pesquisa a respeito. A sua tese é que o amor materno não é um sentimento inato; que ele não é intrínseco à natureza feminina: é um sentimento que se desenvolve ao sabor das variações socioeconômicas da história, dependendo da época e das circunstâncias materiais em que vivem as mães. A autora constata a extrema variabilidade desse amor, segundo a cultura, as ambições ou as frustrações da mãe, concluindo que o amor materno é apenas um sentimento humano como outro qualquer e, como tal, incerto, frágil e imperfeito. A notícia a que nos referimos no início do capítulo deixa claro que foi a imperfeição do amor pela filha que levou a mãe a vendê-la. Affagilidade de seu amor pela filha ficou demonstrada com o seu arrependimento.

Da história privada do Império Romano consta que, no seu primeiro milênio, o enjeitamento de crianças e sua venda eram práticas comuns. Mercadores de escravos recolhiam os enjeitados nos santuários, nos monturos públicos e lares miseráveis, onde mães desesperadas vendiam seus recém-nascidos aos traficantes. Badinter afirma que o amor materno sofre a influência das condições culturais e materiais, verificando a defectibilidade do amor materno no desinteresse em amamentar os seus filhos, durante a Idade Média e a Idade Moderna. Constata, estarecida, que as mães se desligavam dos filhos assim que eles nasciam, entregando-os às amas-de-leite para alimentá-los e criá-los, ficando separadas deles por dois ou três anos! “Como explicar que uma mulher que já perdera dois ou três filhos colocados em casa de amas continuasse a enviar os outros filhos para o mesmo lugar?”⁴⁹ pergunta ela. Ora, somente a ausência do amor materno pode explicar tal procedimento, ficando claro que aquele sentimento não é absolutamente inato.

Quando o Codificador perguntou aos Espíritos (LE, q. 890) se o amor materno era uma *virtude* ou um *sentimento instintivo*, comum aos homens e aos animais, eles responderam que seria “uma e outra coisa”. Seria virtude, que não é uma graça obtida, mas um hábito adquirido, e seria instinto, que no animal se limita a prover as necessidades primárias das crias. Contudo nós vimos aqui que muitas mães, consideradas civilizadas, nem mesmo proviam a necessidade primária dos seus filhos. Sabendo Allan Kardec que nem todas as mães possuíam esse sentimento tão nobre de que falavam as entidades do Além-túmulo, inquiriu: “Como é que há mães que odeiam os filhos e, não raro, desde a infância destes?” (LE, q. 891). A resposta esclareceu, com base na lei da causa e efeito, que, em muitos casos, pode ser uma prova ou expiação escolhida pelo filho, para enfrentar uma mãe má. Veja que nesta resposta ficou implícito que o Espírito que vai ser mãe nem sempre traz o amor pelo futuro filho. A esperança é que ela aprenda a amá-lo; que conquiste o amor por seu rebento pela abnegação.

Admitindo, por força das evidências, que o amor de mãe não é inato e que deverá ser conquistado ao longo da convivência com o filho (que o digam as mães adotivas), somos forçados a concluir que a mulher, ao se transmutar em mãe, dá exemplo inequívoco de que o amor é sentimento que se aprende. Isto porque, conforme o Espírito Blandina, “há mulheres cujo coração ainda se encontra em plena sombra. Mais fêmeas que mães, jazem obcecadas pela ideia do prazer e da posse e, despreocupando-se dos filhinhos, lhes favorecem a morte. O *infanticídio inconsciente* é largamente praticado no mundo”⁵⁰ (grifamos).

⁴⁶ 1. Divaldo Pereira FRANCO, em *Elucidações psicológicas à luz do Espiritismo*, pelo Espírito Joanna de Ângelis, p. 25-39.

⁴⁷ 2. Francisco Cândido XAVIER, em *Entre a Terra e o Céu*, pelo Espírito André Luiz, p. 177.

⁴⁸ 3. Elisabeth BADINTER, em *Um amor conquistado*.

⁴⁹ 4. *Idem*, p. 13.

⁵⁰ 5. Francisco Cândido XAVIER, em *Entre a Terra e o Céu*, pelo Espírito André Luiz, p. 62-63.

Vejamos agora como se comportam os filhos com relação ao amor aos seus pais. Observa-se que toda criança passa por uma fase em que se bandeia mais para o genitor do sexo oposto, manifestando-se mais carinhosa com um do que com o outro, apresentando-se ciumenta e exigindo mais atenção. É comum ouvir a menina dizer que vai se casar com o pai; o menino, com a mãe. Este fenômeno do amor afetado da criança pelo genitor do sexo oposto se dá entre os três e sete anos de idade e foi batizado pelo criador da psicanálise, Sigmund Freud, de complexo de Édipo. Pedimos licença ao leitor para uma digressão a respeito do termo, na intenção de tomar bastante claro o seu conceito e ajudar os jovens pais a compreender esse fenômeno tão bem desvendado pela reencarnação.

COMPLEXOS DE ÉDIPO E DE ELECTRA

A mitologia grega relata que Laio, rei de Tebas, e Jocasta, sua esposa, ao terem um filho, consultaram o oráculo de Apolo, e esse lhes disse que o menino nascera fadado a matar o pai e se casar com a mãe. Para evitar a tragédia, Laio entregou o recém-nascido a um criado, para que o abandonasse à morte no monte Citéron. O criado desobedeceu a ordem e deu o menino a um pastor de ovelhas, que, em seguida, o levou ao rei e à rainha de Corinto. Não tendo descendentes, esses o adotam como filho e lhes dão o nome de Édipo.

Adulto, Édipo ouve dizer que é filho adotivo. Vai até Delfos e consulta o oráculo, que lhe diz a verdade e lhe repete a sina de que matará o pai e desposará a mãe. Desesperado, Édipo viaja para Tebas. No caminho, cruza com o rei da cidade, Laio, se desentendem, brigam e Édipo o mata. Chegando em Tebas, o regente da cidade dá-lhe por esposa a viúva, Jocasta, com quem ele tem dois filhos e duas filhas.

Os anos passam e, um dia, Édipo é informado de tudo o que acontecera. Ao saber da verdade, Jocasta se enforca. Édipo vaza os olhos e, em seguida, sai pelo mundo afora, exilando-se em Colono com An-tígona, sua filha mais velha.

Sigmund Freud associou o fato de Laio ter matado o pai (sentimento de ódio) e de ter casado com sua mãe (amor, desejo, erotismo) ao sentimento desenvolvido pelos filhos em relação aos seus pais de sexo oposto durante a infância, por isso deu-lhe o nome de complexo de Édipo.

O médico austríaco estabeleceu que a teoria do complexo de Édipo seria aplicável tanto à criança do sexo masculino quanto à do feminino. No entanto, Carl Gustav Jung, discípulo não alinhado de Freud, propôs o conceito de complexo de Electra para a crise de relação da menina com seu pai, tomando como referência o mito da filha do rei de Micenas. Este era casado com Clitemnestra, que tinha um amante chamado Egisto. Os dois planejavam matar o rei, mas Electra, sua filha, descobriu o plano nefando e incitou o seu irmão Orestes a matar os amantes, tendo ajudado a enfiar o punhal em sua mãe.

Freud se baseou, para suas conclusões, nos seus próprios sentimentos para com seus pais, no relacionamento das crianças com seus genitores e nas análises de adultos neuróticos. Confessou, aos 41 anos de idade, em carta dirigida ao seu amigo Wilhelm Fliess, o seu complexo de Édipo: *“Encontrei em mim, como em toda parte, sentimentos amorosos em relação à minha mãe e de ciúme a respeito de meu pai, sentimentos estes que, penso eu, são comuns a todas as crianças pequenas [...]”*⁵¹ (grifamos). Freud teve oportunidade de fazer contato com as teorias espíritas, já bastantes divulgadas em sua época, mas foi um materialista teimoso, preferindo confundi-las com práticas de misticismo e não aceitá-las como científicas. Se assim não fosse, encontraria na verdade da reencarnação bases para melhor desenvolver sua teoria sobre os sentimentos de amor e repulsão existentes entre pais e filhos, indo além do “penso eu”.

O Espírito Joanna de Ângelis esclarece que, no complexo de Édipo, “detectamos uma herança reencarnacionista, tendo em vista que a mãe e o filho apaixonados de hoje foram marido e mulher de antes, em cujo relacionamento naufragaram desastrosamente [...]. No complexo de Electra, deparamos uma vivência

⁵¹ 6. Elisabeth ROUDINESCO, em *Dicionário de psicanálise, verbete Édipo, complexo de*.

ancestral entre esposos e amantes, e que as Soberanas Leis da Vida voltam a reunir em outra condição de afetividade, a fim de que sejam superados os vínculos anteriores de conduta sexual aflitiva”⁵². Como vemos, a pluralidade das vidas no corpo físico mostra o que Freud não quis ver.

O Espírito André Luiz, em missão de socorro a uma família desajustada pelo desequilíbrio moral do chefe da casa, analisa, junto com seu instrutor, o fenômeno psicológico do complexo de Édipo e toma bastante compreensível a complicada teoria proposta por Freud, por se fundamentar apenas na teoria da libido⁵³.

Nessas condições encontramos os personagens na vida atual. Ddeu, que não cultivava amor nem respeito pela esposa Marcela, dedicada ao lar e aos filhos Roberto, de nove anos, Márcia e Sônia. O esposo inconformado com a vida tem uma amante, com quem pretende viver, planejando assassinar a mãe dos seus filhos. Roberto, o primogênito, é muito apegado à mãe, detesta o pai e é por este odiado. Quando Ildeu está agredindo a esposa, Roberto sempre intervém a favor da mãe, dirigindo olhares de censura ao pai, que o ameaça de morte, não contendo o ciúme que sente pela afinidade entre o filho e a esposa.

Márcia e Sônia são as filhas queridas de Ddeu. Muitas vezes, depois de acordá-las com os improperios dirigidos a Marcela, lamenta-se de tê-las assustado, devolvendo-as ao leito, falando-lhes carinhosamente e manifestando sua predileção e amor por elas. André Luiz estranha a repulsão de Ddeu ao filho e a deferência com que trata as filhas, bem como o amor expressivo de Roberto pela sua mãe. Indaga André Luiz ao Instrutor Silas se não tinham ali, no caso de Roberto e Marcela, um quadro autêntico do complexo de Édipo, proposto por Freud. Esclarece o abnegado Instrutor que, em vida anterior, Ddeu fora casado com Marcela, abandonando-a para viver com Márcia, que tinha uma irmã menor, Sônia, que acompanhou o casal de amantes. Tomando-se jovem, Sônia foi seduzida pelo cunhado. Ddeu, entrando em franca decadência moral, precipitou as duas jovens ao meretrício. Agora nasceram como suas filhas, na esperança de que o amor entre eles fosse sublimado.

Marcela, abandonada por Ildeu, após lutar cinco anos para viver dignamente, encontrou em Roberto o companheiro ideal que lhe deu segurança e felicidade. Ildeu, vencido pela doença e conservando ainda o seu mau caráter, procurou Marcela, que não o aceitou, pois era feliz e fiel a Roberto. Movido de passional ciúme, Ddeu assassinou Roberto. Este voltou, então, como vimos, na condição de filho daquele que interrompeu violentamente sua vida feliz ao lado de Marcela Ddeu, nada fazendo para conquistar a amizade e confiança de sua vítima, aquece com seu procedimento o calor do ódio que assoma do inconsciente profundo de Roberto, repetindo-se o passado. Eis as causas do amor de Roberto pela mãe e de seu ódio pelo pai.

Como vimos, o relacionamento afetivo entre mãe e filho, em muitos casos, pode perfeitamente ser explicado pela reencarnação, já que o Espírito, no papel de filho, poderá escolher ou ser a ele imposto uma mãe que o odeia, mesmo antes de reencarnarem.

Eis o complexo de Edipo desvendado. Que os pais espíritas se alertem para esse fato e busquem não apenas o apoio das terapias psicológica ou psicanalítica, mas o do perdão e da oferta de amor. Educando seus filhos com base no Evangelho de Jesus e com ajuda dos instrumentos racionais que a Doutrina Espírita lhes oferece, melhor e oportunamente compreenderão seus filhos e a si mesmos. Dessa forma, acreditamos que o “complexo de Édipo ou de Electra”, bem trabalhado psicologicamente, conduzirá a criança a uma juventude e maturidade felizes, sem neuroses e sem receio de amar e ser amada.

O DESAMOR DOS FILHOS

Outro aspecto a ser levado em conta nas relações entre pais e filhos é o desamor destes por aqueles. É o que se chama de ingratidão. Mesmo quando os pais amam sublimadamente seus filhos, não desejando nenhuma recompensa, às vezes esperam reconhecimento, por menor que seja, pelo esforço que realizaram em seu favor.

⁵² 7. Divaldo Pereira FRANCO, em *Vida: desafios e soluções*, pelo Espírito Joanna de Ângelis, p. 31.

⁵³ 8. Francisco Cândido XAVIER, em *Ação e reação*, pelo Espírito André Luiz, caps. 14-15.

Tal reconhecimento nem sempre acontece e, por vezes, os filhos causam sérios prejuízos materiais e danos morais aos seus pais, como se fossem verdadeiros inimigos. Nesse caso, o Espiritismo também projeta luz no entendimento desse doloroso problema, que flagela os corações de muitos pais.

“Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança; a alguns dentre eles, porém, mais adiantados do que os outros, é dado entreverem uma partícula da verdade; apreciam então as funestas consequências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, uma só é a senha: caridade. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio.

Então, mediante inaudito esforço, conseguem tais Espíritos observar os a quem eles odiaram na Terra. Ao vê-los, porém, a animosidade se lhes desperta no íntimo; revoltam-se à ideia de perdoar, e, ainda mais, à de abdicarem de si mesmos, sobretudo à de amarem os que lhes destruíram, quiçá, os haveres, a honra, a família. Entretanto, abalado fica o coração desses infelizes. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se predomina a boa resolução, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes dêem forças, no momento mais decisivo da prova.

Por fim, após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos incumbidos de transmitir as ordens superiores permissão para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se. Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contato com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. *Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver. E como se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam da parte de certas crianças e que parecem injustificáveis.* Nada, com efeito, naquela existência há podido provocar semelhante antipatia; para se lhe apreender a causa, necessário se toma volver o olhar ao passado” (EE: cap. 14, item 9) (grifamos).

Não obstante encontrarmos valiosos esclarecimentos para as difíceis relações de afetividade entre pais e filhos, na certeza da pluralidade das vidas, não devemos, sob pena de cometer grave erro, reduzi-las a essa verdade.

“Sem dúvida, muitos pais, despreparados para o ministério que defrontam em relação à prole, cometem erros graves, que influem consideravelmente no comportamento dos filhos, que, a seu turno, logo podem se rebelar contra estes, crucificando-os nas traves ásperas da ingratidão, da rebeldia e da agressividade contínua, culminando, não raro, em cenas de pugilato e vergonha”⁵⁴.

O que se observa é que – com raríssimas exceções – não nascemos preparados para ser pais do ponto de vista de amar e educar os filhos na forma ideal, solicitada pelos estudiosos do assunto e pelos Espíritos Superiores. Diante disso, teremos que buscar ajuda nas ciências que tratam do relacionamento interpessoal, com enfoque na família. Não há dúvida que as técnicas psicológicas e a metodologia da educação favorecem profundamente o êxito desse empreendimento, que é o de conduzir bem os filhos na sua caminhada para Deus. O diálogo aberto e sincero, a solidariedade, a indulgência, a energia moral e o amor dilatado em todos os sentidos são instrumentos que os pais têm que adotar para merecer o respeito e a confiança dos filhos. Imprescindível acompanhar o desenvolvimento biopsicossocial dos “garotos”, na tentativa de compreender-lhes o comportamento, levando em conta a idade, a capacidade intelectual, o estágio espiritual e o contexto social em que estão inseridos.

Para lograr sucesso na conquista do amor dos filhos, é vital que os pais exercitem a auto-análise e a

⁵⁴ 9. J. Raul TEXEIRA, em *Desafios da educação, pelo Espírito Camilo*, p. 35.

autocrítica, perguntando-se se estão “agindo” ou “reagindo” diante do comportamento inseguro dos seus filhos ainda na fase de infância e depois na adolescência. “Cabe aos genitores, sem dúvida, a árdua e sublime missão de bem conduzir a sua criança, pensando no adolescente que advirá [...]”⁵⁵.

Esses procedimentos promovem a desintegração dos quistos conflitantes existentes na família, com etiologia em vidas pregressas, e evitarão que novos desajustes se iniciem na vida atual. A família de cada um de nós é estruturada com base na lei da causa e efeito, pais e filhos se reencontram porque necessitam uns dos outros, almejando a reconciliação. Vital é que a tolerância, a indulgência e o perdão se façam presentes nos momentos difíceis, para que o recomeço, bênção divina, se transforme em ventura espiritual.

REFLEXÃO

*Criança e Futuro*⁵⁶

A criança, hoje, – abençoado solo arroteado que aguarda a semente da fertilidade e da vida – necessariamente atendida pela caridade libertadora do Evangelho de Jesus, nas bases em que Allan Kardec o atualizou, é o celeiro fecundo, que se abarrota de esperanças para o futuro.

Criança que se evangeliza – adulto que se levanta no rumo da felicidade porvindoura.

Todo investimento de amor, no campo da educação espírita, tendo em vista a alma em trânsito pela infância corporal, é valiosa semente de luz que se multiplicará em resultados de mil por um...

Ninguém pode empreender tarefas nobilitantes, tendo as vistas voltadas para a Era Melhor da Humanidade, sem um vigoroso empenho na educação espírita do pequenino da atualidade. Embora ele seja um espírito em recomeço de tarefas, reeducando-se, não raro, sob os impositivos da dor em processo de carinhosa lapidação, é oportunidade ditosa, que surge como desafio para o momento e promessa de paz para o futuro. Isto porque sabemos que a infância é ensejo superior de aprendizagem e fixação, cabendo-nos o mister relevante de proteger, amparar e sobretudo de conduzir as gerações novas no rumo do Cristo.

Esse cometimento–desafio é–nos grave empresa, por estarmos conscientizados de que o corpo é concessão temporária e a jornada física um corredor por onde se transita, entrando-se pela porta do berço e saindo-se pela do túmulo, na direção da Vida Verdadeira.

A criança, à luz da psicologia atual, não é mais o “adulto em miniatura”, nem a vida orgânica representa mais a realidade única, face às descobertas das modernas ciências da alma.

Ao Espiritismo, que antecipou as conquistas do conhecimento, graças à revelação dos Imortais, compete o superior ministério de preparar o futuro ditoso da Terra, evangelizando a infância e a juventude do presente.

Em tal esforço, apliquemos os contributos da mente e do sentimento, evocando o Senhor quando solicitou que deixassem ir a Ele as criancinhas, a fim de nelas plasmar, desde então, mais facilmente e com segurança, o “reino de Deus” que viera instaurar na Terra.

11 NOÇÕES BÁSICAS SOBRE A OBSESSÃO

Este capítulo é um preâmbulo a um tema bastante delicado, a obsessão infantil, que os familiares, de um modo geral, têm dificuldade em aceitar. Cremos que as noções a seguir podem favorecer a compreensão e aceitação desse fato pelos pais, podendo, assim, ajudar os seus filhos a se libertar mais facilmente das malhas da obsessão.

INFLUÊNCIA, UMA LEI NATURAL

Todos possuímos poder anímico de influenciar o outro e receptividade suficiente para ser influenciado.

⁵⁵ 10. *Ibidem*.

⁵⁶ 11. Divaldo Pereira FRANCO, em *Compromissos iluminativos*, pelo Espírito Bezerra de Menezes, p. 29*30

Quanto à capacidade de influenciar, irradiamos pela palavra, pelos atos e pelo pensamento nossos predicados espirituais, morais e culturais, sendo captados por aqueles que pensam e sentem como nós. Influência é, portanto, a ação de uma causa, de um fator ou agente sobre o ser humano. Mas sabemos, também, que a influência se dá entre todos os seres do universo. Diz Emmanuel: “O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físico, em sua formação orgânica em seu nascimento na Terra

. É cientificamente compro

vada a influência da Lua no fluxo das marés e na agricultura, bem como nos fenômenos meteorológicos. A influência é uma lei divina a favorecer o nosso progresso na permuta de valores que escolhermos.

É notório que as pessoas de personalidade mais forte influenciam as de personalidade mais fraca. As crianças, por exemplo, são muito sensíveis às chamadas influências verticais, ou seja, aquelas oriundas dos pais e dos educadores, daí a importância do exemplo. Já o adolescente, por sua vez, tem propensão a resistir à influência vertical, tomando-se dócil à influência horizontal, ou seja, aquela que parte dos seus iguais: colegas e amigos. Passe a observar e irá concluir que a influência entre os humanos é fenômeno corriqueiro e fundamental na preservação da cultura, na divulgação dos pensamentos e no contágio dos sentimentos. Por ela, repassamos nosso conhecimento, nossas crenças e nossos hábitos aos nossos descendentes. Sem o recurso da influência, cada um de nós teria que recomeçar sozinho, repetindo a experiência de erro e acerto a cada renascimento. É importante ressaltar a forte e sabida influência dos exemplos na formação moral de todos nós.

INFLUÊNCIA ESPIRITUAL

Uma das grandes revelações do Espiritismo para a sociologia é a de que nós, humanos, convivemos com os Espíritos, formando uma comunidade única em nosso planeta; que encarnados e desencarnados vi vemos na mesma psicofera⁵⁷, influenciando-nos mutuamente. “A ação do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente é uma das leis, uma das forças da Natureza, tão necessária à harmonia universal, quanto a lei de atração. Se ela cessasse, a harmonia estaria perturbada, conforme sucede num maquinismo, donde se suprime uma peça. Derivando de uma lei da natureza semelhante ação, nada têm, evidentemente, de sobrenaturais os fenômenos que ela operam” (OP: Manifestações dos Espíritos, item 2). O Espírito cognominado Dr. Barry fala-nos da repercussão dos acontecimentos em nosso Planeta na esfera em que ele vive:

Uma coisa que vos parecerá estranhável, mas que por isso não deixa de ser rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos, mundo que vos rodeia, experimenta o contrachoque de todas as comoções que abalam o mundo dos encarnados. Digo mesmo que aquele toma parte ativa nessas comoções. Nada tem isto de surpreendente, para quem sabe que os Espíritos fazem corpo com a Humanidade; que eles saem dela e a ela têm de voltar, sendo, pois, natural se interessem pelos movimentos que se operam entre os homens (GE: cap. XVIII, item 9, §§3^ae4^a).

Assim, também, os Espíritos usam, deliberadamente, o seu poder de influência sobre nós. Kardec indagou se os desencarnados usam o pensamento para nos influenciar, e os Espíritos lhe responderam: “A esse respeito a sua influência é maior do que credes porque, frequentemente, são eles que vos dirigem” (LE: q. 459).

Imaginemos, agora, que você abandona este livro e liga o rádio que está ao seu lado e sintoniza-o na estação que toca o tipo de música que você mais gosta. De repente muda de ideia e quer ouvir um noticiário, e aí busca na escala do rádio outra emissora. Música ou notícia? Deleitar-se ou informar-se? Vai depender do seu interesse e da sintonia do seu rádio com a estação transmissora. Com a nossa mente acontece de forma semelhante: se pensamos em coisas desagradáveis, nos sintonizamos com a mente de um desencarnado ou encarnado que se sinta infeliz. Mas é preciso estar atento, “vigiar”, pois, muitas vezes, sem razão aparente, optamos por ser pessimistas, infelizes. Poderemos estar sendo induzidos por algum Espírito infeliz, sofredor, pessimista. Se

⁵⁷ 2.----- Estado psíquico do ser; campo de influência psíquica de um indivíduo.

aceitarmos passivamente a sua influência, é porque resolvemos ser infelizes junto com ele. Somos susceptíveis, sim, de captar o pensamento dos Espíritos, mas a decisão de aceitar ou não depende unicamente de cada um de nós, já que temos o privilégio de fazer uso do livre-arbítrio. Assim como o leitor decide fechar o livro e controlar a sintonia do rádio ou da televisão, poderá, também, controlar sua mente. Fechar este livro e passar a ler uma revista é simples questão de escolha, do uso do seu livre-arbítrio.

Allan Kardec esclarece o mecanismo da influenciação de desencarnado para encarnado, da seguinte maneira: “Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros” (GE: cap. XIV, item 15). Somos forçados a concluir que a influenciação que os Espíritos exercem sobre cada um de nós depende da nossa sintonia mental, e a nossa companhia espiritual será sempre resultado dos nossos pensamentos, atos e sentimentos cultivados em qualquer lugar e a qualquer momento.

CONCEITO DE OBSESSÃO

Compreendida a dinâmica da influenciação recíproca, fácil será entender o processo obsessivo. Obsessão é palavra de origem latina (*obsessio*) que significa impertinência, perseguição; preocupação com determinada ideia, que domina de forma doentia o nosso pensamento. Allan Kardec ensina: “A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. [...] é *quase sempre* a ação vingativa de um Espírito, e na maiorias das vezes tem sua origem nas relações do obsidiado com o obsessor, em existência anterior” (EE: cap. 28, item 81) (grifamos).

O Codificador diz “*quase sempre*” porque existem obsessões provocadas não somente por vingança. Atentemos para o que escreve o Espírito Bezerra de Menezes: “[...] nem sempre os obsessores serão entidades absolutamente más. Muitos serão, ao invés, grandes sofredoras, almas tristes e doloridas, feridas no pretérito de existências tumultuosas, pela ingratidão e maldade desses que agora são as suas vítimas [...]”⁵⁸. Há mesmo obsessão causada por paixão – confundida com “amor” pela maioria de nós humanos. Imaginemos alguém que nos ama muito nesta existência e que seja traída por nós, abandonada, conduzida ao desespero pela nossa indiferença. Desencarnada, será um Espírito sofredor que poderá nos obsidiar porque continua nos “amando”. Se não aprendeu a perdoar, mantém consigo toda a carga de emoção que cultivou no plano da matéria, e, pela nossa sintonia com ele, em virtude da consciência culpada, vai manter-se ao nosso lado, interferindo em nossa vida. Ensina Kardec: “[...] a obsessão é uma montanha extraordinária de paixões e sentimentos desordenados, para cuja destruição precisais das ferramentas do amor, das ferramentas da humildade e da verdadeira abnegação” (AP: n. 40). A paixão – tomada, às vezes, como amor – é um sentimento avassalador, exclusivista e doentio que, levado para o Além-túmulo, mantém o apaixonado ligado ao objeto de seu desejo. É um sentimento desordenado que leva o obsessor a prejudicar o ser amado. Ele, tal como o obsidiado, necessita de compreensão, de esclarecimento e de caridade: é infeliz tanto quanto a sua vítima.

Todos nós, por imperfeitos que somos, carregamos, desta ou de outras existências, as causas da obsessão:

Amores exacerbados, ódios incoercíveis, dominação absolutista, fanatismo injustificável, avareza incontrolável, má distribuição de valores e recursos financeiros, aquisição indigna de posse transitória, paixões políticas e guerreiras, ganância em relação aos bens perecíveis, orgulho e presunção, egoísmo nas suas múltiplas facetas são as fontes geratrizes desse funesto condutor de homens, que não cessa de atirá-los nos resvaladouros da loucura, das enfermidades portadoras desíndromes desconhecidas [...].⁵⁹

⁵⁸ 3. Ivone A. PEREIRA, em *Dramas da obsessão*, pelo Espírito Bezerra de Menezes, p. 26. *

⁵⁹ 4. Divaldo Pereira FRANCO, em *Estudos espíritas*, pelo Espírito Joanna de Ângelis, cap. 19.

E não somente a consciência culpada mas também determinados vícios – como a ociosidade, o excesso de prazeres e a invigilância de pensamentos, cultivados nesta existência – nos colocam à mercê de entidades brincalhonas, apaixonadas e vingativas, dando origem à obsessão. São as imperfeições morais que atraem os Espíritos que se comprazem com nossas desditas. Somente a oração e a prática do bem os afastarão de nós.

ESTÁGIOS DA OBSESSÃO

*O que determina o grau e a intensidade da obsessão são, em princípio, as causas que motivaram o perseguidor a atacar o encarnado, assim como a sua maior ou menor resistência ao assédio.*⁶⁰

Como as demais doenças, a obsessão – que também o é – tem seus estágios, e, graças a isso, podemos agir a tempo de não permitir que o mal se agrave. De início, a “obsessão simples” ou “influência sutil”. O Espírito se aproxima de nós e começa a projeção dos seus pensamentos e sentimentos, do seu ódio ou da sua dor. Se aceitamos as sugestões, contribuimos para que se instale o estágio seguinte: a fascinação. Então, passamos a pensar com desacerto, sentir coisas estranhas e agir de forma não condizente com nossa personalidade, acreditando irracionalmente no que vem da mente do obsessor. Todos percebem as mudanças, menos o doente. Surgem sintomas físicos, cujas origens não são detectadas pela medicina humana. Choro sem razão aparente, medo infundado, ansiedade, angústia, preocupação exagerada com tudo, mania de perseguição, falta de apetite ou fome incontrolável, busca exacerbada de prazeres etc. Daí para frente, a “subjugação” física e moral, podendo nos levar à loucura ou à instalação de males orgânicos crônicos, de difícil reversão. Nessa fase, o obsidiado começa a sentir, fazer e falar coisas estranhas, desconexas, atuando de forma bizarra e comprometedora, não encontrando na medicina oficial o remédio para sua cura.

Os problemas que acometem uma pessoa obsidiada são bastante complexos e dolorosos. Sua mente fica aprisionada nos emaranhados fluídicos do seu algóz. “Se tenta agir, gritar, reagir, não tem forças, não comanda mais o seu próprio comportamento e vê-se perdida no cipoal de ideias enlouquecedoras, que sabe não serem suas, mas às quais tem que obedecer porque se sente dominada em todos os centros de registro”⁶¹. Na obsessão, os sintomas variam, mas as características se assemelham. É necessário, no entanto, um bom conhecimento do assunto e uma sólida experiência no contato com esse tipo de doença para identificá-la de imediato.

12 CONSEQUÊNCIAS DA OBSESSÃO

Com propósitos didáticos, classificamos aqui as consequências da obsessão por sua natureza.

DE NATUREZA PSÍQUICA

As consequências de natureza psíquica da obsessão são aquelas que se manifestam pelas alterações na personalidade do indivíduo. Embora o obsidiado, aparentemente, leve uma vida normal, todos aqueles que o conhecem percebem que “ele já não é o mesmo”, isto porque passa por tormentos interiores, que somente ele detecta, tais como:

- surgimento de ideias fixas torturantes, que lhe interrompem o curso dos pensamentos próprios, difíceis de afastar da mente;
- domínio de sua vontade por outra vontade, estranha e invisível;
- inquietação crescente sem causa aparente;
- excitação de desejos fortes além do habitual;
- emersão de impulsos adormecidos, mais ou menos inconscientes;
- aparecimento de indisposições agressivas contra alguém sem motivo patente;

⁶⁰ 5. Martins PER ALVA, em *Mediunidade e evolução*, p. 117.

⁶¹ 6. Suely Caldas SCHUBERT, em *Obsessão/desobsessão*, p. 55.

- subjugação a um cansaço físico e mental, incapacitando-o para as realizações normais da profissão, do lazer e do aprendizado;
- dificuldade de concentração para a boa leitura, oração e conversação elevada;
- insegurança e medo infundados, chorando com facilidade;
- mania de perseguição, acreditando-se injustiçado ou discriminado.

Tais sintomas sugerem que a obsessão está instalada! Nesse caso, o recomendável é tratar de recorrer à prece e pôr mãos à obra para a renovação da mente, com o auxílio da terapêutica espírita, sem, no entanto, dispensar os cuidados médicos. É muito comum encontrarmos casos de caráter misto onde se conjugam obsessão e males físicos, tais como depressão, ansiedade generalizada, fobia, agressividade etc.

DE NATUREZA FÍSICA

As consequências de natureza física são aquelas registradas no organismo físico do obsidiado, nem sempre diagnosticáveis pela medicina materialista. São as “enfermidades simulacros”, das quais os Espíritos nos falam que existem como resultado da atuação magnético-obsessiva. Pode-se afirmar, com base na literatura espírita, que todas as doenças catalogadas pela medicina são possíveis de se manifestarem no corpo físico do obsidiado, lesado pela longa sintonia com os obsessores ou pelo reflexo das lesões que eles trazem no perispírito, em virtude da íntima sintonia com o obsidiado.

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda ensina que a mente do obsidiado, controlada pela mente do obsessor, favorece a proliferação de bactérias patológicas, propiciando a degenerescência celular do seu organismo, em forma de cânceres, tuberculose, hanseníase e outras enfermidades. O Espírito Dias da Cruz, por sua vez, nos alerta:

“Todos os nossos pensamentos definidos por vibrações, palavras e atos arrojam de nós raios específicos. Assim sendo, é indispensável curar de nossas próprias atitudes, na autodefesa e no amparo aos semelhantes, porquanto a cólera e irritação, a leviandade e a maledicência, a crueldade e a calúnia, a irreflexão e a brutalidade, a tristeza e o desânimo, produzem elevada percentagem de agentes R [radiações mentais], de natureza destrutiva, em nós e em tomo de nós, exógenos e endógenos, suscetíveis de fixar-nos, por tempo indeterminado, em deploráveis labirintos de desarmonia mental.”⁶²

É muito comum que doenças dos aparelhos digestivo, respiratório e circulatório, bem como da pele, principalmente as alergias, sejam curadas apenas com a fluidoterapia (passes e água magnetizada), sessões de desobsessão e a mudança de atitude do paciente perante a vida.

Convém, por oportuno, dizer ao leitor que nem toda doença se manifesta em nós pela heterobsessão, provocada por Espírito, pois existem – e não são poucas – as que se manifestam em razão dos registros deletérios que trazemos em nosso perispírito, de existências pregressas, pelos nossos desequilíbrios. “O número de enfermidades essencialmente orgânicas, sem interferências psíquicas (da nossa ou de outras mentes), é positivamente diminuto. A maioria das moléstias procede da alma, das profundezas do ser. Em tese, todas as manifestações mórbidas se reduzem a desequilíbrio, desequilíbrio esse cuja causa repousa no mundo mental”⁶³.

DE NATUREZA SOCIAL

As consequências de natureza social são aquelas que conduzem o obsidiado a uma difícil vida de relação com os familiares, amigos e colegas de trabalho, em razão dos tormentos interiores por que passa ocultamente.

O obsessor também se vale daqueles que rodeiam sua vítima, insuflando-lhes impaciência, antipatia e

⁶² 1. Francisco Cândido XAVIER, em *Instruções psicofônicas, por Espíritos diversos*, p. 97.

⁶³ 2. Francisco Cândido XAVIER, em *Vinha de luz, pelo Espírito Emmanuel*, mensagem 157.

desconfiança, para tomar mais difícil a vida da sua vítima. Esta, por sua vez, depressiva, pessimista, angustiada e lamuriosa, afasta de si até mesmo aqueles que possuem alto grau de solidariedade e de fraternidade, por se sentirem cansados do estado doentio do obsidiado. Para ele, quando os parentes não têm por base a Filosofia Espírita, a vida em família passa a ser um transtorno. É lamentável que seus membros, na condição de cônjuges, filhos e irmãos, não entendendo o que se passa, não conhecendo a causa e efeito que rege nossos atos, não se apoiem mutuamente na busca de uma solução em comum, já que todos estão envolvidos, pela justiça divina, naquele processo obsessivo. Uma família espírita, que entende esse mecanismo, favorece o restabelecimento de um dos seus membros vitimado pela obsessão de forma menos traumática e mais rápida, por admitir que, “vinculados os Espíritos no agrupamento familiar pelas necessidades da evolução em reajustamentos recíprocos, no problema da obsessão, os que acompanham o paciente estão fortemente ligados ao fator predisponente, caso não hajam sido os responsáveis pelo insucesso do passado, agora convocados à cooperação no ajustamento das contas”⁶⁴.

13 TRATAMENTO DA OBSESSÃO

Identificado o mal, é urgente buscar a terapêutica correta. “O tratamento de obsessões [...] não é trabalho excêntrico, em nossos círculos de fé renovadora. Constitui simplesmente a continuidade do esforço de salvação [...], começado nas luminosas mãos de Jesus”⁶⁵. Dos muitos exemplos evangélicos que comprovam essa assertiva, destacamos apenas um para que o leitor compreenda melhor o que digo: “E eis que estava ali uma mulher que tinha um *espírito de enfermidade*, havia já dezoito anos; e andava curvada, e não podia de modo algum endireitar-se. E, vendo-a Jesus, chamou-a a si, e disse-lhe: mulher, estás livre da tua enfermidade. E pôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou, e glorificava a Deus” (Lc 13.11-13) (grifamos).

Chama-se *desobsessão* o processo de tratamento com a finalidade de livrar o obsidiado do seu obsessor, levando em consideração, contudo, que este é também um irmão atormentado, necessitado de compreensão e de amor fraterno. Se nem todas as obsessões têm raízes em vidas passadas, podemos afirmar que nenhuma delas acontece sem a anuência, consciente ou inconsciente, de quem a sofre. Por isso a desobsessão, em conformidade com a Doutrina Espírita, é uma forma de assistência bilateral, já que toda obsessão tem suas raízes na imperfeição moral do obsidiado.

O Mestre Jesus costumava aconselhar àqueles que eram beneficiados pela cura: “*vai e não peques mais*”, deixando claro o ensinamento de que os sofrimentos físicos e morais de todos nós são consequências da desobediência às leis divinas de amor e de fraternidade. Daí a extremada necessidade de o paciente cooperar com a sua própria cura.

No que diz respeito ao problema das obsessões espirituais, *o paciente é, também, o agente da própria cura*. É óbvio que, para lográ-la, necessita do concurso do cireneu da caridade que o ajude sob a cruz do sofrimento, através da diretriz de segurança e esclarecimento que o desperte para maior e melhor visão das coisas e da vida, em cujo curso se encontra progredindo. [...] Esclareça-se, portanto, o portador das obsessões, mesmo aquele que se encontra no estágio mais grave da subjugação, através de mensagens esclarecedoras ao subconsciente, pela doutrinação eficaz, conclamando-o ao despertar, do que dependerá sua renovação⁶⁶ (grifamos).

Despertar para ter uma “maior e melhor visão das coisas da vida” significa passar a ter uma *atitude* de obediência às leis divinas; ter uma *atitude* de amor e de caridade perante o próximo. *Atitude* é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas ou a um grupo delas, a situações, questões

⁶⁴ 3. Divaldo Pereira FRANCO, em *Grilhões partidos*, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, p. 13.

⁶⁵ 1. Francisco Cândido XAVIER, em *Pão nosso*, pelo Espírito Emmanuel, mensagem 17S.

⁶⁶ 2. Divaldo Pereira FRANCO, em *Grilhões partidos*, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, p. 22.

e acontecimentos ocorridos no meio em que vivemos. Os componentes essenciais da atitude são: pensamentos, crenças, sentimentos, emoções e formas de agir e de reagir. Ora! Não é fácil para nenhum de nós realizar a proeza de *mudar de atitude*. Seus componentes não são modificados ou substituídos com a mesma facilidade com que os incorporamos em nossa personalidade ao longo da vida. Mas é dessa mudança que dependerá nossa renovação e a cura da obsessão. E urgente, portanto, um esforço incomum para galvanizar em nossa alma uma atitude consentânea com os postulados do Evangelho do Cristo.

Na desobsessão, o irmão em sofrimento recebe a ajuda do “cireneu da caridade”, que é a “diretriz de segurança e esclarecimento” oferecida pela Doutrina Espírita, em forma de um programa disciplinar, que varia de acordo com o Centro que o atende, guardando, no entanto, a unidade de princípios que o Espiritismo determina. Sugerimos a busca de uma Casa Espírita séria, fundamentada nos postulados kardecistas e no Evangelho de Jesus, para receber a devida orientação.

A desobsessão, como qualquer tratamento para recuperação da saúde, consta de procedimentos bem definidos a serem implementados pela instituição socorrista e pelo paciente. O objetivo é cooperar com o vitimado pela obsessão para que ele concretize sua reforma interior, condição fundamental para o encontro da cura. Em resumo, são os que seguem:

a) manter diálogo fraterno com alguém da Casa Espírita apto a ouvi-lo e oferecê-lhe os instrumentos racionais e evangélicos da Doutrina Espírita, por meio da palavra amiga de compreensão e de apoio, objetivando fortalecê-lo moral e espiritualmente;

b) receber esclarecimento por meio de preleções, de palestras públicas, de leituras específicas e de cursos, que lhe oferecerão os princípios da Filosofia Espírita, para uma sadia atitude perante a vida, e o ajudarão na transformação de seus pensamentos, crenças, sentimentos e formas de agir;

c) amparo ao obsessivo dado pelo esclarecedor, nas reuniões de desobsessão, persuadindo-o à prática do perdão e à reconciliação com sua vítima, para que saiam da tormentosa situação e sejam felizes;

d) tomada de passes e de água fluidificada pelo obsidiado, com a finalidade de libertá-lo das impregnações fluídicas doentias do obsessivo, que causam sérios prejuízos para sua saúde física e psíquica;

e) implantação do Culto do Evangelho no Lar, facilitando, assim, a cooperação dos Espíritos superiores e a conjugação de esforços dos membros da família no processo regenerativo de todos;

f) busca de “trabalho-amor” dentro da instituição, doando algumas horas do seu lazer à caridade, com vistas a demonstrar ao seu algoz a sinceridade de propósitos em mudar de atitude e merecer dele o perdão e a conseqüente reconciliação.

Tomadas essas providências, resta-nos confiar na intercessão amorosa de Jesus a nosso favor, que sempre socorreu os enfermos da alma e do corpo. Ele assegurou, quando foi repreendido pelos seus inimigos por estar entre os pecadores: “Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes” (Mt 9:12).

Para finalizar este capítulo, oferecemos a você alguns procedimentos preventivos contra a obsessão, constantes da seguinte mensagem.

DEFENDA-SE⁶⁷

Não converta seus ouvidos num paiol de boatos.

A intriga é uma víbora que se aninhará em sua alma.

*

Não transforme seus olhos em óculos da maledicência.

As imagens que você corromper viverão corruptas na tela de sua mente. *

Não faça de suas mãos lanças para lutar sem proveito. Use-as na sementeira do bem.

⁶⁷3. Francisco Cândido XAVIER, em *Agenda cristã*, pelo Espírito André Luiz, lição 41.

*
Não menospreze suas faculdades criadoras, centralizando-as nos prazeres fáceis.

Você responderá pelo que fizer delas.

*
Não condene sua imaginação às excitações permanentes.

Suas criações inferiores atormentarão seu mundo íntimo.

*
Não conduza seus sentimentos à volúpia de sofrer. Ensine-os a gozar o prazer de servir.

Não procure o caminho do paraíso, indicando aos outros a estrada para o inferno.

A senda para o Céu será construída dentro de você mesmo.

14 OBSESSÃO NA INFÂNCIA

A obsessão na infância é um capítulo muito expressivo para integrar a relação das psicopatogêneses dos distúrbios de comportamento e mentais, necessitando urgente atendimento especializado, desse modo facultando oportunidades para a recuperação do paciente, para a sua saúde, para o ressarcimento dos seus débitos através do bem que poderá fazer, ao invés do sofrimento que experimenta.'

No capítulo 4 da obra *Sexo e obsessão*, os Espíritos Anacleto e Philomeno de Miranda observam o Padre Mauro (encarnado) no educandário onde trabalhava como professor. No pátio do colégio, Philomeno foi atraído pela animação intensa e jovial das crianças em movimentação. Surpreso, observou que todas elas estavam acompanhadas por Espíritos que apresentavam diversificados caracteres morais, sendo alguns entidades cruéis, que, desde cedo, intentavam perturbá-las psiquicamente. A informação não nos deixa dúvidas quanto ao fato de que a criança, desde o nascimento, poderá estar acompanhada por seres invisíveis com a intenção de levá-la ao fracasso dos seus intentos na atual existência. Continuando com o relato do que observava espantado, o estudioso Espírito, sempre interessado em compreender cada vez melhor o conúbio entre encarnados e desencarnados, com a finalidade de minimizar as funestas consequências físicas e morais para os envolvidos, revela que diversas daquelas crianças *“situam-se em processo obsessivo, já que o intercâmbio mental entre os desencarnados e elas era por demais estreito!”*⁶⁸ (grifamos)

É consolador saber que, não obstante ser a criança um Espírito velho, que alberga em si muitas experiências evolutivas, nesse período da infância, recebe maior apoio espiritual, tendo em vista resguardar o programa reencarnacionista a que se submeteu. Como se explica, então, diante da proteção especial, a instalação do processo obsessivo na criança? perguntará o leitor, com justa razão. O mentor Anacleto esclarece que a obsessão na infância muitas vezes é continuidade da ocorrência procedente da erraticidade, significando, portanto, que os Espíritos vingativos e viciados reencontram suas vítimas no Além-túmulo e a eles se imantam. Suas influências perniciosas não impedem o processo reencarnatório, é certo, mas criam sérios percalços, dos quais citamos alguns:

- graves dificuldades no relacionamento entre filhos e pais, alunos e professores;
- irritações, agressividade, indiferença emocional e perversidade;
- dificuldade de compreensão e lentidão no pensamento;
- enfermidades físicas e distúrbios mentais ou psicológicos.

No capítulo da obsessão infantil, vale também o princípio de que nem todo assédio é produto do ódio, da vingança, tal como podemos concluir das considerações anteriores.

Conta-nos a saudosa médium e escritora Ivone A. Pereira um caso interessante, o qual resumiremos para o

⁶⁸ 1. Divaldo Pereira FRANCO, em *Sexo e obsessão*, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, p. 56.

leitor, ficando o convite para consultar a referida obra, objetivando saber mais sobre este assunto.

Uma garota, parente da médium, apresentava comportamentos não comuns a uma criança de dez anos de idade. Consultados os Espíritos, ficou patente a influência de seres desencarnados. A menina se apresentava com trejeitos cômicos, caretas horríveis, palavreado piegas ou atrevido, irritando os familiares e escandalizando os estranhos. Além do mais, rebelava-se contra qualquer ação disciplinadora, fazendo-se acreditar portadora de distúrbios mentais. Castigos foram aplicados sem nenhum resultado. Rejeitava a prece e os passes que lhe desejavam aplicar. Mas, às vezes, mostrava-se normal, conversava inteligentemente, demonstrando precocidade.

Consultado o Espírito Charles, um dos mentores da médium, disse ele: “Ela afinou-se com entidades inferiores durante o estágio no Espaço, antes da reencarnação. Arrependimento sincero, porém, levou-a, a tempo, a se retrair das mesmas, e desejar encaminhar-se para melhores planos. É médium, ou antes, possui faculdades mediúnicas, que futuramente poderão frutificar generosamente, a serviço do próximo, se bem cultivadas. Os antigos companheiros do Invisível assediam-na, tentando reavê-la para o sabor de velhos conluíus. Conheceis o remédio para tais desarmonias. Aplicai-o!”⁶⁹

Ao se constatar, com certeza, que a criança apresenta comportamento muito diferente do das outras com as quais brinca e convive; que é incontrolável, alternando dos estados agressivos aos de quietude depressiva e, algumas vezes, tentando a autodestruição, pode-se concluir que esteja em processo obsessivo. Nesses casos, o mecanismo terapêutico é um tanto complexo em face de uma enorme ausência de cooperação consciente do enfermo infantil, mas alguns procedimentos – além dos mencionados no capítulo anterior – podem ser encaminhados :

- **tratamento espiritual sério e bem orientado;**
- **passes magnéticos e água fluidificada;**
- **evangelização sob a luz do pensamento espírita;**
- **psicoterapia do amor, do esclarecimento, da paciência dos genitores, familiares e educadores, quando possível;**
- **atitude enérgica, mas sem violência, levando-o a respeitar os limites da sua atuação;**
- **culto do Evangelho no lar, com a participação dela, mesmo que pareça passiva e que se mantenha inquieta, caso em que os pais devem buscar meios pedagógicos de entretê-la.**

O afastamento dos obsessores, que se sentem lesados por razões que desconhecemos, não é nada fácil. Dominados pelo ódio, mostram-se intransigentes e irreduzíveis; cristalizados no sentimento de ódio, são refratários a todo tipo de tentativa de esclarecimento. Muitos obsessores são hábeis e inteligentes, perfeitos estrategistas que planejam cada passo e acompanham as “vítimas” por algum tempo, *observando suas tendências*, seus relacionamentos, seus ideais. Identificam seus pontos vulneráveis e as exploram impiedosos. É fundamental confiar na ajuda das Potestades do Bem, buscando o bem. Quando a criança está sofrendo assédio espiritual, toda a família também está, pois ninguém é parente por acaso.

UMA NOTA SOBRE AGRESSIVIDADE INFANTIL

Quanto à agressividade infantil, importante inserirmos aqui algumas informações adicionais dos profissionais da área, objetivando não induzir o leitor a tirar conclusões apressadas sobre o comportamento desta ou daquela criança.

Durante uma etapa do crescimento, muitas crianças mordem, beliscam e arranham os outros. Se você tem por perto uma criança de aproximadamente três anos de idade e, nos últimos tempos, ela tem manifestado alguns comportamentos agressivos quando brinca com as outras, sem a supervisão de um adulto, mordendo ou beliscando frequentemente, isso não é coisa do outro mundo, literalmente falando, é natural até prova em

⁶⁹ 2. Ivone A. PEREIRA, em *Devassando o invisível*, p. 107-108

contrário.

Entre a idade de um ano e meio até os três, muitas crianças evidenciam tais atitudes, que não podem nem devem ser consideradas patológicas. Morder, beliscar, arranhar ou bater não são mais do que comportamentos exploratórios do meio que a rodeia e descobertas sobre as reações dos outros com relação às suas atitudes. É o teste dos limites. Não há dúvida que – além da manifestação dos instintos – poderá ser também a alma a mostrar suas tendências, carecendo aí da reeducação administrada pelos pais com muito amor. Somente quando a criança tem condição de experimentar e observar os resultados dos seus atos é que pode compreender se tal atitude é ou não correta. Essa compreensão do correto será construída pela educação e exemplo dos adultos que a rodeiam durante o seu desenvolvimento físico e intelectual. Quando recebe sorrisos de quem lhe observa os atos, sabe que pode repetir dado comportamento, mas, se os outros chorarem, fizerem caratonhas ou se zangarem com ela, irá compreender que fez algo de mau e que não deve ser repetido.

Compreenda o problema como uma etapa do desenvolvimento da criança, muitas vezes associada ao crescimento físico e social, ao desenvolvimento da linguagem ou da dentição. Dê-lhe algum tempo e não desanime. Lembre-se de que estes comportamentos devem passar com a idade, à medida que o seu filho vai crescendo. Se persistirem, aí é necessário que a criança mereça uma atenção especial. Cada criança é um caso à parte, inserida num contexto específico, que deve ser compreendida de uma forma particular e holística. Observe se ela não está aprendendo determinados comportamentos com adultos, colegas mais velhos ou com a televisão. Além dos cuidados requeridos de um profissional de saúde, psicólogo ou psicopedagogo, deverá se pensar na sua reeducação espiritual, pois seu comportamento pode ser uma manifestação de tendência agressiva trazida de outras existências.

Outra questão, estudada no capítulo 10, é o relacionamento complicado entre pais e filhos, que nem sempre está vinculado a influências negativas de Espíritos equivocados, mas também ao reencontro de almas inamistosas em busca de reconciliação. Nos dois casos, a agressividade de ambos os lados poderá estar presente. Resumiremos aqui o caso de uma reencarnação do Espírito Sigismundo, apresentado pelo Espírito André Luiz⁷⁰, que nos servirá para analisar uma das possíveis razões da agressividade entre pais e filhos.

Relata-nos o médico de Nosso Lar que Sigismundo, Adelino e Raquel “são protagonistas de dolorosa tragédia”. Sigismundo levado pela paixão assassinou Adelino por causa de Raquel, que, por sua vez, aquiesceu aos desvarios de seu amante. “Desencarnaram cada um por sua vez sob intensa vibração de ódio e desesperação, padecendo vários anos, em zonas inferiores”.

O programa elaborado pela Espiritualidade interessada na reabilitação daqueles personagens foi o de promover a reencarnação de Sigismundo como filho de Raquel e Adelino, que retomara à Terra, na condição de cônjuges novamente. De posse do corpo físico, Adelino esqueceu a promessa e os ressentimentos assomaram do inconsciente profundo, gerando nele sentimentos antagônicos, dificultando-lhe honrar o que prometera. Conseqüentemente, Sigismundo, que se encorajara para reen- camar como filho de sua vítima do passado, sente-se infeliz, triste e revoltado, subtraindo-se à cooperação dos seus protetores. Após vários tentames de reconciliação, ela se deu. Adelino, desprendendo-se do veículo carnal, durante o sono, encontra-se com Sigismundo, que já o esperava ao lado da equipe espiritual que cuidava de sua volta à Terra. Após demorada preleção do instrutor Alexandre, os dois se reconciliam. Este momento é narrado com emoção por André Luiz: “O organismo perispiritual de Adelino parecia desfazer-se de pesadas nuvens, que rompiam de alto abaixo, revelando-lhe as características luminosas. Irradiações suavíssimas aureolavam-lhe agora a personalidade, deixando perceber a sua condição elevada e nobre”. Renasce, finalmente, Sigismundo na condição de filho de Adelino e Raquel...

Fica aqui as nossas interrogações. Será que os dois, pai e filho, diante de situações que os levem à sintonia

⁷⁰ 3. Francisco Cândido XAVIER, em *Missionários da luz*, pelo Espírito André Luiz, cap. 13.

com os registros do inconsciente profundo, não permitirão a emersão dos ressentimentos, tomando-se agressivos entre si? Será que não encontrarão dificuldades para anular o ressentimento do passado? Sabemos o quanto nos é difícil anular o homem velho que permanece em nós. Somente realizações novas no sentido do bem, somente a nobreza de ideais em direção ao amor, somente o conhecimento do que significa uma família dos pontos de vista consanguíneo e espiritual é que nos ajudarão a nos reformarmos interiormente, aprendendo a tolerar e perdoar. Eis por que a reeducação religiosa de todos nós se faz imprescindível para a nossa reabilitação moral frente aos nossos credores, estejam eles no invisível ou ao nosso lado, em carne e osso, como parentes, amigos, patrão ou empregado.

O ANJO DA GUARDA DAS CRIANÇAS EA OBSESSÃO

Voltando ao assunto da obsessão na infância, como entender que a criança indefesa seja vítima de Espíritos inteligentes e maus? Para a resposta, recorramos ao mesmo capítulo da obra em apreço. Lá, o autor espiritual desvela o caso de “uma menina loura de olhos claros e cabelos encaracolados com mais ou menos sete anos, que gritava, agredindo a outra com palavras e gestos vulgares, quase aplicando-lhe golpes físicos”⁷¹. Anacleto informa a Philomeno que a menina é uma obsessa e que no lar é tida por desobediente e teimosa, sendo levada ao psicólogo, que não logra êxito com as terapias fundamentadas apenas nas teorias materialistas, *desconhecendo as causas espirituais do problema*. A menina – acrescenta Anacleto – será forte candidata a tratamento psiquiátrico e uso de fármacos, que apenas minorarão os efeitos das interferências obsessivas sem alcançar as causas.

Verificamos, portanto, que a causa da influência perniciosa do Espírito mau sobre a “criança indefesa” está no seu passado, junto com aquele perseguidor. Não obstante a misericórdia divina, o cumprimento da lei de causa e efeito se dá para promover a reconciliação entre os desafetos e a consequente implantação do amor.

E possível que outra interrogação esteja na ponta da língua da mamãe ou do papai que está lendo este livro: o que faz o anjo da guarda da criança que está sendo influenciada? Busquemos a ajudado Codificador, para responder a sua justa e oportuna dúvida.

Da questão **489** a **521** de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec indaga insistentemente dos Espíritos que colaboraram com ele sobre a proteção divina que tem o Espírito ao reencarnar e busca saber sobre a existência e ação do anjo guardião de cada um de nós. As informações recebidas, as quais apresentamos em extrato, são as de que o anjo guardião é um Espírito com a missão de guiar, proteger e consolar o seu tutelado. Liga-se ao indivíduo no momento de seu nascimento e se mantém com ele até a devolução do corpo à Natureza. Já a eficiência e eficácia da proteção do anjo da guarda dependem muito do protegido. Na questão **497**, lemos: “Pode um Espírito protetor deixar o seu protegido à mercê de outro Espírito que lhe queira fazer mal? Os maus Espíritos se unem para neutralizar a ação dos bons. *Mas, se o quiser, o protegido dará toda a força ao seu protetor*. Pode acontecer que o bom Espírito encontre alhures uma boa vontade a ser auxiliada. Aplica-se então em auxiliá-la, aguardando que seu protegido lhe volte” (grifamos).

Deduzimos que o livre-arbítrio da criança não é jamais violado pelo anjo da guarda. Embora aquela menina loura de cabelos encaracolados nos pareça inocente e frágil, não deixa de ser um Espírito experiente reencarnado que dá espaço à manifestação de suas tendências agressivas, em conluio com aqueles que compartilharam, em outras existências, e compartilham, nesta, das suas emoções e sentimentos inferiores. Em todos os casos e momentos, a proteção do anjo da guarda se opera em nós, sem dúvida nenhuma, mas ela não poderá jamais inibir a ação da lei de causa e efeito. Areencarnação é a manifestação da misericórdia do Criador, dando oportunidade de crescimento ao Espírito fadado à evolução, e continua com a presença de um ente superior para nos proteger durante a vida toda. No caso em análise, acrescenta Anacleto, o Espírito protetor da

⁷¹ **4**, Divaldo Pereira FRANCO, em *Sexo e obsessão, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda*, p. **45**

menina loura “muitas vezes impede que seja arrastada pelo seu algoz para regiões mais infelizes em que se situa, nos períodos do parcial desdobramento pelo sono físico, dificultando-lhe o domínio quase total que teria sobre suas faculdades mentais e os seus sentimentos de afetividade e comportamento”⁷².

Como é do conhecimento de todas as mães, muitas crianças acordam chorosas, queixando-se de dores e falando de sonhos ruins. E que, dormindo, ao desdobrar-se parcialmente, o seu Espírito caminha na busca da realização de seus desejos – sejam eles da vida atual ou da pretérita. É, então, que os desencarnados adversários acompanham-no e se apresentam, fazendo-a recordar dos deslizes morais de ontem. Eis a razão de voltar para o corpo sob pesadelos atroztes, aos gritos e temerosa.

Mas não é somente no caso da ação perniciosa dos Espíritos cobradores, zombeteiros e viciados que o anjo da guarda ou o Espírito protetor da criança atua em sua defesa. Vejamos outros cuidados revelados pelo anjo Micael: “Nós, desviamos a criança do barranco, para onde corre traquinas; que dela afastamos os animais perigosos, e afastamos o fogo que poderia misturar-se aos seus cabelos louros. Nossa missão é suave! Somos ainda nós que lhes *inspiramos a compaixão pelo pobre, adoçura, abundância*”(RE, 1860:124-125) (grifamos).

Como dissemos, o anjo da guarda não violenta a vontade de seu protegido, inspira a ele o melhor, busca nos refolhos de seu coração o que de bom tem para se manifestar e combater o mal que dele se aproxima. Mas a decisão vai ser sempre do Espírito encarnado, que renasceu exatamente para aprender a tomar os caminhos que lhes favoreça o crescimento moral e espiritual.

Ensinemos as crianças a orar para' seu anjo da guarda. Allan Kardec nos sugere a seguinte prece:

Espíritos esclarecidos e benevolentes, mensageiros de Deus, que tendes por missão assistir os homens e conduzi-los pelo bom caminho, sustentai-me nas provas desta vida; dai-me a força de suportá-la sem queixumes; livrai-me dos maus pensamentos e fazei que eu não dê entrada a nenhum mau Espírito que queira induzir-me ao mal. Esclarecei a minha consciência com relação aos meus defeitos e tirai-me de sobre os olhos o véu do orgulho, capaz de impedir que eu os perceba e os confesse a mim mesmo. Ati sobretudo, [nome], meu anjo guardião, que mais particularmente velas por mim, e a todos vós, Espíritos protetores, que por mim vos interessais, peço fazerdes que me tome digno da vossa proteção. Conheceis as minhas necessidades; sejam elas atendidas, segundo a vontade de Deus (EE: cap. XXVIII, item 12).

15 OBSESSÃO E EPILEPSIA

Não parece natural que se escolham as provas menos dolorosas?

Pode parecer-vos a vós; ao Espírito, não. Logo que este se desliga da matéria, cessa toda ilusão e outra passa a ser a sua maneira de pensar (LE: q. 266).

A cura realizada por Jesus e narrada por Mateus (17:14-21) é um caso inequívoco de epilepsia resultante de uma obsessão. Os sintomas apresentados pela criança e anotados pelo evangelista não deixam dúvidas quanto a isso.

Epilepsia é doença conhecida desde a Antiguidade. Variando de um caso para outro, caracteriza-se pela perturbação da consciência e por alterações motoras com perda do tono muscular, provocando a queda do doente e convulsões generalizadas. Quando o doente não tem convulsões, denomina-se a doença de pequeno mal. Estatísticas informam que o mal atinge 2% da população mundial e 1,5% da população brasileira (*Correio Braziliense*, de 04/09/2004, p. 14).

As primeiras referências sobre epilepsia começaram a surgir em tomo do ano 2000 a.C., na antiga Babilônia, quando se faziam restrições ao casamento de pessoas epiléticas. Tanto na Antiguidade oriental como na ocidental, os epiléticos eram tidos na conta de “possuídos”, “loucos” e “incapazes”, sendo o mal um castigo dos

⁷² 5. *Idem*, p. 55

deuses, acreditando-se que era produzida pelo alojamento de Espíritos no corpo do paciente. A crença de que os epiléticos eram possuídos pelos *daimons* (Espíritos, em grego) não estava muito longe da verdade, como veremos mais à frente. Em tomo do ano 400 a.C., Hipócrates, o pai da medicina, afirmou que a causa da epilepsia não estava em Espíritos malignos, mas no cérebro, tentando desfazer a ideia de uma doença sagrada. Na Idade Média, a epilepsia foi tida como doença mental e, ao mesmo tempo, contagiosa. Ideia que persiste até hoje. Com frequência, tentava-se curar esse mal por meios religiosos. No século XVIII, a Neurologia definiu que a epilepsia era causada por uma descarga anormal das células nervosas.

Atualmente, o epilético ainda é vítima de preconceitos alimentados pela falta de informações a respeito da doença, isto porque “a história da epilepsia é longa e tem raízes profundas nas sutis engrenagens do Espírito. O estudo dos efeitos e da sua psicogênese necessita avançar no rumo das estruturas originais do ser humano, a fim de serem detectados os fatores desencadeantes verdadeiros [...]”⁷³.

Por ser a medicina terrena fundamentada em paradigmas materialistas, as causas verdadeiras da epilepsia são ainda desconhecidas por ela, afirmando ser uma doença de caráter hereditário. Conheçamos a opinião do sábio Espírito Dr. Bezerra de Menezes, mentor de Philomeno:

Pela Lei das afinidades, o Espírito calceta é atraído antes da reen- camação à progénie, na qual se encontram fatores genéticos de que tem necessidade para a redenção. Quase sempre seus genitores estão vinculados, em grupos familiares, a esses Espíritos em trânsito doloroso, o que constitui, normalmente, manifestação hereditária, com procedência nos graves males do alcoolismo paterno, no uso dos tóxicos, a se expressarem por meio de fatores múltiplos, tais a fragilidade orgânica, as excitações psíquicas, as infecções agudas que geram sequelas lamentáveis. Os mais credenciados mestres discutem se as suas causas matrizes são resultados da intoxicação endógena ou consequentes aos distúrbios das glândulas de secreção interna, responsáveis pela cognominada epilepsia genuína⁷⁴ (sublinhamos).

Como é fácil deduzir do esclarecimento do venerável mentor, a *hereditariedade* está sempre vinculada ao histórico do Espírito reencarnante, quando ele se une aos pais que lhe outorgam o corpo físico com os genes que lhe propicie as condições da prova que escolheu, na esperança de alcançar sua liberdade definitiva em existências futuras.

Além da epilepsia genuína — cujas causas não são consideradas hereditárias — há que se considerar as consequentes dos traumatismos cranianos, da sífilis, da encefalite, dos tumores localizados no sistema nervoso central e dos históricos emocionais. Mesmo nesses casos, conclui Dr. Bezerra, “temos que levar em conta os *fatores cármicos* incidentes para imporem ao devedor o precioso reajuste com as leis divinas, utilizando-se do recurso da *enfermidade-resgate*, *expição purgadora* de elevado benefício para todos nós”⁷⁵ (grifamos).

É ainda o Dr. Bezerra quem nos ensina uma forma didática na distinção das naturezas da epilepsia: “epilepsia genuína: depois da crise, o epilético entra em coma; epilepsia obsessiva: depois da crise, sucede o transe com a manifestação do Espírito perseguidor; epilepsia mista: o epilético sofre a carga obsessiva simultânea, quando a antiga vítima [o atual obsessor] agrava a enfermidade”⁷⁶.

É fácil compreender agora porque, na Antiguidade, os epiléticos eram tidos na conta de “possuídos”, e a doença considerada um *mal sagrado*, acreditando-se que era produzida pelo alojamento de Espíritos no corpo do paciente. Não estavam longe da verdade: ela pode ser consequente da possessão, sim! Substituindo o termo *demônio (daimon)* por *Espírito*, teremos a obsessão.

A epilepsia não perturba a inteligência, podendo encontrar-se pacientes idiotas como intelectualizados.

⁷³ 1. Divaldo Pereira FRANCO, em *Trilhas da libertação*, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, p. 272

⁷⁴ 2. *Idem*, em *Grilhões partidos*, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, p. 103-104.

⁷⁵ 3. *Ibidem*.

⁷⁶ 4. *Ibidem*.

Lamentavelmente, como irrompe de surpresa, leva sua vítima a complexos de inferioridade, graças à insegurança em que vivem, não sabendo quando pode ocorrer um episódio ou crise. Esse caráter facultativo das reações inesperadas, mesmo em decorrência de acontecimentos de pequena monta [...]. O epilético pode ser vítima de impulsos inesperados, que levam a atitudes criminosas e até mesmo automutiladoras, qual ocorreu com Van Gogh, que decepou uma orelha depois de acirrada discussão com Gauguin.⁷⁷

O evangelista Mateus registrou para nosso aprendizado a seguinte passagem, quando Jesus conjurou o *demônio*, ou seja, o Espírito vingativo, perverso que se apossara do menino havia muito tempo, fazendo-o sofrer daquela forma:

Ao chegarem junto da multidão, aproximou-se dele um homem que, de joelhos lhe pedia: Senhor, tem compaixão de meu filho, porque é lunático e sofre muito com isso. Muitas vezes cai no fogo e outras muitas na água. Eu o trouxe aos teus discípulos, mas eles não foram capazes de curá-lo. Ao que Jesus replicou: Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Traze-o aqui. Jesus o conjurou severamente e o *demônio saiu dele. E o menino ficou são a partir desse momento* (Mt 17:14-18) (grifamos).

Recolhemos da obra do psicólogo suíço Jung um caso de epilepsia por ele estudado em um menino “que aos sete anos começou a tomar-se esquisito”. O relato é interessante porque contém uma série de indícios que demonstram tratar-se de um caso de obsessão. Resumimos o que nos conta o criador da psicologia analítica, tomando o cuidado para não deformar o seu pensamento.

O primeiro sintoma é que o menino vivia se escondendo no sótão ou em outro lugar escuro. Às vezes, parava repentinamente de brincar e *corria para esconder o rosto* no colo da mãe. Na escola passou a sair às pressas da sua carteira em direção ao professor e abraçá-lo, como se estivesse *pedindo a sua proteção*. Outras vezes, conversando ou brincando, parava repentinamente, *desligando-se da realidade por segundos ou minutos*, e, ao retomar à consciência, nada sabia do acontecido. Aos poucos foi se tomando *desagradável, irritável e com acesso de furor*, chegando a ferir sua irmã com uma tesoura. Em razão de todos esses acontecimentos, o menino passou a ser considerado como “maldoso”. Neste ponto do relato, Jung informa que obteve do menino, aos doze anos de idade, após o primeiro ataque epilético, a confissão de que aos seis anos fora tomado de *medo diante de alguém que estava presente*. Depois percebeu o *vulto de um homem pequeno e barbudo*, que o amedrontava. Até aqui, com a ajuda do que nos ensina a verdade espírita, o menino presenciava, indubitavelmente, os Espíritos e se assustava sem compreender o que estava acontecendo. A incidência desses fatos tomava-o irritado e agressivo. Mas continuemos com a confissão do menino.

Disse ele que o homem barbudo insistia em lhe entregar algo horroroso, que era uma *“culpa”*. A essa altura, Jung interrogou: “Mas que culpa?” E o menino, desconfiado, disse quase cochichando: *“Crime de morte”*. Depois disso os acessos continuaram, mas *as visões eram outras*: uma freira com o rosto velado e pálido como a morte o amedrontava constantemente⁷⁸. Até os doze anos, o menino foi poupado dos acessos, mesmo vendo à sua frente as entidades equivocadas que desejavam fazer justiça com as próprias mãos, de vê-lo sofrer pelo delito cometido. Mas, se o menino não cometera delito naquela vida, sem dúvida fora em outra existência. Se Jung tivesse admitido a reencarnação e a lei de causa e efeito, mais facilmente compreenderia o drama daquele garoto.

Para melhor compreendermos esse processo, juntamos algumas ilustrações de casos estudados pelo Espírito André Luiz.

Acompanhando o caso de Pedro em uma instituição espírita, André Luiz descobre que os seus ataques epiléticos são produtos da subjugação de um Espírito vingativo. Querendo aprender mais sobre o que via, o médico da colônia espiritual Nosso Lar busca saber do Instrutor Áulus se está diante da epilepsia, o qual assim se manifesta: “Sim, presenciamos um ataque epilético, segundo a definição da medicina terrestre, entretanto

⁷⁷ 5. *Ídem*, em *Trilhas da libertação*, pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, p. 273

⁷⁸ 6. C. G. JUNG, em *O desenvolvimento da personalidade*, p. 77-78.

somos constrangidos a identificá-lo como sendo um *transe mediúnico de baixo teor*; porquanto verificamos aqui a *associação de duas mentes desequilibradas*, que se prendem às teias do ódio recíproco”⁷⁹ (grifamos). Áulus conclui assegurando que Pedro era portador de *mediunidade de provação* e que estava resgatando débitos do passado, requisitando o carinho e a compreensão de todos. Em outras palavras, era um obsessivo.

Outro caso estudado por aquele Espírito vem contribuir enormemente para nosso entendimento sobre a relação existente entre epilepsia e obsessão⁸⁰. Trata-se do personagem Marcelo. Encontramo-lo reen- camado em um lar em que os pais lhe são o exemplo maior de honestidade e abnegação de que muito necessitava para o seu reerguimento moral, corrigindo o seu passado desregrado em vida anterior, quando era detentor de vigorosa inteligência e portador de vários títulos honoríficos, mas que não soube dignificá-los, precipitando-se na vala comum dos caprichos criminosos. Marcelo ficara longo tempo em regiões inferiores e teve sua organização perispiritual lesada pelos seus algozes do passado, renascendo, portanto, com disfunções neurológicas que favoreciam as convulsões epilépticas.

Na vida atual, vem aproveitando as bênçãos recebidas no lar que lhe acolheu por dádiva do Criador, preocupado em reajustar-se moralmente. “Caracteriza-se, *desde menino*, pela bondade e obediência, docilidade e ternura naturais”⁸¹ (grifamos). Podemos inferir, pelo resumo dado e por essa última informação, que os pendores egoístas e criminosos de Marcelo, tão bem cultivados por ele no passado, foram sufocados por virtudes cristãs, em razão do sofrimento no umbral e da reeducação implementada pelos genitores desde a infância e pela sua força de vontade em se regenerar. Informa o mentor Calderaro a André Luiz: “Passou a infância tranquila, embora continuamente espreitado por antigos perseguidores invisíveis. Não se achava a eles atraído, em virtude do serviço regenerador a que se submetera; mas ao topar com algum dos adversários, nos minutos de parcial desprendimento propiciado pelo sono físico, sofria amargamente com as recordações”⁸². Somente a partir dos catorze anos é que Marcelo começou a ser vitimado pelas convulsões epilépticas, mas, já melhorado espiritualmente, soube se refugiar nos princípios nobres que cultivara, reduzindo os efeitos da doença.

Podemos inferir do caso estudado que é durante a infância, quando o Espírito se vê aprisionado pelo escafandro de carne, que os pais podem com mais facilidade cooperar com a sua reeducação, fazendo florescer as sementes de amor plantadas pelo Sempiterno no imo de todos nós. A história de Marcelo oferece características valiosas para nosso aprendizado. Marcelo atendendo às sugestões daqueles que o beneficiam, encarnados e desencarnados, “adaptando-se à realidade, vem sendo médico de si mesmo, única fórmula em que o enfermo encontrará a própria cura”⁸³.

Os pais que têm filhos nessa condição sentem-se, muitas vezes, esquecidos do Senhor da Vida, no entanto devemos, urgentemente, lembrar que Deus não castiga, não impõe a nós as dores por que passamos. Erramos, fazendo uso do nosso livre-arbitrio e, quando no mundo espiritual, é natural que escolhamos provas dolorosas para nossa remissão, pois a visão que temos da vida fora da matéria é destituída de qualquer ilusão e a nossa confiança no Pai é do tamanho da nossa vontade de se libertar definitivamente dos grilhões da imperfeição que nos mantêm na erraticidade. Vejamos as crianças nessas condições como valorosos soldados querendo resgatar a si e aos seus pais, seus benfeitores.

16 OBSESSÃO E PARALISIA

Pois bem! Para que saibais que o Filho do Homem tem o poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno -

⁷⁹ 7. Francisco Cândido XAVIER, em *Nos domínios da mediunidade*, pelo Espírito André Luiz, p- 75-85.

⁸⁰ 8. *Idem*, em *No mundo maior*, pelo Espírito André Luiz, p. 102-107.

⁸¹ 9. *Ibidem*.

⁸² 10. *Ibidem*.

⁸³ 11. *Ibidem*.

disse ao paralítico - levanta-te, toma a tua maca e vai para a tua casa. E no mesmo instante, levantando-se diante deles, tomou a maca onde estivera deitado e foi para casa, glorificando a Deus (Lc 5:24-25).

A respeitável senhora Ivone A. Pereira, expoente da mediunidade no Brasil, narra-nos um fato interessantíssimo da sua vida como médium, registrado em uma de suas obras¹ que pedimos licença ao leitor para transcrevê-lo na íntegra, em razão dos detalhes bastante significativos que se perderiam no resumo que eu pretendesse aqui fazer, prejudicando a compreensão ampla do assunto a que nos propomos estudar neste capítulo, lembrando que - como esclarece a autora - os nomes adotados são fictícios, com o fim de preservar a identidade dos personagens.

Um jovem de doze anos de idade, único filho varão de modesto sitiante dos arredores da cidade de Lavras, cujo nome era José Teodoro Vieira, *fora atacado de uma espécie de paralisia infantil desde os seus dois anos de idade*, paralisia que lhe deformara terrivelmente as pernas, tomando-as tortas, unidas pelos joelhos; os braços eram arcados e retesados, e até a fisionomia se apresentava abobalhada e como que intumescida por esforço ignoto. Era, além de tudo, também, mudo.

Ao penetrar a sede do Centro, acompanhado pelo pai, os dois videntes então presentes e também eu mesma, também presente, fomos concordes em perceber uma forma escura e compacta cavalgando o rapaz, como se ele nada mais fosse que uma alimária de sela, visto que até as rédeas e o freio na boca existiam estruturados na mesma sombra escura. O enfermo, com efeito, mantinha o dorso curvado, como se submetendo ao jugo do seu cavaleiro, chorava de dores musculares, de dores lombares, de ouvido e de garganta, e tudo indicava que uma espécie de reumatismo incurável, uma paralisia parcial, originária da sífilis, o infelicitaria para sempre, pois os médicos consultados já haviam esgotado os seus recursos científicos para o curarem; o pobre pai despendera o máximo das suas posses para o tratamento, mas o mal permanecia desafiando o tempo e as tentativas de cada um. Tratava-se, como vemos, de obsessão típica daquelas citadas nos Evangelhos de Jesus, as quais tinham até o mesmo poder de tomar surdo e mudo o paciente, e que Jesus e seus apóstolos com tanta facilidade curavam com a oposição das mãos. No decurso de dez anos de domínio, essa terrível obsessão afetara músculos e nervos, glândulas e sistema nervoso do passivo, o que desorientara os próprios médicos, que, tratando do enfermo com os métodos ditos científicos e indicados para o caso, não logravam sequer alívio para ele.

Eu era então a médium responsável pelo intercâmbio espiritual no “posto mediúnico” da “Assistência aos Necessitados” do Centro acima referido, verdadeiro templo de amor e ciência transcendente que era aquela organização. Já por essa época o Espírito Dr. Bezerra de Menezes me honrava com sua assistência para todos os trabalhos mediúnicos empreendidos, e fiz imediatamente a consulta necessária, obtendo o simples esclarecimento que se segue:

- Façam o pedido para o enfermo nas vossas sessões comuns. Que ele se submeta a um tratamento de passes diários, no próprio Centro, com uma corrente de três ou mais médiuns, e assista às reuniões que puder. O caso é simples...

Concedeu receita homeopata que foi religiosamente observada, com os medicamentos fornecidos pela própria “Assistência aos Necessitados”, gratuitamente.

Logo na primeira sessão realizada e quando o paciente só havia recebido passes, aplicados conforme a indicação, apresentou-se um antigo escravo africano, do Brasil, revoltado contra a violência que faziam, retirando-o à força do dorso do seu “corcel”:

— Por que então não posso também castigá-lo, se ele já me castigou tanto — dizia. — Ele foi meu Senhor e me subjugou enquanto vivi... Agora é a minha vez de subjugá-lo com meu chicote e a minha espora... Não era eu o burro de carga que ele chicoteava? Pois agora o burro é elee acargasou eu... Chumbo “aberganhado” não dói...

— Mas não vês que este rapaz conta apenas doze anos de idade, e não podia ter sido teu Senhor, quando a escravatura foi abolida há tantos anos?... — retrucou o presidente da mesa com inteligência, tentando esclarecimentos doutrinários.

— Ora, ora, ora... — tomou a entidade — eu bem sei o que digo e quem é ele, o meu burro... Ele é Nhonhô Teodoro Vieira, sim, não me engano não... eu nunca o perdi de vista...

Facilmente esse opressor foi retirado e encaminhado às estâncias do Invisível convenientes ao seu estado, talvez a uma reencarnação imediata, e, prosseguindo o tratamento recomendado, o moço enfermo tomou-se radicalmente curado em trinta dias.

Conversando com o pai do jovem, soube-se que “Nhonhô” Teodoro fora o bisavô do próprio enfermo, e que possuía alguns escravos, pequeno fazendeiro que fora na zona rural da velha cidade. Pela lei da reencarnação, os próprios acontecimentos autorizaram a dedução de que o jovem José Teodoro Vieira mais não era do que a reencarnação do próprio bisavô. *Colocado agora na quarta geração da própria família*, padecia a vingança de um escravo odioso que não fora capaz de perdoar os males recebidos, e, assim, descrendo da justiça de Deus, fazia justiça pelas próprias mãos. Lembro-me ainda da última receita concedida pela entidade Dr. Bezerra de Menezes ao jovem obsidiado: Beladona e China da 5ª dinamização e seis vidros de antigo reconstituente muito usado pela época.

Deslumbrado, o pai do rapaz tomou-se espírita com toda a família, desejoso de se instruir no assunto, enquanto o filho, falando normalmente, explicava, sorridente:

- Eu sabia falar, sim, mas a voz não saía porque “uma coisa esquisita” apertava minha língua e engasgava a garganta...

Essa “coisa esquisita” seria, certamente, o “freio” forjado com forças maléficas invisíveis...⁸⁴ (grifamos).

O fato nos lembra uma passagem do Antigo Testamento, em Êxodo (20:5): “Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que *puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração* dos que me odeiam, mas que também ajo com amor até a milésima geração para aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos” (grifamos).

O relato é riquíssimo em dados, profundo em ensinamentos e, por isso, nos conduz a profundas reflexões sobre as várias doenças que podem ser provocadas pela obsessão, entre elas a paralisia. Tivemos oportunidade de observar em muitas crianças, já ao nascerem, os sintomas da obsessão. Trazem consigo os cobradores de outrora, exigindo delas e dos respectivos pais muito amor, paciência e capacidade de renúncia.

Elenca o Espírito Dr. Bezerra de Menezes, ainda na mesma obra, variadas condições em que o Espírito poderá renascer, dependendo de como desencarnou na sua última existência:

- um suicida poderá renascer em deplorável estado mental;
- quem desencarnou com um tiro no coração poderá renascer com lesão naquele órgão;
- um tiro no ouvido causará, sem dúvida, certas anomalias, entre elas a surdez, um câncer, anomalias no aparelhamento cerebral ou cegueira;
- se o reencarnado se envenenou na vida anterior, na atual poderá apresentar enfermidade do aparelho digestivo, alterações no sistema circulatório, dispepsias nervosas e outros.

É oportuno prevenir o leitor de que a relação “causa e efeito” nem sempre é simétrica: para uma causa um efeito único. A contabilidade divina leva em consideração aspectos que não temos condições de decifrá-los, ainda, no seu todo. Por isso, qualquer tentativa nossa de julgar o passado pelo presente é mera especulação a se encaminhar para a falta de caridade.

REFLEXÃO

*Perante a Criança*⁸⁵

Ver no coração infantil o esboço da geração próxima, procurando ampará-lo em todas as direções.

⁸⁴ 1. Ivone A. PEREIRA, em *Recordações da mediunidade*, p. 193-196.

⁸⁵ 2. Waldo VIEIRA, em *Conduta espírita*, pelo Espírito André Luiz, p. 80

Orientação da infância, profilaxia do futuro.

Solidarizar-se com os movimentos que digam respeito à assistência à criança, melhorando métodos e ampliando tarefas.

Educar os pequeninos é sublimar a humanidade.

Colaborar decididamente na recuperação das crianças desajustadas e enfermas, pugnando pela diminuição da mortalidade infantil.

Na meninice corpórea, o Espírito encontra ensejo de renovar as bases da própria vida.

Os pais espíritas podem e devem matricular os filhos nas escolas de moral espírita cristã, para que os companheiros recém-encarnados possam iniciar com segurança a nova experiência terrena.

Os pais respondem espiritualmente como cicerones dos que ressurgem no educandário da carne.

Distribuir incessantemente as obras infantis da literatura espírita, de autores encarnados e desencarnados, colaborando de modo efetivo na implantação essencial da Verdade Eterna.

O livro edificante vacina a mente infantil contra o mal.

Observar quando se deve ou não conduzir as crianças a reuniões doutrinárias.

A ordem significa artigo de lei para toda idade.

Eximir-se de prometer às crianças que estudam quaisquer prêmios ou dádivas como recompensa ou (falso) estímulo pelo êxito que venham a atingir no aproveitamento escolar, para não viciar-lhes a mente.

A noção de responsabilidade nos deveres mínimos é o ponto de partida para o cumprimento das grandes obrigações.

Não permitir que as crianças participem de reuniões ou festas que lhes conspurquem os sentimentos, e, em nenhuma oportunidade, oferecer-lhe presentes suscetíveis de incentivar-lhes qualquer atitude agressiva ou belicosa, tanto em brinquedos quanto em publicações.

A criança sofre de maneira profunda a influência do meio.

Furtar-se de incrementar o desenvolvimento de faculdades mediúnicas em crianças, nem lhes permitir a presença em atividades de assistência a desencarnados, ainda mesmo quando elas apresentem perturbações de origem mediúnica, circunstância esta em que devem receber auxílio através da oração e do passe magnético.

Somente pouco a pouco o Espírito se vai inteirando das realidades da encarnação.

Em toda divulgação, certame ou empreendimento doutrinário, não esquecer a posição singular da educação da infância na Seara do Espiritismo, criando seções e programas dedicados à criança em particular.

Sem boa semente, não há boa colheita.

Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque deles é o reino de Deus (Lc 18:16).

17 FILHO ESPECIAL, PAIS ESPECIAIS

O progresso pode ser comparado à montanha que nos cabe transpor, sofrendo-se naturalmente os problemas e as fadigas da marcha, enquanto que a recuperação ou a expiação podem ser consideradas como essa mesma subida, devidamente recapitulada, através de embaraços e armadilhas, miragens e espinheiros que nós mesmos criamos⁸⁶

Agora que você obteve, com a leitura das páginas anteriores, informações suficientes para entender a dinâmica da vida e compreender o que é realmente uma criança, segundo os preceitos da Doutrina Espírita, esperamos que aceite — se não com alegria por enquanto, com resignação—ser uma mãe especial para um filho especial.

⁸⁶ f. Francisco Cândido XAVIER e Waldo VIEIRA, em *Evolução em dois mundos*, pelo Espírito André Luiz, p. 152.

Os homens que fazem previsão, os que lidam com estatísticas, afirmam que a cada ano, aproximadamente, cem mil mulheres tomam-se mães de crianças com algum tipo de deficiência física ou mental. Se você, mãezinha, está grávida ou planejando um filho talvez fique preocupada em saber dessa realidade. E talvez pergunte a Deus como é que Ele escolhe as mães de crianças deficientes e por que elas existem.

Sem dúvida, Ele seleciona seus instrumentos para a preservação da espécie humana com imenso amor, mas Suas Leis devem ser executadas rigorosamente, muito embora coloque na sua execução uma grande dose de misericórdia. Acredito que o Pai dá a Suas filhas a oportunidade de um salto grandioso na escala da evolução espiritual, fazendo-as mães de filhos especiais, de crianças com algum tipo de deficiência, de dificuldade, carecendo de cuidados especiais.

Se você imaginou que essa escolha é feita aleatoriamente, está se esquecendo de que o acaso não existe, como já aprendemos alhures. Quando a lei de causa e efeito se faz cumprir, de maneira aparentemente impiedosa, sobre um casal na condição de pais, é porque os dois estão prontos a cooperar com o Criador na correção das suas criaturas.

O médico, na maternidade, se aproxima da mãezinha, envolvida carinhosamente pelo esposo e, com muito tato, diz-lhes que a criança “é especial”, que apresentará dificuldades no futuro, pois assinalou na avaliação feita nos primeiros cinco minutos de vida algumas deficiências. Os pais se desesperam, questionam angustiados: por que, meu Deus, logo conosco? A mãe interroga, já com sentimento de culpa: foi algum problema comigo, doutor? O pai busca o médico e interpela: mas os exames que fizemos antes não diziam que estava tudo bem? O desânimo toma conta deles...

As respostas somente serão esclarecedoras e consoladoras se admitidas a reencarnação e a lei de causa e efeito em funcionamento. A mentora Joanna de Angelis fala com mais propriedade sobre o que pretendemos dizer:

Se te repousa no berço de sonhos desfeitos um filhinho deformado, amputado, dementado, deficiente de qualquer natureza, esquece-lhe a aparência e assiste-o com amor.

Não te chega ao trono dos sentimentos por acaso.

Antigo companheiro vencido, suplica ajuda ao desertor, só agora alcançado pela divina legislação.

Dá-lhe ternura, canta-lhe um poema de esperança, ajuda-o.

O filho deficiente no teu lar significa a tua oportunidade de triunfo e a ensanchar que ele te roga para alcançar a felicidade.

Seria terrivelmente criminoso negar-lhe, por vaidade ferida, o amparo que pede, quando concede a bênção do ensejo para a tua reparação em relação a ele.⁸⁷

Os filhos especiais são aqueles portadores de síndrome de Down, lesão cerebral, autismo, epilepsia, dislexia, hiperatividade, com déficit de atenção ou não, problemas de aprendizagem e diferentes distúrbios de natureza neurológica e/ou psiquiátrica. Sendo todos nós transgressores das leis divinas, recebamos o filho portador de uma dessas deficiências, como um recado do Criador: eis a oportunidade que vocês — pais e filho — esperavam para se redimir. Os pais de um filho especial não devem se punir, sentirem-se como condenados, mas escolhidos entre muitos. Mãezinha, exercite os olhos da alma e verá naquele corpo outra alma ansiando em se libertar e confiante na sua ajuda.

“Na maioria das vezes, o soerguimento é vagaroso. Podemos comprovar isso no estudo das crianças retardadas, que exprimem dolorosos enigmas para o mundo... *Somente o extremado amor dos pais e dos familiares consegue infundir calor e vitalidade a esses ente-zinhos* que, não raro, se demoram por muitos anos na matéria densa, como apêndices torturados da sociedade terrestre, *curtindo sofrimentos que parecem*

⁸⁷ 2. Divaldo Pereira FRANCO, em *S.O.S. família, pelo Espírito Joanna de Ângelis*, p. 104.

injustificáveis e estranhos e que constituem para eles a medicação viável⁸⁸ (grifamos).

Estas palavras servem de receita para todos os pais que tenham filhos especiais de uma forma ou de outra.

Dando à luz um filho especial, a mãe talvez não sinta a alegria do primeiro momento, tal como aquelas que recebem seu rebento com toda saúde, para amamentá-lo. Se ele apresentar deformações físicas, talvez tenha dificuldade de abraçá-lo e beijar o seu rosto. Não se recrimine por isso: o amor materno é um sentimento humano, que deve ser conquistado. Acredite! você irá conquistar o amor pelo seu filho ao longo dos dias passados ao lado dele, dispensando-lhe os cuidados de que necessita para viver. O amor é um fenômeno que pode ser aprendido. Todos nós o temos latente no imo da alma, sua semente plantada pelo nosso Criador quando da nossa gênese. E suficiente regá-la para que brote altruísta, distribuindo segurança, esperança e felicidade.

Amor de mãe não é um instinto, como já aprendemos, e nem sempre é inato como muitos pretendem. Se assim fosse, muitas delas não abandonariam seus filhos em tenra idade ou não os criariam com desamor, fortalecendo neles a sensação de abandono, de orfandade. As mães adotivas aprendem a querer o filho, que lhe veio por caminho diverso, tanto quanto a mãe biológica. Você, como todas as mães neste mundo de provas e expiações, foi convidada a aprender a amar de maneira sublimada, coisa que poucos estão aptos a fazer.

Talvez, antes do nascimento do “seu filho”, acreditasse que a maternidade é fenômeno puramente biológico e que você continuaria sendo a mesma mulher de antes, mas agora, no trato contínuo com um ser que depende do seu corpo para se alimentar, dos seus cuidados para se manter limpo, do seu desvelo para dormir e do seu amor para fazê-lo sentir-se seguro, está chegando à conclusão de que ser mãe é:

[...] uma experiência iluminativa e libertadora para a consciência, que descobre a necessidade de superação do egoísmo, de desenvolvimento dos valores morais mais expressivos, para que o amor se encarregue de dirimir dificuldades e estabelecer parâmetros de comportamentos sadios, sem exageros do apego, ou do ressentimento, ou da transferência de amarguras e frustrações para os filhos, que se lhes tomam vítimas sem defesa [...].⁸⁹

Exercite o amor, portanto, e galgue as alturas com as asas da renúncia e da gratidão, porque Jesus estará presente em seu lar dia e noite, transformando a sua luta em alegria. Amando aquela criaturinha indefesa, você criará mecanismos cármicos que transmudarão seu débito em crédito, pois “o amor cobre a multidão dos pecados”, conforme ensina o Apóstolo Pedro. Encoraje-se olhando nos olhos do seu filho especial. Observe que força ele demonstra! que coragem para viver! As crianças deficientes são atletas na maratona da vida, convidando seus pais a participarem também da chegada vitoriosa, mesmo que não seja em primeiro lugar. Se, no esporte, o importante é competir; na vida, o importante é aprender a amar.

Falar que uma criança deficiente está em expiação é severo demais para os pais e familiares, embora saibamos que a lei de causa e efeito é justa, pois foi criada por Deus. Procurando saber qual o objetivo da encarnação, os Espíritos responderam a Kardec:

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. *Para uns, é expiação; para outros, missão.* Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. *Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação.* Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. E assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta (LE: q. 132) (grifamos).

E completam: “Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova” (LE: q. 171).

Se você não teve a alegria de, no primeiro momento, abraçar seu filho sem necessidades especiais, no futuro

⁸⁸ 3. Francisco Cândido XAVIER, em *Nos domínios da mediunidade*, pelo Espírito André Luiz, p. 238.

⁸⁹ 4. Divaldo Pereira FRANCO, em *O despertar do Espírito*, pelo Espírito Joanna de Ângelis, p. 182-183.

agradecerá a ele pelo imenso amor e carinho que lhe dispensará por lhe reconhecer a capacidade de renúncia em seu benefício. Jung, estudando as crianças com pobreza de inteligência, afirma que são elas compensadas pela riqueza de coração, assegurando que “demonstram lealdade, apego, devotamento” e que “são merecedoras de plena confiança e capazes de se dedicarem com grande sacrifício próprio”. O eminente psicólogo suíço percebeu a importância do relacionamento amoroso e psíquico entre os filhos que solicitam dos seus pais uma atenção especial, afirmando que “estas crianças padecem realmente de uma ausência quase orgânica de *alguma coisa*, de que toda criança precisa necessariamente para viver, isto é, da atenção dos pais, *sobretudo da mãe*, que exerce um *efeito psíquico alimentador*”⁹⁰ (grifamos). Podemos assegurar que essa *alguma coisa* é o amor e a paciência, especialmente da mãe, porque, conforme ensinam os Espíritos, tem a mulher mais sensibilidade para a delicada função de dar ao filho as primeiras noções de vida.

Muitos outros momentos de felicidade aguardam você, mãe especial, que caminha na estrada da vida com seu filho especial. Se ele nasceu surdo, não aprenderá a falar como todos nós, exigirá uma estimulação própria, mas nem você nem ninguém irá considerar banal qualquer palavra pronunciada por seu filho, porque ela demonstrará o resultado de um esforço que de poucos é exigido. Por mais simples que seja um balbúcio dessa criança, você o receberá como um grande presente. Se tiver dificuldade de aprender, seus primeiros rascunhos e primeiras deduções lógicas representarão para você uma vitória olímpica, merecendo ele um coroa de beijos e abraços. Todo resultado inteligente que saia dele produzirá em você uma felicidade inefável: a vitória dele é sua também. Mãe, se o seu filho nasceu privado da vista, reconhecerá o mundo com seus olhos, com suas mãos, com sua voz. Seu cheiro, seu calor dirão mais a ele do que a qualquer outro ser na Terra. Quando ele se tomar independente nos movimentos e você perceber que ele faz tudo sozinho, chorará de contentamento e dirá que ele é um vencedor! Agradecerá a Deus o filho que pôs em seus braços e terá a certeza de que o entregará melhor do que o recebeu. Agradecerá pela forma como aprendeu a amar e, daí, para sempre, saberá amar a todos os seres que Deus lhe confiar.

18 PARA ONDE VÃO AS ALMAS DAS CRIANÇAS?

A MORTE AO LONGO DA HISTÓRIA

A morte é apenas um eclipse momentâneo na grande revolução das nossas existências; mas basta esse instante para revelar-nos o sentido grave e profundo da vida (Léon Denis).

○ homem nunca quis morrer, por isso sempre acreditou na continuidade da vida além da morte. As pesquisas históricas revelam que, desde a Idade da Pedra, o homem deixou sinais de culto aos mortos, respeitando-os e acreditando na sua influência sobre os vivos.

○ historiador Fustel de Coulanges concluiu, a partir das pesquisas realizadas sobre os antigos povos hindus, gregos e romanos, que para eles “a morte foi o primeiro mistério; ela colocou o homem no caminho de outros mistérios. Elevou seu pensamento do visível para o invisível, do passageiro para o eterno, do humano para o divino”⁹¹.

○ Espiritismo ensina que “a morte é apenas a destinação do envoltório corporal, que a alma abandona, como o faz a borboleta com a crisálida, conservando seu corpo fluidico ou perispírito” (QE: cap. 2, item 12). A ciência espírita nos habituou a substituir o termo “morte”, que dá a ideia de fim, por “desencarnação”, informando que o Espírito deixou a carne, o corpo denso, para passar a usar apenas o corpo espiritual e continuar vivo. Os antigos gregos e romanos, bem antes de surgirem os filósofos, já acreditavam nessa verdade. Entendiam a morte não

⁹⁰ 5. C. G. JUNG, em *O desenvolvimento da personalidade*, p. 75-76. *’’

⁹¹ | Fustel de COULANGES, em *A cidade antiga*, p. 49.

como uma dissolução do ser, mas como simples mudança de vida. Não acreditavam que a alma pudesse animar outro corpo, nem que fosse para uma região distante do plano invisível, mas sim que continuava junto dos homens, vivendo sobre a Terra. Neste particular, estavam coerentes com o que hoje nos ensinam os Espíritos Superiores.

“A morte não existe como a entendemos. O que se verifica, apenas, é uma transformação da vida. Os teólogos suprimiram a chave simples das nossas crenças. Quando o corpo é reclamado pelo sepulcro, o Espírito volta à pátria de origem, e, como a natureza não dá saltos, as almas que alimentam aspirações puramente terrestres continuam no ambiente do mundo, embora sem o revestimento do corpo carnal. Desde a mais remota antiguidade, os homens se comunicaram com os seus semelhantes desencarnados.⁹²”

Logo, depois da morte física, o que de mais surpreendente vamos encontrar é a própria vida!

Entendemos, portanto, a vida na matéria como um estágio necessário à nossa evolução, e é, no corpo físico, que mais rapidamente conquistamos valores imperecíveis para nosso progresso moral e intelectual. Mas, se é para evoluir que renascemos, por que, então, a vida se interrompe na infância? O Codificador, assim como você, leitor amigo, fez a mesma interrogação. A mortalidade infantil à época de Kardec alcançava índices assombrosos. Segundo nos informa Ba- dinter⁹³, na França, entre **1740**e **1789** —ano da eclosão da Revolução Francesa —, a taxa de mortalidade infantil alcançou o assombroso índice de **270** crianças por mil nascidas com vida. Acrescenta a autora que, no mesmo período, de mil crianças nascidas apenas **720** alcançaram o primeiro ano; **574** passaram do quinto ano e apenas **522** celebraram os dez anos de existência! Para comparação, a taxa média de mortalidade infantil na França, em **1996**, foi de cinco para cada mil bebês nascidos com vida. No Brasil, infelizmente, essa taxa ainda está em tomo de **27**! Surpreendido com aquele fato, evidentemente, o Codificador perguntou: “Por que tão frequentemente a vida se interrompe na infância?” (LE: q. **199**).

Hoje, Kardec, com relação ao seu país, não faria, sem dúvida, o questionamento da mesma forma, mas a resposta dos Espíritos mantém- se atualizada, pois reflete a lei divina de causa e efeito, que rege nossas vidas e o programa reencarnatório de cada um de nós.

Eis a resposta: “A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que devera terminar, e sua morte, também não raro, constitui *provação ou expiação para os pais*” (sublinhamos).

A resposta dos Espíritos revelou as razões possíveis para a morte prematura de um Espírito reencarnado, cuja finalidade única é a sua evolução. E, no que diz respeito aos motivos alegados, o Codificador teve oportunidade de comprová-los durante toda a sua vida, dedicada à compreensão da lei de causa e efeito. Quanto ao *complemento de existência*, Kardec estudou o caso de um garoto de nome Marcelo, de aproximadamente nove anos, internado em um hospital e conhecido como o *Menino n. 4* (Cl. **2^a** parte, cap. VIII).

O Menino n. **4** nascera deformado, intensamente contorcido, com os braços roçando-lhe o pescoço; magérrimo e com o corpo em chagas. Sofria penosamente, condoendo o coração do mais endurecido visitante. Suportava resignadamente as suas dores e demonstrava no trato com as pessoas elevado sentimento de bondade e altruísmo. Desencarnado e evocado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas pelo Mestre de Lyon, informou que seus sofrimentos não eram uma expiação direta, mas que sofreu por uma causa justa. Fora belo, rico e adulado. Tivera acólitos e cortesãos. Fora fútil e orgulhoso. Naqueles últimos anos de sofrimento na Terra—confessou —, *alcancei a minha depuração*.

Marcelo não necessitava mais permanecer entre nós, pois conquistara a sua liberdade espiritual. O mesmo acontece com tantas outras crianças que se despedem dos pais em tenra idade. A dor da despedida —é assim que devemos entender a morte—é pungente, lancinante, mas os pais não devem aceitá-la como etema. Pais! vendo

⁹² **2.** Francisco Cândido XAVIER, em *Renúncia, pelo Espírito Emmanuel*, p. **226**.

⁹³ **3.** Elisabeth BADINTER, em *Um amor conquistado*, p. **138**.

seu filhinho no leito da morte, não perguntem ao Pai de todos nós “por quê”. Se Ele respondesse de imediato, sem dúvida aumentaria o seu sofrimento. Não rogue a Deus, em preces clamorosas, para que seu filhinho continue vivendo de qualquer forma. O momento é de pedir ao Senhor das Vidas que se faça a Sua vontade e não a nossa. Não foi assim que Jesus nos ensinou e exemplificou no instante da crucificação? Observe como se comportou Maria, ao ver seu filho crucificado sem culpa. É oportuno lembrar que cada um de nós tem um programa de vida que deve ser respeitado.

Não reclames da Terra Os seres que partiram...

Olha a planta que volta Na semente a morrer.

Chora, de vez que o pranto Purifica a visão.

No entanto, continua Agindo para o bem.

Lágrima sem revolta É orvalho da esperança.

A morte é a própria vida Numa nova edição.⁹⁴

Quanto à *depuração* de que falou Marcelo, Denis ensina que ela se processa pela dor física. Ela tem a função de desatar “quimicamente os laços que prendem o Espírito à carne”⁹⁵. Há Espíritos que, para se livrarem dos fluidos grosseiros que os retêm nas regiões inferiores, reencarnam para deles se livrar. Essa é uma das razões das curtas existências de algumas crianças. “Essas almas” – continua Denis – “puderam adquirir na Terra o saber e a virtude necessários para subir mais alto: como um resto de materialidade impedisse ainda o seu vôo, elas vieram terminar, pelo sofrimento, a sua completa depuração”⁹⁶. Esta verdade deve ajudar os pais e as mães, bem como avozinhas e tias, a minorar seus sofrimentos pelo retomo rápido do ente querido: alçou vôo para libertar-se do jugo da matéria, transformou-se para melhor: a borboleta rompeu o casulo e buscou o espaço... Como é consoladora a Doutrina Espírita.

No entanto, a *causa mortis* de muitas crianças em tenra idade não é consequência exata do que fora programado para elas no mundo espiritual. Muitas desencarnam fora do dia indicado para sua libertação. Muitas mortes infantis fora do tempo programado podem ser creditadas às próprias mães! E o que esclarece os Espíritos. Vale a pena reproduzir o trecho onde a irmã Blandina nos informa a esse respeito:

Em verdade, a maioria das mães é constituída por sublime falange de almas nas mais belas experiências de amor e sacrifício, carinho e renúncia, dispostas a sofrer e a morrer pelo bem-estar dos rebentos que a Providência Divina lhes confiou às mãos temas e devotadas, contudo há mulheres cujo coração ainda se encontra em plena sombra. Mais fêmeas que mães, jazem obcecadas pela ideia do prazer e da posse, despreocupando-se dos filhinhos, lhes favorecem a morte. O infanticídio inconsciente e indireto é largamente praticado no mundo.⁹⁷

Quanto a essa verdade, a mídia de todo o mundo publica, vez ou outra, fatos estarrecedores de mães e pais que abandonam, vendem e violentam fisicamente seus filhos.

Após prestar maiores esclarecimentos a André Luiz sobre a programação estruturada nos planos da verdadeira vida, prevendo os anos de existência na Terra e a dificuldade apresentada pela maioria dos candidatos à vida corporal, ela conclui:

Temos irmãs que por nutrirem pensamentos infelizes envenenam o leite materno, comprometendo a estabilidade orgânica dos recém-natos; vemos casais que, através de rixas incessantes, projetam raios magnéticos de natureza mortal sobre os filhinhos tenros, arruinando-lhes a saúde, encontramos mulheres in

⁹⁴ 4. Francisco Cândido XAVIER, em *Caravana do amor, pelo Espírito Emmanuel, mensagem **Ninguém morre***.

⁹⁵ 5. Léon DENIS, em *Depois da morte*, p. 14.

⁹⁶ 6. *Ibidem*.

⁹⁷ 7. Francisco Cândido XAVIER, em *Entre a Terra e o Céu, pelo Espírito André Luiz*, p. 68.

vigilantes que confiam o lar a pessoas ainda animalizadas, que, à cata de satisfações doentias, não se envergonham de ministrar hipnóticos a entezinhos frágeis, que reclamam desvelado carinho⁹⁸

As declarações da abnegada Blandina parecem duras demais, porém o conceito de infanticídio materno em nosso mundo é comprovado por Badinter, através de pesquisas feitas em documentos da Idade Média e da Idade Moderna, quando o alto índice de mortalidade infantil se deveu exatamente ao desinteresse das mães pelos seus filhos. O primeiro e mais doloroso sinal de rejeição da mãe é percebido pelo filho quando da recusa em dar-lhe os seios para amamentá-lo. Pouquíssimas se davam à sublime prática da amamentação dos seus filhos, sendo o comum entregá-los às amas-de-leite, um hábito generalizado e até profissionalizado, e consagrado como necessário pelos pensadores da época, que afirmavam ser o ato de oferecer os seios túrgidos de leite ao filho por demais lascivo, tanto para a lactante quanto para o lactente. Mais ainda: que amamentar roubava a beleza e o viço sexual da mulher. Elas, as mães, quando não se dedicavam ao trabalho com o marido por necessidades financeiras, entregavam-se aos prazeres mundanos, tendo raramente notícias de seus filhos, que minguavam pela falta de amor da mãe nos braços das amas-de-leite. Não oferecendo amor, carinho e segurança ao filho, estiolava-se ele como flor que não recebe água, não suportando a indiferença da mãe. Sem dúvida, Blandina, ao falar do infanticídio inconsciente e indireto praticado pelas mães — e aqui acrescentemos a responsabilidade dos pais, pois eles assim queriam —, se fundamenta na História privativa da Humanidade, que muito pouco conhecemos, para analisar o caso daquela maneira.

Não podemos deixar de incluir na estatística de mortes prematuras a agressão do meio onde vive a criança. As misérias física e moral — esta muito mais prejudicial que aquela — são também fatores que favorecem a morte prematura. Amor, alimentação sadia, higiene, assistência médica e evangelização é tudo o que necessita a criança para permanecer mais tempo no corpo físico, aproveitando a oportunidade de que tanto necessita para sua evolução. De qualquer forma, sem a intenção de pregar a resignação passiva, vivemos num mundo de provas e expiações, em que a grande maioria dos Espíritos que aqui reen- camam ficam sujeitos aos infortúnios de um mundo carente de reforma moral. São as dores externas que promovem mais rapidamente a evolução, não sendo necessariamente expiatórias. E a “dor-evolução”. Em virtude disso, sujeitamo-nos às dificuldades próprias do meio, podendo ser aproveitadas como degraus da escada evolutiva, favorecendo-nos a ascensão espiritual, se não nos revoltarmos contra elas.

A CRIANÇA NO MUNDO ESPIRITUAL

Que sucede ao Espírito de uma criança que morre pequenina?

Recomeça outra existência (LE, q. 199).

Ficam os pais muito interessados em saber para onde vão seus filhos, após se despedirem desta vida tão cedo. Atentemos para o que escreveu o professor Allan Kardec:

Se uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida a outra metade? Semelhante ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os retardatários só de si mesmos se podem queixar. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade (LE, q. 199).

Infelizmente, a ideia imposta por crenças infundadas na existência de locais no “mundo dos mortos” — denominados *inferno*, onde as almas que cometeram “pecados mortais” irão sofrer eternamente, e *purgatório*, onde elas padecerão, com a esperança de ir para o *céu*, local onde estão os eleitos de Deus — ainda predomina

⁹⁸ 8. *Idem*, p. 69.

na mente de muitas criaturas. Considerando reais essas hipóteses, onde ficariam as almas das crianças que não praticaram o mal, mas também não tiveram oportunidade de fazer o bem? A Igreja admitiu a existência do *limbo*, onde não sofrem, mas também não gozam das bem-aventuranças. Situação indefinida e contrária à lei do amor. Nenhum pai criaria semelhantes locais para lá permanecerem seus filhos porque lhe desobedeceram. Por que Deus, na sua infinita bondade, não daria àquelas almas outras oportunidades de praticar o bem se assim desejarem, usando da Caridade da reencarnação? Diante desse raciocínio, toma-se inadmissível a existência de locais determinados para lá sofrer após a desencarnação ou viver na contemplação. Qual a mãe que estando no “céu” não pediria ao Criador para viver no “inferno” ou no “limbo”, ao saber que lá está um dos seus filhos amados? Essa mãe teria mais amor no coração do que o nosso Pai ? Impossível! Inaceitável!

A morte prematura é uma prova que também é dirigida aos pais, que muito sofrem com a partida do filho em tenra idade. Mas nada se perde na realidade, pois a justiça e a misericórdia divinas estão sempre presentes na dinâmica da vida. Nós é que demoramos a enxergá-las, obnubilados que ficamos pelo nosso egoísmo e vaidade, que alimentam ainda nossas almas. A morte de uma criança nos parece algo violento, pois uma vida foi cerceada no seu “começo”, quando ela suscitava aos pais e demais familiares planos e sonhos para ela e para todos. Esquecemos que o “começo” de sua vida não se deu naquele momento: o Espírito preexistia àquele corpo e sobreviverá após a sua morte.

Em *Entre a Terra e o Céu*, o Instrutor Clarêncio, à noite, no plano espiritual, conduz uma caravana de mães que se libertaram do corpo físico durante o sono. Vão ansiosas visitar seus filhinhos que foram arrebatados temporariamente ao convívio com elas, no plano da vida material. A caravana chega ao Lar da Bênção, onde se dão os reencontros de mães e filhos. Beijos, abraços e palavras carinhosas são trocadas com muita alegria, substituindo a ansiedade e a saudade de antes, que se alojavam nos corações aflitos daqueles seres⁹⁹.

Ainda no plano espiritual, na Casa Transitória, crianças desencarnadas recebem suas mães, quando liberadas do corpo pelo sono, demonstrando entendimento sobre a dinâmica da vida espiritual mais do que as suas genitoras. Buscam socorro para suas aflições e saudades dos filhos recém-desencarnados¹⁰⁰.

Resumimos algumas condições, entre muitas, em que ficará o Espírito de uma criança após a sua desencarnação:

1) será, de um modo geral, acolhido em determinada colônia espiritual, segundo seu estágio evolutivo, por aqueles que o tutelaram na vida corpórea;

2) poderá permanecer no mundo espiritual o tempo que for necessário para o seu desenvolvimento e então passar da infância para a adolescência e, conseqüentemente, atingir a maturidade ainda desencarnado, se antes não tomar consciência de sua condição de Espírito imortal;

3) poderá chegar ao mundo espiritual com seu “aspecto” ainda infantil e, dentro de algum tempo, de conformidade com a conscientização que venha ter do seu novo estado, apressar seu desenvolvimento, adotando o “aspecto” que desejar;

4) sendo suficientemente evoluído, retoma a sua individualidade integral após a desencarnação, mas, para ser reconhecido pela sua mãezinha, quando aparece para ela em sonho, toma a forma com a qual desencarnou.

Muito teríamos que escrever, ainda, sobre a morte prematura na visão espírita, mas esperamos que as informações oferecidas até aqui ajudem a dar consolação a todos que devolveram seus filhos ainda pequeninos aos braços do Criador, sabendo que eles têm um destino justo, sem a crença perturbadora de inferno, purgatório e limbo, nem também a de um céu contemplativo, não consonante com o que nos ensinou o Senhor da Vinha. “Meu Pai trabalha até agora, e eu também trabalho” (Jo 5:17).

Na saudade do filho querido que se foi antes de você, antecipe a alegria do reencontro com ele, com a certeza

⁹⁹ 9. Francisco Cândido XAVIER, em *Entre a Terra e o Céu*, pelo Espírito André Luiz, cap. 8.

¹⁰⁰ 10. Idetn, em *Obreiros da vida eterna*, pelo Espírito André Luiz, p. 139.

de que jamais se separarão.

REFLEXÃO

*Os Filhos*¹⁰¹

E uma mulher que carregava seu filho nos braços disse: “Fala-nos dos filhos”.

Vossos filhos não são vossos filhos.

São os filhos e as filhas da saudade da Vida por si mesma.

Eles vêm através de vós, mas não de vós,

E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,

Porque eles têm seus próprios pensamentos.

Podereis abrigar seus corpos, mas não suas almas.

Pois suas almas moram na mansão do amanhã, que vós não podereis visitar nem mesmo em sonho.¹⁰²

Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós.

Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda Sua força para que Suas flechas se projetem, rápidas e para longe.

Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria. Pois assim como Ele ama a flecha que voa, também ama o arco que permanece estável.

PALAVRAS FINAIS

Prezado(a) leitor(a),

O jornalista, crítico e filólogo Henry Louis Mencken escreveu que “o principal conhecimento que se adquire lendo livros é o de que poucos livros merecem ser lidos”. Minha esperança é a de que este tenha merecido a sua atenção, valendo a pena nos acompanhar nas digressões a respeito dos temas ligados à primeira fase da vida de todos, sob a ótica espírita. Se você chegou até aqui, não se pode negar o seu interesse pela criança, fazendo jus ao meu agradecimento.

Sem dúvida, percebeu você muitos hiatos, sentindo que mais poderia se escrever sobre tão vasto e importante assunto. Também tive esse sentimento e me contive para não abrir novos capítulos, o que tomaria a obra por demais volumosa, sem que, mesmo assim, alcançasse essa meta tão almejada: a de exaurir um determinado assunto. Creio que qualquer tema relevante, principalmente o relacionado com o ser humano, não se esgota em um livro e nem mesmo numa coleção deles.

Se você concorda comigo que a criança é um ser completo em si mesmo, que não é apenas o traje, as brincadeiras, a escola, a inocência, a pureza, a docilidade e a “coisinha fofa” que todos gostamos de manusear; se concorda que cada criança tem a sua história, a qual não se limita aos seus poucos dias de vida nesta existência, pois tem um passado que o esqueceu por enquanto; se admite que ela, qualquer que seja a criança, é um Espírito velho em nova experiência em um corpo que limita as manifestações de suas tendências, tomado-se dócil para ser reeducada, valeram a pena estas páginas!

Incomensurável é a nossa responsabilidade com a criança, pois ela é a esperança. Lembra-se da primeira Reflexão? “De um modo ou de outro, todos tereis, doravante, esse *tesouro vivo*, ao vosso lado, em qualquer parte da Terra, *a fim de que possais aperfeiçoar o mundo e santificar o porvir!*” Você, que a vê e pode tocá-la, agora

¹⁰¹ **11.** *Gibran Khalil GIBRAN, em O profeta, p. 15.*

¹⁰² **12.** *Como vimos antes, isso é possível, sim!*

sabe que ela tem uma história que não se limita aos seus dias de vida entre nós e, quem sabe, dela você também participou. Mas, graças à amnésia temporária que lhe é imposta nesta reencarnação, num “faz-de-conta” que nada sabe, vai aprender a amá-la incondicionalmente, tendo a certeza que o futuro espiritual dos dois e do nosso mundo dependerá de como a concebe, educa e ama.

Se a criança que está a sua frente porta qualquer deficiência, necessitando de cuidados especiais, veja nela uma alma guerreira com a disposição de vencer a si mesma para se libertar da clausura da carne e caminhar em direção à luz do Alto. Não façamos juízo precipitado sobre as causas de suas limitações. Não sejamos maniqueístas, pois não temos, ainda, pleno entendimento sobre a razão do sofrimento que acomete todos os Espíritos. Nesse particular, lembramos sempre do cego de nascença, na piscina de Siloé, em Jerusalém, que foi curado por Jesus. Assim narra o evangelista:

Ao passar, ele viu um homem *cego de nascença*. Seus discípulos lhe perguntaram:

— Rabi, *quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?*” Jesus respondeu:

— *Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus (Jo 9.1 ss)* (grifamos).

Nenhuma criança nasce por acaso, mesmo naquelas situações em que se evidenciam a violência ou a irresponsabilidade sexual ou, ainda, o não planejamento dos pais pela vinda do seu filho ao mundo. Em todas essas ocasiões, em que o Espírito se vincula à mulher pela gravidez, a Providência Divina está presente, ofertando oportunidade de crescimento espiritual para todos os que se circunscrevem ao milagre do renascimento.

Talvez você não precisasse ter lido este livro para entender o que é uma criança. Mas não deixe de ler e reler a criança que tem à sua frente, para cada vez mais aprender e se conscientizar que ali está um recado de Deus para você e para todos nós. Escreva alguns capítulos vivos sobre a criança, estudando e se interessando mais por ela, contribuindo, assim, para a regeneração do nosso planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad.: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, **2002**. (Série Ouro)
- ANDREA, Jorge. *Forças sexuais da alma*. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, **1979**.
- ARIES, Philippe. *História social da criança e da família*. **2**. ed. Trad.: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, **1981**.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. **5**. ed. Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, **1985**.
- COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Trad.: Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Editora das Américas, **1961**. (vol. I)
- DENIS, Léon. *Depois da Morte*. Trad.: João Lourenço de Souza. **11**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **1978**.
- DENIS, Léon. *O problema do ser, do destino e da dor*. **11**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **1993**.
- DEWALD, Paul. *Psicoterapia: uma abordagem dinâmica*. Trad.: Helena Mascarenhas de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, **1981**.
- EBY, Frederick. *História da educação moderna*. Rio de Janeiro: Globo, **1962**.
- FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. Trad.: Pe. Maurício Ruffier. São Paulo: Loyola, **1988**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Compromissos iluminativos*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. Salvador: Leal, **1991**.

- FRANCO, Divaldo Pereira. *Elucidações psicológicas à luz do Espiritismo*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Org.: Geraldo Campetti Sobrinho e Paulo Ricardo A. Pedrosa. Salvador: Leal, **2002**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. **5**.ed. Rio de Janeiro: FEB, **1991**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Grilhões partidos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. **6**. ed. Salvador: Leal, **1989**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Loucura e obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. **3**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **1990**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *O despertar do Espírito*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Leal, **2000**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *S.O.S. família*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Leal, **1994**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Sexo e obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador: Leal, **2002**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Trilhas da libertação*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. **6**. ed. Salvador: Leal, **2005**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Triunfo pessoal*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: Leal, **2002**.
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Vida: desafios e soluções*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. **5**. ed. Salvador: Leal, **2000**.
- GIBRAN, Gibran Khalil. *O profeta*. Trad.: Mansour Challita. **8**. ed. ilustr., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, **1970**.
- HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Trad.: Waltensir Dutra. **2**. ed. Rio de Janeiro: Zahar, **1962**.
- JACINTHO, Roque. *Desenvolvimento mediúnico*. **12**. ed. São Paulo: LuznoLar, **1993**.
- JUNG, Carl G. *O Desenvolvimento da personalidade*. Trad.: Frei Valdemar do Amaral. **2**. ed. Petrópolis: Vozes, **1986**.
- KARDEC, Allan. *A gênese*. **43**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **2003**. KARDEC, Allan. *A prece*. **41**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **2003**.
- KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. **51**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **2003**.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. **121**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **2003**.
- KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. **84**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **2003**.
- KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. **71**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **2003**.
- KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. **47**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **2003**.
- KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. **3**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **2003**. KARDEC, Allan. *Revista espírita*. São Paulo: Edicel, **1985**.
- LOBO, Ney. *Filosofia espírita da educação*. Rio de Janeiro: FEB, **1989**. (vol. I)
- MIRANDA, Hermíbio C. *A memória e o tempo*. **3**. ed. Niterói, RJ: Arte&Cultura, **1991**.
- PERALVA, Martins. *Mediunidade e evolução*. **5**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **1987**.
- PEREIRA, Ivone A. *À luz do Consolador*. Rio de Janeiro: FEB, **1997**.
- PEREIRA, Ivone A. *Devassando o invisível*. **2**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **1964**.
- PEREIRA, Ivone A. *Dramas da obsessão*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. **6**. ed. Rio de Janeiro: FEB, **1987**.

- PEREIRA, Ivone A. *Recordações da mediunidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PIRES, J. Herculano. *Parapsicologia hoje e amanhã*. 6. ed. São Paulo: Edicel, 1981.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Trad.: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão/desobsessão*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.
- TEIXEIRA, J. Raul. *Desafios da educação*. Pelo Espírito Camilo. Niterói: Fráter, 1995.
- VIEIRA, Waldo. *Conduta espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. Trad.: Libero Rangel de Tarso. 5. ed. São Paulo: Atena, 1959.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1959.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Agenda cristã*. Pelo Espírito André Luiz. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1979.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Caravana do amor*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: IDE, s/d.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. esp., Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Estante da vida*. Pelo Espírito Irmão X. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1983.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1975.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções psicofônicas*. Por Espíritos diversos. Rio de Janeiro: FEB, 1974.

XAVIER, Francisco Cândido. *Missionário da luz*. Pelo Espírito André Luiz. **30.** ed. Rio de Janeiro: FEB, **2007**.

XAVIER, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. **3.** ed. Rio de Janeiro: FEB, **1958**.

XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, **2003**.

XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, **1988**.

XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. **18.** ed. Rio de Janeiro: FEB, **1991**.

XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. **13.** ed. Rio de Janeiro: FEB, **1987**.

XAVIER, Francisco Cândido. *Renúncia*. Pelo Espírito Emmanuel. **33.** ed. Rio de Janeiro: FEB, **2005**.

XAVIER, Francisco Cândido. *Sinal verde*. Pelo Espírito André Luiz. Uberaba: CEC, s/d.

XAVIER, Francisco Cândido. *Vida e sexo*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, **1991**.

XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, **1990**.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. **10.** ed. Rio de Janeiro: FEB, **1987**.

Caro leitor

Maneira simples de você ficar bem informado sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.

Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o diretamente através dos fones (Oxx **16**) **3382-1066**, **3382-1471**, fax (Oxx**16**) **3382-1647**, site: <http://www.oclarim.com.br> ou através do e-mail: oclarim @ oclarim.com.br

Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.

CASA EDITORA O CLARIM Rua Rui Barbosa, **1070** — CEP **15990-903** MATÃO, SP